

DIVULGAÇÃO MARXISTA

SUMÁRIO

Calvino Filho — A situação brasileira e a posição do PCB	1
Kautski — Estudemos o marxismo	11
Kolbanovskii — Sobre a moral comunista	41
Hook — Para compreender e interpretar Marx	57
Correspondência dos nossos leitores	70
Ronin — O socialismo e a igualdade	71
Perguntas e respostas	74
Kolachnikov — A instrução pública em 20 anos de poder soviético	75
Perevertailo — Sobre a situação na China	79
Plerriánov — Dialética e lógica	85
Síntese	92
Dobrúchin — O comércio dos E.E.U.U. e da Grã Bretanha com os países da América Latina durante a Segunda Guerra Mundial	93
Questões de economia política	97
O pensamento de Marx	102
Lénin — As três fontes e as três partes integrantes do marxismo	103
O pensamento de Stálin	108
Prenant — Biologia e marxismo	109
Angrand — A filosofia ao alcance de todos	121
De tudo um pouco	128

ANO II

25 JANEIRO 1947

N.º 14

DIVULGAÇÃO MARXISTA

Publicação quinzenal

Sai aos dias 10 e 25 de cada mês

Direção de

Calvino Filho

e

S. O. Hersen

Redação e Administração

Av. 28 de Setembro, 174

Rio de Janeiro — Brasil

*

Número em circulação... Cr\$ 7,00

Número atrasado Cr\$ 10,00

*

ASSINATURAS

Para o Brasil:

Anual (24 números) .. Cr\$ 140,00

Semestral (12 números) Cr\$ 70,00

Trimestral (6 números) Cr\$ 35,00

Para o Exterior:

Anual — 7 dólares americanos.

*

As assinaturas começam da data em que são tomadas e cada número da revista é remetido sob registro.

Os pedidos devem ser dirigidos à

EDITORIAL CALVINO LIMITADA

Av. 28 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

*

Foi publicado no número 13 de *Divulgação Marxista*:

Calvino, A URSS é uma potência imperialista? A economia capitalista em tempo de guerra; *Lipetsker*, O direito de propriedade na União Soviética; *A. Vanick*, Que consequências advirão de Volta Redonda para o desenvolvimento econômico do Brasil?; Perguntas e respostas; *Angrand*, A filosofia ao alcance de todos; A população brasileira segundo

a cor, o estado civil, a nacionalidade, a instrução e suas atividades principais; *E. Varga*, As peculiaridades da política interna e externa dos países capitalistas na época da crise geral do capitalismo; Ignorância e reacionarismo; *Leontiev*, O método soviético de industrialização; Questões de economia política; *Gal-kin*, A Comuna de Paris de 1871; *Hock*, Para compreender e interpretar Marx; *Marx*, A bondade cristã; *Prado*, Exploração de jazidas no Brasil colonial; *Lénin*, Para os reacionários lerem; *Prenant*, Biologia e marxismo; Pequeno Dicionário Marxista; Índice geral de toda a matéria publicada nos 12 primeiros números de *Divulgação Marxista*, etc..

Calvino Filho, E' a URSS uma potência imperialista?; *Taignin*, O desenvolvimento da democracia nos países da Europa oriental; O que está certo e o que está errado; *Sabença*, A indústria siderúrgica; Sínteses; O pensamento de Stálin; *Lesnik*, As liberdades políticas na União Soviética; *Lénin*, Marxismo e revisionismo; Ditadura do capital escravizador; Ignorância e reacionarismo; *Stálin*, Como se dividiu o mundo; *Angrand*, A filosofia ao alcance de todos; *Prestes*, 27 de Novembro de 1935; *Segal*, A vitória do socialismo; Questões de economia política; O pensamento de Lénin; Perguntas e respostas; *Hook*, Para compreender e interpretar Marx; *Marx*, Os camponeses na Alemanha; *Prenant*, Biologia e Marxismo; Pequeno Dicionário Marxista, Etc., etc..

LEIA DIVULGAÇÃO MARXISTA DE GRAÇA

Faça com que 10 pessoas das suas relações, por seu intermédio, assinem esta revista e conquiste, como prêmio, uma assinatura gratuita.

DIVULGAÇÃO MARXISTA

Ano II

Diretores: *Calvino Filho e S. O. Hersen*

N.º 14

A SITUAÇÃO BRASILEIRA E A POSIÇÃO DO PCB

CALVINO FILHO.

PODE O PCB ESTAR PREPARANDO UMA REVOLUÇÃO COMUNISTA ?

É possível o PCB promover no Brasil, no estágio econômico-social em que se encontra, dentro do atual quadro internacional, uma revolução comunista?

Absolutamente, não. Por que?

Porque uma revolução não é produto da vontade de um homem ou de um partido: *"dezenas de milhões de homens não fazem uma revolução em virtude de ordens; marcham para ela quando a necessidade os atola num pantanal, quando o povo se encontra numa situação intolerável"* (Stálin). Porque *"Há muito que se foi o tempo do ponto de vista ingênuo, que considerava as más intenções de meia dúzia de agitadores como causa da revolução. Atualmente, todos sabem que, toda vez que surge uma comoção revolucionária, há por traz dela, sempre e em toda a parte, a necessidade social, cuja satisfação é freada pelas instituições caducas. Essa necessidade pode não se fazer sentir tão fortemente ainda, pode ainda não entrar suficientemente na consciência geral para assegurar a vitória imediata, mas qualquer tentativa de esmagá-la violentamente não consegue senão obrigá-la a manifestar-se com força acrescida, até que quebre, por fim, as correntes"* (Marx e Engels — *A revolução e a contra-revolução na Alemanha* — Obras escolhidas, tomo II, págs. 31-32, ed. russa).

"A lei fundamental da revolução, confirmada por todas elas, e, em particular, pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: não basta, para a revolução, que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem modificações; para que a revolução se realize, é necessário que os explo-

radores não possam viver nem governar como antes. Só quando as "camadas inferiores" não querem o velho e as "camadas superiores" não podem sustentar o modo antigo, só então pode triunfar a revolução. Por outras palavras, esta verdade se expressa assim: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral, que afete explorados e exploradores" (Lénin — *Obras Escogidas*, vol. IV, pág. 313 — ELE, 1944).

E a revolução só toma o carácter social, isto é, de luta de classes, de substituição de classe no poder, quando condições objetivas e subjetivas o permitem. Caso contrário, embora cruenta e dolorosa, não passará de uma revolução política, que se limita à substituição de homens no governo, mas ainda saídos das mesmas classes dirigentes.

Lembremo-nos da revolução de 30 e do último golpe de Estado, no Brasil. Houve apenas a substituição de homens. Quanto ao mais, tudo continuou como dantes.

E por que não tomaram o carácter de revolução social a nossa revolução de 30 e o golpe que derrubou Vargas?

Porque as nossas condições objetivas (*estrutura econômica semi-colonial*) não podiam gerar um proletariado revolucionário, comunista. Somente os países capitalistas podem possuir proletariados com capacidade de adquirir consciência revolucionária no transcurso do desenvolvimento da contradição fundamental do capitalismo.

Referindo-se à situação da Rússia em 1905 (e nós estamos mais atrasados do que a Rússia de 1905, basta dizer que, desde 1883, ela já possuía círculos comunistas), dizia Kautski: "*Uma revolução não poderá estabelecer imediatamente na Rússia um regime socialista, pois as condições econômicas estão ali demasiado atrasadas*" (Kautski — *A profecia da revolução*). Lénin, também em 1905, dizia: "*O grau de desenvolvimento econômico da Rússia (condição objetiva) e o grau de consciência e de organização das grandes massas do proletariado (condição subjetiva indissolúvelmente ligada à objetiva) tornam impossível a libertação completa e imediata da classe operária. Só as pessoas mais ignorantes podem desconhecer o carácter burguês da revolução democrática que se está processando; só os mais cêditos otimistas podem esquecer quão pouco conhece ainda a massa dos operários os fins do socialismo e os processos para realizá-lo*" (Lénin — *Dois táticas*, pág. 42 — Edit. Calvino Ltda., 1945). Prestes, marxista, portanto realista, em face da nossa situação, reconheceu que: "Em países, tais como o Brasil, a classe operária sofre menos por força do capitalismo do que pela insuficiência do seu desenvolvimento". E Marx, em 1864, já havia dito: "A causa reside nos modos de produção antiquados e obsoletos, que sobrevivem com o cortejo de condições sociais e políticas em contradições com a época atual. Os mortos não nos causam menos transtornos que os vivos, conforme o axioma jurídico: *le mort saisit le vif* (Marx — Prefácio à 1.^a ed. de *O Capital*).

Por que Prestes fez a afirmativa acima?

Por despistamento? Por oportunismo? Açereamente? Não. Absolutamente, não. Fê-la como marxista.

Prestes conhece a realidade brasileira e sabe perfeitamente que ainda somos um país semi-colonial, conforme ressaltou em seu notável discurso na Constituinte, em 16-6-1946.

E, no atual quadro mundial, não há possibilidade para uma revolução comunista seja em qual for o país no mesmo grau de evolução econômico-social existente no Brasil.

Se não existem condições objetivas no Brasil (desenvolvimento econômico que permita o aparecimento em quantidade e qualidade de massas trabalhadoras) para uma revolução comunista, então por que existe o Partido Comunista? E' uma pergunta que se impõe.

POR QUE EXISTE O PCB ?

Quando se acentuou o desenvolvimento industrial do Brasil? Com a guerra de 14-18. Quando foi criado o PCB ? Em 1922.

Que revela isso? Revela que, da mesma forma ocorrida em todos os países do mundo, com o desenvolvimento do Brasil, industrialmente, desenvolve-se o proletariado e, com o crescimento do proletariado e suas lutas políticas e econômicas, se vai criando a consciência de classe e o surgimento dessa consciência gera a necessidade de um Partido que defenda os interesses imediatos e remotos da classe e, no movimento histórico mundial do operariado, o Partido, o verdadeiro partido do proletariado, é o Partido Comunista.

"Na sua luta contra o poderio coletivo das classes possuidoras, o proletariado não poderá agir como classe, salvo se organizar seu próprio partido político, em oposição a todos os antigos partidos criados por essas classes. Uma tal organização do proletariado em partido político é indispensável para assegurar a vitória da revolução social e o seu objetivo final: a supressão das classes. A união das forças operárias, união que se conseguiu na luta econômica, veio igualmente servir ao proletariado como alavanca na sua luta contra o poderio político dos seus exploradores. Como os proprietários da terra e do capital se servem dos seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos e para converter o trabalho em escravidão, a conquista do poder político torna-se a grande tarefa do proletariado" (As 3 Internacionais, "in" Manifesto Comunista, pág. 269 — Edit. Calvino Ltda.).

... "o Partido não pode ser apenas um destacamento de vanguarda, tem de ser, ao mesmo tempo, um destacamento da classe, uma parte da classe, intimamente vinculada a ela por tôdas as raízes de sua existência. A diferença entre o destacamento de vanguarda e o resto da massa da classe operária, entre os filiados ao Partido e os sem-partido, não pode desaparecer enquanto não desaparecerem as classes, enquanto o proletariado vir engrossarem suas fileiras com elementos procedentes de outras classes, enquanto a classe operária em seu conjunto não tiver a possibilidade de se elevar ao nível do destacamento de vanguarda. Mas o Partido deixaria de ser tal partido se essa diferença se convertesse numa ruptura, se se fechasse em si mesmo e se afastasse das massas sem-partido. O Partido não poderá dirigir a classe operária se não estiver vinculado às massas sem-partido, se não houver traços de união entre o Partido e as massas sem-partido, se estas massas não aceitarem sua direção, se o Partido não gozar de crédito moral e político entre as massas" (Stálin — Sobre os fundamentos do leninismo, pág. 133 — Edit. Calvino Ltda. — 1945).

E o Partido Comunista é um partido que tem um programa ditado pelo marx-lénin-stalinismo, isto é, pela ciência do proletariado, que estuda tôdas as leis do desenvolvimento social à luz da verdade, sem preconceitos e sujeição a dogmas estabelecidos pelos interesses da classe dominante.

...*"só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir a missão de combatente de vanguarda"* (Lénin).

E que é o marxismo? O marxismo, essencialmente, é a teoria e prática da revolução social; não é um dogma, pois, mas um guia para a ação.

E que ensina o marx-lénin-stalinismo?

Que o desenvolvimento da sociedade humana é irregular. Uns povos encontram-se mais adiantados (capitalistas) e outros mais atrasados (colônias e semi-colônias).

Que a força revolucionária no mundo capitalista é o proletariado. Logo, os países que ainda não possuem um proletariado (quantitativa e qualitativamente desenvolvido), tal como a maioria dos coloniais e semi-coloniais, não pode pretender tomar a iniciativa de realizar uma revolução social, na qual há, imperativamente, substituição de uma classe (burguesia capitalista) por outra (proletariado). *"O grau de desenvolvimento econômico de um país determina a extensão, a força e a unidade do proletariado"* (Kautski — *Programa Socialista*, cap. V, § 10).

Essa a razão por que, na situação atual, não é possível uma revolução social no Brasil.

O nosso jovem e pouco numeroso proletariado vai-se constituindo em "classe em si" e evolutivamente só chegará à maturidade, à "classe para si", no processo do desenvolvimento capitalista do Brasil, quando houver tomado consciência de seu papel social e consciência socialista, à base de conhecimentos científicos do socialismo e da prática diária nas suas lutas reivindicatórias.

QUE PRETENDE O PCB?

Então, se não há possibilidade imediata de uma revolução comunista, por não existirem as condições objetivas e subjetivas, que pretende o PCB? Pretende o que Prestes tem se cansado de repetir, em tôdas as horas: organizar o povo para destruir tôdas as sobrevivências feudais e a ação retardadora do capital financeiro, imperialista, que impedem a plena evolução econômica do Brasil, ou seja, o desenvolvimento amplo do nosso capitalismo progressista e da democracia, premissas do socialismo. Essa é a tarefa atual das massas trabalhadoras brasileiras, tendo à frente a sua vanguarda revolucionária, o PCB.

E por que defende o PCB tal ação?

Porque:

a) *"A muitos parece que os comunistas, os marxistas, têm a mania da violência. E' o contrário. Ninguém mais do que nós sabe e conhece as conseqüências da violência para os trabalhadores, para as grandes massas populares. São os trabalhadores, são os homens do povo*

que vão morrer nas barricadas ou sofrer no fundo dos cárceres. Não são nem os generais golpistas, nem os políticos demagogos: é o povo.

Não somos, portanto, pela violência. A violência aparece como consequência da violência da classe dominante. E' ao que estamos assistindo ainda nos dias de hoje, porque, enquanto o Partido Comunista procura lutar pela solução pacífica dos problemas nacionais — e continua a lutar por essa solução, estendendo a mão aos governantes e a todos os partidos políticos para que se unam na busca dessa solução pacífica — a resposta que recebemos são os fuzilamentos em praça pública, são as brutalidades nos cárceres policiais. A violência não é indispensável para nós e sempre que é possível encontrar solução pacífica, tratamos por ela" (Prestes — Discurso proferido na Assembléia Constituinte, em 16-6-945 — "in" Divulgação Marxista, pág. 152, n. 2, de 15-7-946).

b) Em se desenvolvendo o Brasil economicamente, desenvolve-se o nosso capitalismo progressista e, com o desenvolvimento do capitalismo, cresce o nosso proletariado, em quantidade e qualidade. Com o desenvolvimento capitalista do Brasil, criam-se as condições objetivas, sem as quais é impossível a revolução comunista; com o crescimento quantitativo e qualitativo do nosso proletariado, criam-se uma das condições subjetivas indispensáveis para se efetivar uma revolução comunista.

c) Os comunistas sabem que o ponto de partida do desenvolvimento social são as necessidades, a evolução e as ações humanas; que os que atribuem às necessidades ser o factor único do desenvolvimento e julgar ter os homens pouca influência sobre o destino da sociedade, na qual vivem, são levados ao fatalismo social, que, na prática, se traduz pela política de braços cruzados, gandhista, que subordina e põe o proletariado à reboque das classes dominantes burguesas, conservadoras e retrogradas. Por isso, os comunistas, legal ou ilegalmente, procuram não só organizar o proletariado como o povo em geral, preparando-os e exercitando-os nas lutas democráticas e anti-imperialistas, através das quais vão adquirindo consciência política e de classe e se constituem na maior força propulsora do progresso social e revolucionário porque derruba e rompe todos os entraves que impedem a evolução para formas superiores da sociedade. Assim, os comunistas mostram-se como a fração mais consciente, resoluta e patriota do povo, porque luta pelo progresso e libertação do país dos seus inimigos internos e externos. E os comunistas sabem que o Partido "para chegar a ser uma força política aos olhos do público, não basta colocar a etiqueta de "vanguarda" sobre uma teoria e uma prática de retaguarda; é preciso trabalhar muito e porfiadamente para "desenvolver" nossa consciência, nossa iniciativa e nossa energia" (Lénin — *Que Fazer?*, pág. 140).

d) Os comunistas, realistas, não alimentam ilusões "esquerdistas" e tão pouco caem no charco do oportunismo. Não se distinguem e tão pouco se retardam em face do movimento espontâneo das massas trabalhadoras, mas põem-se à sua frente, organizando-as e orientando-as.

e) Os comunistas sabem quais as tarefas a cumprir de acordo com o período histórico que estamos vivendo. Por isso, no começo de 10-12-946, no Russel, Prestes recomendou, como tarefa imediata, a luta pela Constituição e pela Democracia, dentro da ordem, rigorosamente dentro da lei,

acentuando que *"se tivermos paciência, se soubermos manter a ordem, iremos empurrando contra a parede e jogando definitivamente na cova o fascismo, que ainda sobrevive em nossa terra"*.

E por que tal recomendação? Porque pode ser repetido, como Prestes de facto repetiu, como verdade atual para nós, o que Engels afirmara noutra época e em face de condições especiais, que

"A ironia da história vira tudo de cabeça para baixo. Nós, os "revolucionários", os "rebeldes", progredimos muito mais com os meios legais do que com os meios ilegais e a subversão. Os partidos da ordem, como eles se chamam, afundam-se com a legalidade criada por eles mesmos. Exclamam, desesperados, com Odilon Barret, "La légalité nous tue" (a legalidade mata-nos), enquanto nós conseguimos, com essa legalidade, músculos vigorosos e faces rosadas e parece que fomos alcançados pelo sopro da eterna juventude. E se não somos bastante loucos para nos deixarmos arrastar ao combate de rua a fim de agradar-lhes, serão eles próprios finalmente obrigados a destruir essa legalidade que lhes é tão fatal." (Engels, introdução ao livro *As Lutas de Classes na França*, de Marx.)

f) Não foi por acaso que os trabalhadores, no último Congresso da CTAL, declararam que a principal tarefa da classe trabalhadora da América Latina consiste em conseguir a plena autonomia econômica e política das nações latino-americanas e liquidar as sobrevivências semi-feudais, que caracterizam estes países, com o propósito de elevar as condições econômicas, sociais e morais, em que se acham as grandes massas destes povos; que os trabalhadores da América Latina devem lutar para desfrutar dos seguintes direitos, como base das demais garantias sociais que deve conter o regime jurídico de cada país: direito de reunião, direito de associação, direito de greve, direito de contrato coletivo de trabalho, direito de livre expressão de idéias, liberdade para seus órgãos de imprensa, direito ao seguro social, etc.

g) E os trabalhadores brasileiros já sabem que *"o proletariado só pode atuar como classe constituindo-se em partido político diferenciado, oposto a todos os antigos partidos formados pelas classes possuidoras. Essa constituição do proletariado em partido político independente é indispensável para assegurar a vitória da revolução social e permitir alcançar seu objetivo: abolição das classes"* (Circular da AIT — 5-3-1872).

Portanto, não por oportunismo, mas como sincero marxista revolucionário, Prestes luta no Brasil para que aqui se criem as condições objetivas — desenvolvimento do capitalismo e liquidação dos entraves semi-feudais — e as subjetivas, conseqüentes, visto que outras condições subjetivas escapam dos limites de sua luta direta, por isso que elas são resultantes do desenvolvimento da sociedade, do mundo, em geral.

HÁ COERÊNCIA NA AÇÃO DO PCB ?

Mas, há coerência nessa ação do PCB ?

Sim, há. Em 1935, em que pese todas as calúnias dos fascistas e reacionários, em documento apreendido e publicado pelo delegado Belens

Pôrto em seu relatório: *A insurreição de 27 de novembro* — dizia Berger: *A etapa atual da revolução no Brasil é uma revolução nacional, anti-imperialista*, ou, seja, a revolução democrático-burguesa, ora em desenvolvimento, na expressão de Prestes, formulando o mesmo conceito.

QUE VISA O PCB COM A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICO-BURGUESA ?

Que visa o PCB com o aprofundar a revolução democrático-burguesa? Visa a constituição de um governo democrático, que tenha a coragem de romper e lutar contra tôdas as sobrevivências semi-feudais do campo e a exploração imperialista, que impede o desenvolvimento do nosso capitalismo.

Mas revolução democrático-burguesa não significará *necessariamente* uma insurreição armada? Não, pois está condicionada a múltiplos factores. Na Rússia tsarista, sim; mas, no Brasil republicano democrático, não; tanto que lenta e pacificamente ela se vem realizando.

Como então ultimá-la? Através de um governo de União Nacional, em que tôdas as forças vivas do Brasil estejam representadas e não apenas as da reação, retrógradas e subordinadas ao capital financeiro, imperialista.

Mas isso é possível? Claro que sim. Qualquer um, sem esforço, compreende que para tanto não se exige do Governo atual sinão patriotismo para realizá-lo, e, sobretudo, opinião pública democrática esclarecida e organizada para exigí-lo, pois que já existem condições para tanto.

E, para que a opinião pública se esclareça e se torne força irresistível, é preciso que os comunistas brasileiros se entreguem lealmente à organização das massas nos seus órgãos de classe e promovam a mais larga e extensa campanha pela consolidação e desenvolvimento da democracia no Brasil.

CAMINHOS PARA O SOCIALISMO

O marx-lénin-stalinismo não é um dógma e sim um guia para a ação, repetimos.

Por isso, Stálin pôde dizer ao trabalhista britânico — Morgan Phillips: *“é claro que temos ambos a intenção de atingir nosso objetivo (socialismo). O método russo é mais curto, mais rápido, mas também mais difícil. Encara a possibilidade de efusão de sangue. Mas os marxistas-leninistas jamais consideraram o método russo como o único caminho que leva ao socialismo.*

O método parlamentar não se faz acompanhar de possíveis derramamentos de sangue, mas seu processo é muito mais longo”. (O Globo 22-8-1946).

Ainda há poucos dias, em 30-12-1946, Klement Gottwald, primeiro ministro do governo tchecoslovaco e secretário-geral do Partido Comunista Tchecoslovaco, numa entrevista a Samuel Wainer, de *Diretrizes*, disse:

"A experiência e as lições clássicas do marxismo-leninismo ensinam-nos que a ditadura do proletariado e o estabelecimento dos Soviets não são o único caminho que conduz ao socialismo. Sob certas condições das forças internas e externas, o socialismo pode ser alcançado por outros caminhos.

"A derrota do fascismo e os sofrimentos de muitas nações revelaram em muitos países a verdadeira face de suas classes dirigentes e ao mesmo tempo aumentaram a auto-confiança do povo. Em momentos históricos como estes, novos caminhos e possibilidades aparecem. Isto também se aplica à situação da Tchecoslováquia.

"Não há recuo na Tchecoslováquia. A idéia do socialismo, aceita pelas largas massas populares, é hoje uma poderosa força material. Nós já percorremos uma certa distância em nosso caminho, especificamente tchecoslovaco, para o socialismo. Aprendemos a caminhar sobre esta estrada e nela prosseguiremos ainda com maior determinação até alcançarmos os nossos objetivos."

E somente por isso, pela liberdade determinada que têm os povos para escolher os processos pelos quais realizam o seu progresso, em 1.º de março de 1936, esclarecendo a H. Roy Howard, Stálin, disse: "*Exportar a revolução (bolchevique) constitui um absurdo. Cada país, desde que o queira (possa) fará por si mesmo a sua revolução. E desde que não o queira (não possa) a revolução não terá lugar*". (*Divulgação Marxista*, n. 1. pág. 69).

Para melhor compreensão desta tese, recomendamos aos nossos leitores a leitura do trabalho de Hook, publicado nesta revista, sob o título *A teoria da revolução*.

CONCLUSÕES QUE SE IMPÕEM

Impõem-se, por consequência, as seguintes conclusões:

a) Na situação atual, é impossível uma revolução comunista no Brasil.

b) Interessa ao P.C. dos países como o Brasil o desenvolvimento pacífico do capitalismo até às suas possibilidades máximas, dentro de um regime democrático, no atual quadro mundial da evolução da sociedade, porque é esse desenvolvimento que cria as condições objetivas e algumas das subjetivas indispensáveis para que se torne realizável uma revolução socialista.

c) Há, teoricamente, vários caminhos para se chegar ao socialismo, todos, contudo, subordinados às condições objetivas e subjetivas indispensáveis para a efetivação de uma revolução, cabendo aos povos escolherem o que lhes convém e for possível, seja pelo *bolchevismo*, seja pelo *trabalhismo*, se este conseguir eliminar do seu seio o oportunismo, que tem caracterizado o *trabalhismo* inglês e os partidos social-democratas euro-

peus, ou, ainda, através da "Frente Nacional", como na Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, etc. A experiência histórica nos ensina que, em determinadas condições, um povo mergulhado na miséria, sob o açoitado da opressão, pode escolher o *bolchevismo*, como método de libertação e progresso, com a socialização violenta e rápida dos meios de produção (Rússia); e quando um povo, ou pelo menos amplas camadas dele, está acima da miséria e desfruta de uma liberdade, inda que formal, pode pretender escolher o *trabalhismo* como método de libertação e progresso, com a socialização pacífica e progressiva dos meios de produção; ou ainda por outras formas, como a da "Frente Nacional", tal como ocorre na Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, etc., que não tem nenhuma das falsificações do trabalhismo inglês, porque livre da pressão do capitalismo.

Os comunistas, que reconhecem, na etapa atual, já ter chegado a humanidade à maturidade de sua fase pre-histórica; já ter o capitalismo se transformado de força progressista em obstáculo ao ininterrupto desenvolvimento da sociedade humana; não mantêm ilusões a respeito do que acontecerá ao capitalismo e a todas as suas formas de resistência. Não temem, por isso, e não se surpreendem com a "catástrofe", procuram, pelo contrário, dominá-la. Não se esquecem, porém, que o particular faz parte integrante do geral e a ele está subordinado.

d) "*Exportar a revolução é um absurdo*" (Stálin) e "*o proletariado vitorioso não pode impor qualquer espécie de felicidade a um outro povo, sem arruinar com isso a própria vitória*" (Engels), inutilmente, porque "*a revolução econômica (desenvolvimento econômico) estimulará todos os povos a se orientarem para o socialismo*" (Lénin). De onde ser apenas miserável a calúnia de que os comunistas nacionais recebem ordens de Moscou. Respondendo Stálin a uma pergunta feita pelo jornalista inglês Alexander Werth, correspondente em Moscou, do *Sunday Times*, sobre qual era a sua opinião a respeito da acusação articulada pelos imperialistas de que a política dos Partidos Comunistas era traçada em Moscou, Stálin disse: "*Acredito que essa acusação é um absurdo retirado do arsenal falido de Hitler e Goebbels*" (*Diário de Notícias* — 25-9-1946).

Da mesma forma que os burgueses de todo o mundo não receberam ordens da Revolução Francesa para realizar a liquidação dos seus regimes feudais nacionais, produto que foi da autodinâmica de cada país, os comunistas também não recebem ordens da Revolução de Outubro para realizar a liquidação dos seus regimes burgueses nacionais, com a socialização dos meios de produção, por isso que êsse acontecimento se materializará segundo a autodinâmica peculiar a cada país.

e) Os comunistas não se interessam em criar a fome e a miséria para o povo, pois também as sofrem, e intensamente, como filhos do povo que são, mas em evitá-las, visto que a fome e a miséria não dão origem à revolução social sinão quando há as condições objetivas e subjetivas indispensáveis. Sem estas, a fome e a miséria geram apenas a anarquia, a guerra civil, que faz o povo derramar inutilmente o seu sangue, com o sacrifício inclusive da burguesia capitalista. A experiência histórica já nos ensinou (guerra civil na Rússia, começada com Keriénski, em feve-

reiro de 1917), que os comunistas são um factor de ordem dentro da desordem, em que nenhum individuo, nenhuma mulher, nenhum lar escapa à fúria do lumpem-proletariado, que dá máxima e incontrolada expansão aos seus instintos bestiais de recalçados e miseráveis. Convém ser relido *10 Dias que Abalaram o Mundo*, para se compreender que factor extraordinário de ordem são os comunistas dentro de uma guerra civil acarretada pela fome e pela miséria.

f) Os comunistas são os maiores interessados em que o governo administre corretamente, promovendo a produção e facilitando a distribuição, a fim de que o país progrida e em seu seio se gere um proletariado capaz de cumprir o seu papel histórico, de criador de uma nova civilização. A anarquia e desorganização só aproveitam aos especuladores, que mais enriquecem com o sofrimento do povo. Um governo sábio afasta de si os incapazes e cerca-se dos que têm capacidade para promover o desenvolvimento progressivo e pacífico da nação.

g) Queira ou não o governo, principalmente os seus elementos reacionários, bem como os sectores do capitalismo nacional aliados ao imperialismo estrangeiro na exploração do nosso povo, principalmente das classes trabalhadoras, o povo se organizará com a vanguarda proletária e saberá exigir, nos momentos oportunos, medidas de libertação nacional do jugo dos factores responsáveis pelo nosso atraso e miséria. Mas o povo só exige quando lhe negam obstinadamente os direitos que lhe cabem.

h) A História ensina-nos que um povo só muda de regime quando aquele sob o qual vive não lhe oferece sinão miséria e opressão, sem outras perspectivas. E a esse regime de miséria e opressão se chega quando *"A um grau determinado de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção vigentes, ou, para nos servirmos da expressão jurídica cabível no caso, com as relações de propriedade dentro das quais se tinham desenvolvido até então. Essas relações, que constituíam formas de desenvolvimento das forças produtivas, tornam-se, conseqüentemente, seus obstáculos. Começa, então, uma época de revolução social. A transformação da base econômica subverte, mais ou menos lenta ou rapidamente, toda a imensa super-estrutura. As relações burguesas de produção são a última forma antagonica do processo social da produção; antagonica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que resulta das condições da vida social dos individuos; mas as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para superar esse antagonismo."* (Marx).

A burguesia francesa, a primeira, fez uma revolução sangrenta para se libertar da opressão e miséria feudais; a Inglaterra libertou-se da opressão e miséria feudais até certo ponto evolutivamente. O proletariado russo, o primeiro, fez uma revolução sangrenta para se libertar de uma burguesia rapace e incapaz; o proletariado tcheco, iugoslavo, polonês, etc., estão procurando libertar-se dos entraves burgueses com a socialização progressiva dos meios da produção. Saibamos aproveitar-nos da experiência histórica mundial e escolher o melhor caminho para o progresso do nosso Brasil, que será a libertação e a felicidade do seu povo.

Estudemos o Marxismo

KARL KÁUTSKI.

I. INTRODUÇÃO AO MARXISMO EM SEU CONJUNTO

Mais de um século já se passou desde o dia em que Karl Marx nasceu em Trêves, a 5 de maio de 1818. E, brevemente, completar-se-ão oitenta anos desde que lançou o *Manifesto Comunista*, primeira expressão sintética de sua nova doutrina. Eis aí datas que podem parecer longínquas para uma época tão trepidante quanto a nossa, em que as teorias científicas e artísticas se modificam tão depressa quanto as modas. Isso não impede, entretanto, que Karl Marx viva no meio de nós, com todo o seu vigor, e domine, mais do que nunca, o pensamento de nosso tempo, apesar de todas as crises do marxismo, apesar de todas as refutações e das pretendidas derrotas que a ciência burguesa lhe inflingiu do alto de sua importância.

Essa espantosa e sempre crescente influência seria absolutamente incompreensível se Marx não tivesse conseguido pôr a nú as raízes mais profundas da sociedade capitalista. Mas, por isso mesmo que foi bem sucedido nesse empreendimento, é preciso convir em que, enquanto permanecer essa forma de sociedade, ninguém poderá ultrapassar Marx, nem descobrir novos princípios sociais, de importância fundamental. E é necessário reconhecer, igualmente, que o caminho por ele apontado permanecerá, tanto na prática como na teoria, mais fecundo do que qualquer outro. Essa influência enorme e durável exercida por Marx sobre o pensamento moderno seria, além disso, incompreensível, se ele não tivesse sabido elevar seu espírito acima do domínio da produção capitalista, discernir as tendências que, ultrapassando-a, conduzem a uma forma social mais avançada, e indicar-nos, assim, os objetivos longínquos que o progresso da evolução torna cada vez mais próximos e acessíveis, proporcionando, ao mesmo tempo, relêvo cada dia maior ao homem que, em primeiro lugar, teve disso clara intuição.

E' porque ele alia, de maneira muito pouco comum, a profundidade científica à audácia revolucionária, que Karl Marx, três quartos de século depois do início de sua carreira pública, ainda tem mais força do que quando vivo.

Para compreender, em sua essência, o papel histórico desse homem prodigioso, não poderíamos caracterizá-lo melhor do que da seguinte forma: toda sua atividade era dirigida no sentido da síntese, da constituição, numa unidade superior, de antinomias aparentes. Nêle encon-

tramos, sucessivamente, a síntese das ciências da natureza e das ciências do espírito, a síntese dos pensamentos inglês, francês e alemão, a síntese do movimento operário e do socialismo, da teoria e da prática. Seu sucesso foi completo. Com uma universalidade sem paralelo, ele não explorou apenas: dominou magistralmente também esses diversos domínios. E por essa razão foi que pôde realizar essa gigantesca obra histórica, que empresta às primeiras décadas do século XX seu caráter peculiar.

II. SÍNTESE DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO

A base de toda a ação de Karl Marx é constituída por sua obra teórica. E' a esta que se faz necessário examinar antes de tudo. Ora, acontece que essa obra teórica apresenta dificuldades particulares, quando se trata de expô-la de maneira popular. Esperamos, entretanto, chegar a bons resultados, muito embora sejamos forçados a nos limitar apenas a algumas indicações. Seja como for, os pontos de que trataremos nos capítulos seguintes serão facilmente compreendidos e sem longas explicações. Pedimos, pois, ao leitor que não se deixe vencer pelas dificuldades por acaso encontradas nas primeiras páginas e continue sua tarefa.

A ciência é dividida em duas grandes categorias: as ciências da natureza, que se esforçam por determinar as leis do movimento dos corpos animados e dos corpos inanimados, e as ciências do espírito. Esta última qualificação é, aliás, imprópria. Com efeito, na medida em que o espírito se apresenta como manifestação de um determinado corpo, torna-se objeto das ciências da natureza. A psicologia não emprega sinão métodos das ciências da natureza e as ciências do espírito não tiveram jamais a pretensão de curar as doenças mentais.

Aquilo a que denominamos ciência do espírito nada mais é, na realidade, do que a ciência da sociedade, a sociologia, a que cuida das relações entre os homens. Somente as atividades e as manifestações intelectuais do homem, as quais concorrem para esse objetivo, constituem matéria das ciências do espírito.

Podemos, entretanto, nas ciências do espírito, distinguir dois grupos. Um deles estuda a sociedade humana, tomando por base as observações feitas sobre as massas. A essa categoria pertencem a economia política, isto é, a pesquisa das leis que regem a economia social sob o regime da produção de mercadorias; a etnologia, isto é, o estudo dos diversos estados sociais por que passaram os diferentes povos; e, finalmente, a pre-história, isto é, a pesquisa das condições sociais em épocas das quais não dispomos de documentos escritos.

O outro grupo das ciências do espírito compreende as ciências que, até aqui, partiam, sobretudo, do indivíduo e estudavam a posição e a atividade do indivíduo dentro da sociedade: a história, o direito e a ética. Este segundo grupo remonta à mais remota antiguidade e não deixou jamais de exercer a maior influência sobre o pensamento humano. Quanto ao primeiro grupo, era ele muito jovem na época em que Marx se estava

formando, mal tendo acabado de estabelecer certos métodos científicos. Permanecia restrito ao círculo dos especialistas, não gozando ainda de qualquer influência sobre o pensamento geral, unicamente orientado pelo segundo grupo e pelas ciências da natureza.

Mas, entre o segundo grupo e as ciências da natureza, existia um abismo profundo, resultando daí duas concepções do mundo diametralmente opostas.

A ciência da natureza havia descoberto grande número de relações necessárias e regulares na natureza. Em outros termos: havia verificado tantas vezes que as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos, que chegara à convicção absoluta de que uma lei geral preside a toda a natureza, não podendo de forma alguma admitir a existência de forças misteriosas, que intervissem, de maneira inteiramente arbitrária, no curso natural das coisas. O homem moderno já não procura mais obter, por meio de preces e sacrifícios, as boas graças dessas forças superiores. O que ele procura é conhecer as relações regulares existentes na natureza, a fim de poder, com sua intervenção, obter os efeitos que necessita para a manutenção de sua existência ou para seu prazer.

A mesma coisa não se passa em relação às ciências do espírito. Estas continuavam a ser dominadas pela idéia de que a vontade humana é livre, não estando submetida a nenhuma necessidade regida por leis. Os juristas e os moralistas sentiam a necessidade de se agarrar a essa concepção, sem a qual se arriscavam a perder privilégios. Se o homem é produto das circunstâncias, se seus atos e sua vontade são efeitos necessários de causas que não dependem de seu livre arbítrio, a que se reduziriam, então, o pecado e o castigo, o bem e o mal, as sanções jurídicas e morais?

Esse não era, porém, sinão um motivo determinante, que resultava da razão prática; essa não era uma razão probante. Esta era fornecida, principalmente, pela ciência histórica que, em última análise, não tem outro fundamento a não ser a coleção de documentos escritos, herdados do passado, documentos nos quais as ações de certos indivíduos, sobretudo dos reis, são narradas por eles mesmos ou por outros. Parecia impossível descobrir, nos atos individuais, uma necessidade qualquer regida por certas leis. Era em vão que alguns sábios, inspirando-se em dados fornecidos pela ciência da natureza, se esforçavam por descobrir essa necessidade. Custava-lhes admitir que a regularidade geral verificada na natureza não se aplicasse à atividade humana. A experiência permitia-lhes mostrar que o espírito humano não constitui uma exceção na natureza e que, em face de determinadas causas, ele reage sempre por meio de efeitos determinados. Por mais inegável, porém, que isso fôsse em relação às mais simples operações do espírito, comuns ao homem e ao animal, não é menos verdade que, para as operações mais complicadas, para as ideias e os ideais sociais, esses sábios não podiam descobrir relações causais necessárias, nem, por conseguinte, preencher a lacuna que existia. Era-lhes possível afirmar que o espírito humano não é sinão uma parte da natureza participando de suas relações necessárias, mas era-lhe impossível apresentar a prova suficiente disso em todos os domínios. Seu monismo materialista permanecia incompleto, incapaz de sobrepujar o idealismo e o dualismo.

E' então que surge Marx e compreende que a história, as idéias e os ideais humanos, que intervêm na história, seus sucessos e insucessos, são simples resultado das "lutas de classe". Mas não foi somente isso que ele descobriu. As oposições de classe e as lutas de classe, outros antes dêle já as haviam verificado na história. Mas, nisso, viam êles, ordinariamente, uma consequência da estupidez e da maldade, por um lado, e da arrogância e da cultura requintada, pelo outro. Marx foi o primeiro a descobrir, no fato, uma relação necessária com as condições econômicas, as quais, segundo ele provou melhor de que ninguém, se pode mostrar que estão subordinadas a certas leis. As condições econômicas, porém, repousam, por sua vez, em última análise, sobre a maneira e na medida segundo a qual o homem domina a natureza, depois de haver compreendido suas leis.

Somente em condições sociais determinadas é que a luta de classes se torna a força motriz da história. Em última análise, trata-se sempre de uma luta contra a natureza. Seja qual fôr a posição especial da sociedade, em face do resto da natureza, encontramos, de uma parte e de outra, a mesma espécie de movimento e de evolução por meio da luta entre antinomias que não cessam de ser produzidas pela própria natureza, isto é, pelo desenvolvimento dialético.

A evolução social ficou, dessa forma, integrada no quadro geral da evolução natural. O espírito humano, até mesmo em seus fenômenos mais complicados e mais elevados, passou a ser representado como uma parte da natureza. Ficava demonstrado que, em todos os domínios, sua atividade obedece a leis naturais e tanto o idealismo filosófico como o dualismo deixaram de ter base sólida.

Dessa maneira, o que Marx fêz não foi apenas subverter completamente a ciência histórica; conseguiu, além disso, eliminar o abismo existente entre as ciências naturais e as ciências do espírito, provando a unidade de toda a ciência humana e tornando supérflua a filosofia, uma vez que esta, reivindicando para si um lugar acima e fora das ciências, se esforçava por elaborar essa unidade do pensamento no que concerne à evolução do mundo, unidade que as ciências se haviam até então mostrado incapazes de realizar.

A concepção histórica preconizada por Marx constitui enorme progresso da ciência. Iria a mesma dar impulso notável e fecundidade prodigiosa ao conjunto do pensamento e dos conhecimentos humanos. E coisa curiosa: a ciência burguesa, isto é, a ciência reconhecida pela burguesia, recusou-se a aceitá-la, de forma que a nova teoria científica não conseguiu conquistar seu lugar ao sol sinão opondo-se, como ciência proletária, à ciência burguesa.

Certas pessoas procuraram levar ao ridículo essa opinião entre a ciência burguesa e a ciência proletária, não admitindo que pudesse haver uma química ou uma matemática burguesa e proletária! Mas êsses escarnecedores só conseguiram demonstrar, com isto, não terem compreendido o problema.

A descoberta da concepção materialista da história, feita por Marx, estabelecia duas condições preliminares: em primeiro lugar, certo desenvolvimento da ciência, e, em seguida, um ponto de vista revolucionário.

Não era possível nos apercebermos de que a evolução histórica obedeceria sempre a leis determinadas, sinão depois que as ciências do espírito atrás mencionadas, a economia politica e a pré-historia, atingiram certo grau de seu desenvolvimento. Essas ciências, de cujas cogitações o indivíduo se acha excluído por definição, uma vez que elas só consideram as massas, eram as únicas que podiam conduzir à descoberta das leis fundamentais da evolução social e preparar o estudo das correntes que arrastam os indivíduos que nadam à sua superfície, únicos que atraíam e retinham a atenção dos historiadores da antiga escola.

As novas ciências do espírito somente se desenvolveram com o modo de produção capitalista e com o comércio mundial. Não conseguiram chegar a resultados importantes sinão quando o capital se tornou o senhor absoluto e, por conseguinte, a burguesia deixou de ser uma classe revolucionária.

E somente uma classe revolucionária seria capaz de aceitar a teoria da luta de classes. Uma classe, que está disposta a conquistar o poder na sociedade, é forçada a aceitar a luta de que resultará êsse poder e compreenderá com muita facilidade a necessidade disso. Mas a classe, que possui o poder, naturalmente verá com maus olhos qualquer luta que queira perturbar sua posse e enfrentará qualquer teoria que demonstre a necessidade dessa luta. E o fará com maior energia ainda se a teoria da luta de classe fôr uma teoria de evolução social, de acôrdo com a qual essa luta não poderá ter outro desfecho sinão a derrota dos atuais senhores da sociedade.

Além disso, uma doutrina que considera os homens como produtos de determinadas condições sociais, uma vez que os membros de uma forma social determinada se distinguem dos que pertencem a outras formas sociais, não pode ser aceita por uma classe conservadora e isso porque o único meio de modificar os homens consiste em modificar também a sociedade. Enquanto a burguesia foi revolucionária, aceitava o ponto de vista dos que acham que os homens são produtos da sociedade. Infelizmente, porém, as ciências, que teriam permitido fixar as forças de impulsão da evolução social, não estavam, na época de que se trata, suficientemente desenvolvidas. Os materialistas franceses do século XVIII ignoravam a luta de classes e faziam pouco caso da evolução técnica. Eles sabiam perfeitamente que, para transformar os homens, era necessário transformar a sociedade, mas não sabiam de onde poderiam provir as forças encarregadas de transformar a sociedade. Atribuíam êsse papel ao poder sobrenatural de alguns indivíduos extraordinários, aos pedagogos sobretudo. Sua ciência parava aí.

Desde o momento em que a burguesia se tornou conservadora começou a parecer-lhes intolerável a idéia de que as condições sociais pudessem ser a causa dos males de nossa época e que se tornava, portanto, necessário modificá-las. Apoiando-se na ciência, procurou, então, demonstrar que, de acôrdo com sua natureza, os homens são e devem ser o que são e que procurar modificar a sociedade não é mais, afinal de contas, que subverter a ordem natural. É, porém, necessária a existência de uma cultura científica exclusiva e ser mesmo insensível às condições atuais dos tempos modernos, para que se ouse afirmar que essas condições de-

verão subsistir por todo o sempre. Na sua maioria, a burguesia não ousa mais ir tão longe e procura consolar-se negando o materialismo e admitindo a liberdade da vontade, isto é, o livre arbítrio. Não é a sociedade — diz ela — que faz o homem; são os homens que fazem a sociedade, segundo o seu desejo. A sociedade é imperfeita, porque os homens são imperfeitos. Devemos melhorar a sociedade não por meio de subversões sociais, mas corrigindo cada indivíduo, inculcando-lhe uma moralidade superior. Uma vez tornados melhores, esses homens não poderão deixar de organizar uma sociedade melhor. E assim é que a ética e o reconhecimento do livre arbítrio se tornaram a doutrina preferida de nossa atual burguesia, que manifesta dessa forma sua boa vontade, deseja trabalhar pelo desaparecimento das misérias sociais, mas sem ser forçada à menor modificação social; deseja, pelo contrário, impedir essas modificações, sejam elas quais forem.

Qualquer pessoa, que se coloque no ponto de vista da sociedade burguesa, torna-se, por isso mesmo, incapaz de compreender seja o que fôr dos conhecimentos que podemos adquirir nos apoiando sobre a unidade de todas as ciências criadas por Marx. Para compreender esses conhecimentos, é preciso não aceitar de olhos fechados as teorias da sociedade atual. E' necessário, pelo contrário, colocar-se no ponto de vista do proletariado. E' nesse sentido que podemos fazer uma distinção entre a ciência proletária e a ciência burguesa.

É, naturalmente, no terreno das ciências do espírito que a oposição entre as duas se manifesta com maior força, enquanto que a oposição entre a ciência feudal ou católica e a ciência burguesa se manifesta de maneira mais evidente nas ciências da natureza. Mas o pensamento do homem tende sempre para a unidade influido, sem cessar, uns sobre os outros, os diversos domínios científicos. Eis porque nossas concepções sociais reagem sobre o conjunto de nossas teorias. E, em última análise, a oposição entre a ciência burguesa e a proletária aplica-se igualmente no terreno das ciências da natureza.

Essa influência das condições sociais sobre a concepção da natureza pode ser já verificada na filosofia grega. Um exemplo tomado à ciência moderna leva-nos à mesma conclusão. Já tivemos ocasião de assinalar, mais atrás, que a burguesia, enquanto foi revolucionária, admitia também que a evolução da natureza se operava catastróficamente. Mas, tendo-se tornado conservadora, não quer ela ouvir falar mais em catástrofe, até mesmo na natureza. Considera a catástrofe como coisa anormal, monstruosa, destinada somente a perturbar a evolução natural. E, apesar da teoria de Darwin sobre a luta pela vida, a ciência burguesa faz tudo quanto lhe é possível para difundir a idéia de que evolução é sinônimo de progresso pacífico.

Para Marx, entretanto, a luta de classes não é, pelo contrário, sinão uma forma particular da lei geral da evolução natural, que nada pode ter de pacífica. Aos seus olhos, como já o dissemos, a evolução é dialética, isto é, produto de uma luta entre antinomias, que se manifestam necessariamente. Mas toda a luta entre elementos inconciliáveis não pode deixar de terminar pela derrota de um dos antagonistas, isto é, pela catástrofe. Podemos admitir que essa catástrofe se prepare lentamente, que a força

de um dos combatentes aumente insensivelmente, enquanto que a do outro vai diminuindo de maneira absoluta ou relativa. Pouco importa. A destruição de uma das partes torna-se, finalmente, inevitável, não como acontecimento que se realiza por si mesmo, mas pelo facto de haver uma luta e porque a força de um acaba por sobrepujar a força de outro. Todos os dias e a cada passo, verificamos pequenas catástrofes, tanto na natureza como na sociedade. Tôda a morte é uma catástrofe. Tudo quanto existe deverá forçosamente sucumbir um dia em face de um desequilíbrio entre princípios contrários. E isso não se verifica só em relação às plantas e aos animais, mas também em relação a sociedades inteiras, a impérios inteiros, a corpos celestes inteiros. Por tôda a parte, o progresso do *processus* geral de evolução prepara, através do crescimento insensível das resistências, catástrofes momentâneas. Não pode haver movimento, nem evolução, sem catástrofes momentâneas. Estas constituem uma etapa necessária da evolução: não há evolução sem que haja, de tempos a tempos, revoluções.

Essa concepção supera, ao mesmo tempo, a concepção revolucionário-burguesa, que acreditava a evolução se fazer exclusivamente por meios catastróficos, e a concepção conservadora-burguesa, que via, na catástrofe, não uma etapa necessária de um processo evolutivo, por vezes muito lento e insensível, mas uma perturbação e parada desse processo.

Outra diferença entre a ciência burguesa e a ciência proletária ou, se assim preferirmos, entre a ciência conservadora e a ciência revolucionária, encontramos-na na crítica do conhecimento. Uma classe revolucionária, que se sente com forças para conquistar o poder, é igualmente arrastada a não admitir limites a suas conquistas científicas e a acreditar-se capaz de resolver todos os problemas de seu tempo. Uma classe conservadora, pelo contrário, recua instintivamente diante de qualquer perspectiva de progresso no domínio político, social ou mesmo científico, porque sente que todo o progresso, ao invés de servi-la, lhe será infinitamente prejudicial. Sua confiança na ciência apresenta tendência a diminuir.

A ingênua confiança com que, até mesmo os pensadores revolucionários do século XVIII imaginavam ter no bolso a solução de todos os enigmas do universo, pretendendo falar em nome da razão absoluta, dela não pode compartilhar, hoje, nem mesmo o revolucionário mais audacioso. Em nossa época, ninguém poderá deixar de reconhecer, de acordo, aliás, com alguns poucos pensadores do século XVIII e até da antiguidade, que todo o nosso conhecimento é relativo, representando uma simples relação entre o homem, o Eu, e o resto do universo, não nos apresentando, pois, esse universo, mas unicamente essa relação. Todo conhecimento é, portanto, relativo, condicional e limitado, não há verdades absolutas e eternas. E isso redundaria, afinal, em dizer que o conhecimento não tem fim, que o processo do conhecimento é infinito, ilimitado, que é uma loucura pretender apresentar um conhecimento qualquer como a última palavra da sabedoria e que é uma loucura não menor apresentar um princípio qualquer como sendo o limite extremo e intransponível da ciência. Muito pelo contrário, sabemos que a humanidade tem conseguido sempre ultrapassar, mais cedo ou mais tarde, qualquer limite

fixado ao seu conhecimento e que lhe era impôsto, mas acaba chocando-se contra novos limites por ela não suspeitados. Não nos cabe a menor razão para recuar diante de determinado problema, cuja existência verificamos, nem tão pouco renunciar a qualquer esforço, murmurando, com resignação: jamais poderemos ir além. E' essa falta de energia que caracteriza o moderno pensamento burguês. Ao invés de esforçar-se ao máximo por alargar e aprofundar nosso conhecimento, empenha-se ele, pelo contrário, em descobrir limites exatos a serem definitivamente traçados ao nosso conhecimento, procurando desacreditar o valor de qualquer pesquisa científica.

Enquanto a burguesia foi revolucionária, não se preocupou com esses problemas. E Marx fez a mesma coisa em relação a eles, para maior escândalo da atual filosofia burguesa.

III. MARX E ENGELS

Colocando-se num ponto de vista revolucionário, isto é, proletário, foi que Marx, esse gigante do pensamento, conseguiu demonstrar a unidade da ciência. Mas, uma vez que estamos falando de Marx, cometeríamos um grande erro se esquecêssemos que outro pensador, de igual valor, Friedrich Engels, conseguiu realizar o mesmo feito, e que, sem a colaboração desses dois homens, a nova concepção materialista da história e a nova concepção histórica ou dialética do mundo não teriam podido, desde seu aparecimento, apresentar a mesma perfeição e a mesma envergadura.

Eles, porém, não seguiram ambos o mesmo caminho. Marx, filho de um jurista, havia sido destinado, inicialmente, à carreira da jurisprudência e do magistério. Estudou as ciências naturais, a filosofia e só passou a interessar-se pelos estudos econômicos no dia em que se ressentiu da falta de conhecimentos nesse assunto. Em Paris, estudou economia, história da revolução e socialismo. O grande pensador Saint-Simon exerceu sobre ele influência considerável. Em consequência desses estudos, compreendeu Marx que não é a lei nem o Estado que fazem a sociedade, mas, pelo contrário, é a sociedade, produzida pelo processo econômico, que, de acordo com suas necessidades, cria a lei e o Estado.

Engels, por sua vez, era filho de um industrial. Foi na Escola Real e não no liceu clássico que recebeu os primeiros elementos da ciência e adquiriu o hábito do pensamento científico. Em seguida, dedicou-se ao comércio, fazendo economia prática e teórica, em Manchester, centro do capitalismo inglês, onde seu pai possuía uma fábrica. Familiarizado, pelos seus estudos alemães, com a filosofia de Hegel, pôde aprofundar-se na ciência econômica que encontrou na Inglaterra, tendo sido atraída sua atenção sobretudo pela história econômica. Em parte alguma, aliás, a luta de classes estava, entre 1840 e 1850, tão desenvolvida como na Inglaterra e, em nenhuma outra parte, manifestava-se mais claramente a relação entre essa luta e a evolução capitalista.

Assim foi que, por caminhos diferentes, Engels e Marx se encontraram, ao mesmo tempo, no limiar da mesma concepção materialista da

história: um, através das antigas ciências do espírito, o direito, a ética e a história; outro, através das novas ciências, da economia, da história econômica, da etnologia e das ciências naturais. Foi dentro da revolução, dentro do socialismo, que eles se encontraram. E foi a concordância de seus ideais que os aproximou desde que, em 1844, em Paris, estabeleceram relações pessoais mais estreitas. Essa concordância de ideais levou-os bem depressa a se deixarem absorver completamente um pelo outro, numa tal união superior, que não se poderia determinar a contribuição de cada um deles. Marx tinha por certo maior valor e Engels soube, melhor do que ninguém, reconhecer esse facto sem inveja, aceitando-o com prazer. Marx foi, portanto, quem deu nome a suas teorias comuns. Marx, entretanto, não poderia jamais ter feito o que fez sem a colaboração de Engels e reciprocamente. Um e outro adquiriram, por meio dessa colaboração, uma largueza de vistas e uma universalidade que, trabalhando isoladamente, nem um nem outro teria podido adquirir. Afastados um do outro, ambos teriam chegado à concepção materialista da história, mas sua evolução teria sido submetida a maiores erros e insucessos. Marx tinha maior profundidade e Engels maior audácia de pensamento. Em Marx, era mais desenvolvida a faculdade da abstracção, o dom de reconhecer o que há de geral no tropel atordoante dos fenômenos particulares. O que predominava em Engels era, pelo contrário, a faculdade de combinação, o poder de construir o conjunto de um fenômeno, servindo-se de alguns elementos esparsos. Marx era dominado pela capacidade crítica, que punha um freio à audácia de seu pensamento e o aconselhava a só avançar com prudência e depois de cuidadosa exploração do terreno. Engels, pelo contrário, entusiasmado pelas descobertas que fazia, parecia possuir asas e dominava, como que a brincar, as maiores dificuldades.

A respeito da influência exercida por Engels sobre Marx, um ponto merece ser especialmente assinalado. Marx havia conquistado para si uma posição verdadeiramente superior ao renunciar o exclusivismo do pensamento alemão e ao fecundá-lo com o pensamento francês. Engels iniciou-o, além do mais, no pensamento inglês. E foi somente a partir desse momento que o pensamento de Marx adquiriu o mais elevado impulso que era possível nas condições em que vivia. Seria, pois, grave erro considerar o marxismo como um produto puramente alemão: desde suas origens, ele foi essencialmente internacional.

IV. SÍNTESE DOS PENSAMENTOS ALEMÃO, FRANCÊS E INGLÊS

Três nações principais foram, durante o século XIX, as representantes da cultura moderna. Somente aquela que estivesse impregnado do espírito dessas três nações e conhecesse a fundo seus trabalhos, poderia considerar-se de posse das conquistas de seu século e realizar tudo quanto os recursos dessa época o permitiam.

A síntese do pensamento dessas três nações e sua fusão numa unidade superior em que não figure nenhuma de suas particularidades próprias, eis o ponto de partida da obra histórica de Marx e Engels.

Na primeira metade do século XIX, a Inglaterra, conforme já mencionamos, havia, mais do que outro qualquer país, desenvolvido o capitalismo, graças, sobretudo, à sua situação geográfica. Essa situação havia-lhe permitindo, no século XVIII, tirar grandes proveitos da política colonial de conquista e de pilhagem, que tantos e tão sangrentos sacrifícios custou aos Estados do continente europeu banhados pelo Atlântico. Em consequência de sua posição insular, não tinha ela necessidade de um poderoso exército permanente, podendo, pois, ocupar-se quasi exclusivamente com sua marinha e, sem grandes dispêndios, assegurar para si o domínio dos mares. Sua opulência em carvão e ferro permitiu-lhe, em seguida, utilizar as riquezas conquistadas por sua política colonial, a fim de desenvolver a grande indústria capitalista. Esta, por sua vez, e graças ao domínio dos mares, conquistava o mercado mundial, o que só podia ser feito por meio do tráfico marítimo, em face do pequeno desenvolvimento das estradas de ferro.

Melhor do que em qualquer outra parte, aliás, era possível estudar-se na Inglaterra o capitalismo e as suas tendências, mas igualmente, como já dissemos mais atrás, a luta da classe proletária provocada por essas tendências. Em nenhum país, o conhecimento das leis do modo de produção capitalista, isto é, a economia política, estava mais avançada do que na Inglaterra. A mesma coisa se dava, graças ao comércio mundial, no que se refere à história econômica e à etnologia. Melhor do que em qualquer outra parte, podia-se verificar, na Inglaterra, o que o futuro trazia em seu bojo e, igualmente, em face dos dados fornecidos pelas novas ciências do espírito, determinar as leis que regem a evolução social através de todos os tempos e, por conseguinte, estabelecer a unidade das ciências da natureza e das ciências do espírito.

A Inglaterra, porém, oferecia apenas os melhores materiais, mas não oferecia os melhores métodos de pesquisa.

Exatamente porque o capitalismo se desenvolveu na Inglaterra mais do que noutros países, a burguesia assumiu a supremacia na sociedade, sem que a influência política, econômica e intelectual da feudalidade tivesse desaparecido completamente e sem que a burguesia houvesse, por conseguinte, conquistado inteira e plena autonomia. A própria política colonial, que tanto favorecia o capitalismo, deu novas forças aos senhores feudais.

A isso podemos acrescentar que, pelas razões já apontadas, o exército permanente nunca teve grande desenvolvimento na Inglaterra. Essa circunstância impediu o estabelecimento de um forte poder central. A burocracia permanecia fraca e, ao lado dela, as classes dirigentes continuavam a governar-se por si mesmas. Isso tudo significava, afinal de contas, que a luta de classes, ao invés de centralizar-se, se fracionava e se dispersava em grande número de casos.

Tôdas essas razões fizeram com que o espírito de compromisso entre o antigo e o moderno impregnasse completamente a vida e o pensamento coletivos. Os pensadores e os protagonistas das classes, que desejavam garantir para si um lugar ao sol, não se ligavam de maneira radical ao cristianismo, à aristocracia e à monarquia. Seus partidos não elaboravam grandes programas. Não alimentavam a pretensão de levar suas idéias

até as últimas conseqüências. Ao invés de elaborarem vastos programas, achavam preferível preconizar medidas especiais, medidas precisas, praticamente impostas pelas exigências do momento. O que caracterizava tôdas as classes eram as idéias conservadoras e estreitas, a superestimação do trabalho de detalhe, tanto em política como em ciência, a resistência a tudo quanto pudesse alargar os horizontes.

Na França, a situação era inteiramente outra. Sob o ponto de vista econômico, o país estava muito mais atrasado. Suas indústrias capitalistas dedicavam-se, sobretudo, à produção de artigos de luxo, a pequena burguesia e os intelectuais encontravam-se à frente da nação. Principalmente os pequenos burgueses e os intelectuais de uma grande cidade: Paris. Até a época da construção das estradas de ferro, o número de cidades com mais de 500.000 habitantes era muito reduzido e o papel dessas aglomerações não era, de forma alguma, o que é hoje. Enquanto as vias férreas não tinham tornado possível os transportes em massa, os exércitos não podiam ser consideráveis. Encontravam-se disseminados pelo país, sendo difícil sua concentração e o seu armamento era de tal ordem que as massas populares podiam mais facilmente do que hoje opor-lhes resistência eficaz. Os parisienses sempre se caracterizaram pelo seu espírito original de crítica e, muito tempo antes da grande revolução, haviam já, por meio de revoltas armadas, conseguido do governo grande número de concessões.

Antes do estabelecimento do ensino obrigatório, da melhoria dos serviços postais em conseqüência do desenvolvimento das estradas de ferro, antes do estabelecimento dos telégrafos e telefones, antes da difusão por todo o país dos jornais cotidianos, a população das grandes cidades era, sob o ponto de vista da cultura intelectual, muito superior à dos campos, gosando assim de uma influência moral considerável. As relações com seus semelhantes constituía, então, para a massa dos iletrados, o único meio de que dispunha a mesma para instruir-se, tanto sob o ponto de vista político, como no que se refere às artes e às ciências. Essa possibilidade era muito maior na capital do que nas pequenas cidades e vilas. E todos os elementos que, na França, se presavam de ter valor intelectual afluíam para Paris, a fim de pôr à prova suas qualidades e melhorá-las. Assim, todos os elementos que viviam em Paris possuíam um espírito superior.

E a verdade é que essa população velhaca, presunçosa e audaciosa, assistia à ruína surpreendente do poder do Estado e das classes dirigentes.

As próprias causas que, na França, entravavam a evolução econômica, aceleravam a destruição da feudalidade e do Estado. A política colonial, sobretudo, custava imensos sacrifícios ao Estado. Demolia o poder militar e financeiro do mesmo, provocando a ruína econômica dos camponeses bem como da aristocracia. Sob o ponto de vista político, moral e até mesmo, excetuada a Igreja, sob o ponto de vista financeiro, o Estado e a nobreza haviam fracassado, mas, apesar de tudo, conseguiram prolongar ao extremo seu domínio por meio da opressão, graças ao poder que, com o apoio do exército permanente e a extensão da burocracia, o governo havia concentrado em suas mãos, e graças também, ao esmagamento de tôdas as organizações populares autônomas.

Tudo isso acabou, finalmente, por produzir essa catástrofe colossal, que conhecemos sob a denominação de Grande Revolução Francesa, durante a qual a pequena burguesia e o proletariado de Paris conseguiram dominar a França inteira, pondo-se à frente de toda a Europa. Já anteriormente, porém, a contradição cada vez mais acentuada entre as necessidades da massa popular, conduzida pela burguesia liberal e as da nobreza e as do clero, protegidos pelo Estado, haviam minado completamente a mentalidade existente até então. Foi declarada guerra à autoridade tradicional. O materialismo e o ateísmo que, na Inglaterra, constituíam simples divertimento para uma nobreza depravada, tendo rapidamente desaparecido com a vitória da burguesia, dominaram a mentalidade dos reformadores mais audaciosos nascidos das baixas classes francesas, avidas de progresso. E, muito embora seja verdade que, em nenhuma outra parte, mais do que na Inglaterra, se revelavam as causas econômicas dessas oposições e lutas de classe, foi na França que se pôde ver com mais clareza o facto de que toda luta de classes tem por finalidade a conquista do poder político; que a tarefa de todo o grande partido político não se limita à realização de tal ou qual reforma, mas deve ter sempre em vista a tomada do poder; e que a conquista desse poder político, desde que levada a efeito por uma classe até então oprimida, acarreta sempre a transformação de toda a organização social. Enquanto, na primeira metade do século XIX, o pensamento econômico estava muito desenvolvido na Inglaterra, na França estava mais desenvolvido o pensamento político. A Inglaterra era dominada pelo espírito do compromisso e a França pelo espírito do radicalismo. E, enquanto na Inglaterra, predominava a idéia de uma longa construção orgânica, a França inteira era arrastada pela paixão revolucionária.

A ação radical e audaciosa foi precedida pelo pensamento radical e audacioso que nada respeitava, que procurava, sem receio e sem outras considerações, adquirir conhecimentos até as últimas consequências e "impulsionava o pensamento para a frente".

Mas essa maneira de pensar e de agir, apesar de seus resultados brilhantes e sedutores, não se verificou sem que se apresentassem também certas desvantagens. Em sua impaciência por atingir imediatamente os objetivos finais e extremos, não houve o tempo necessário para prepará-los. Cheia de ardor e desejando, no seu impulso revolucionário, apossar-se da fortaleza do Estado, deixou de organizar os trabalhos preparatórios para o ataque. E seu desejo de alcançar as verdades supremas provocou as conclusões precipitadas, em consequência de elementos de informação insuficientes, substituída que foi a pesquisa paciente pelo prazer das fantasias espirituais e inesperadas. Predominou a tendência de adaptar a extraordinária riqueza oferecida pela vida a algumas fórmulas simples e a certas expressões artificiais. O inglês comprazia-se no terra-a-terra de suas pesquisas, enquanto o francês se aturdiu dentro de sua própria fraseologia.

Na Alemanha, a situação apresentava um terceiro aspecto. O capitalismo, ali, havia-se desenvolvido ainda menos do que na França. Afastada do Oceano Atlântico, essa grande via do comércio europeu, e ficando, por conseguinte, num isolamento quasi absoluto, a Alemanha lentamente

se recuperava das horríveis devastações da Guerra dos Trinta Anos. Muito mais ainda do que a França, era a Alemanha um país pequeno-burguês e desprovido, além disso, de um forte poder central. Fracionada numa infinidade de pequenos Estados, não tinha uma grande capital. O espírito de seus pequenos Estados e de suas pequenas cidades reagia sobre os pequenos burgueses, tornando-os acanhados de idéias, fracos e covardes. A destruição final do sistema feudal foi levada a efeito, não por uma insurreição interna, mas por uma invasão estrangeira. E não foram os cidadãos alemães, mas os soldados franceses, que o varreram das regiões mais importantes da Alemanha.

Os grandes sucessos obtidos na Inglaterra e na França pela burguesia, que se rebelava, não deixaram de estimular a burguesia alemã. Mas seus elementos mais enérgicos e mais inteligentes não podiam fazer com que prevalecesse seu desejo de atividade nos domínios que a burguesia da Europa Ocidental ia conquistando. Não lhes era possível fundar nem dirigir grandes empresas comerciais ou industriais, nem intervir, por meio dos Paramentos ou da imprensa, toda poderosa, nos destinos do Estado, nem comandar a marinha e os exércitos. Para eles, a realidade nada oferecia de consolador, não lhes restando outra solução a não ser a de fugir à realidade e mergulhar no pensamento puro, embelezando a realidade por meio da arte. Foi nesses domínios que eles se projetaram com todas as suas forças. Foi nesse terreno que criaram grandes coisas e que o povo alemão superou a França e a Inglaterra. Enquanto a França e a Inglaterra produziam Pitt, Fox, Burke, Nelson, Mirabeau, Danton, Robespierre, Napoleão, a Alemanha produzia Schiller, Goethe, Kant, Fichte e Hegel.

O pensamento tornou-se a ocupação principal dos grandes alemães. Para eles, a idéia vinha a ser a senhora do mundo e a reforma do pensamento o meio de transformar o mundo. Quanto mais a realidade se mostrava miserável e reduzida a limites estreitos, mais o pensamento se esforçava por elevar-se procurando vencer esses limites e abarcar todo o infinito.

Enquanto os ingleses estudavam os melhores métodos para a marcha vitoriosa de suas frotas e de suas indústrias e os franceses concebiam os melhores planos para a marcha vitoriosa de seus exércitos e de suas insurreições, os alemães imaginavam os melhores métodos para a marcha vitoriosa do pensamento e das pesquisas.

Mas, da mesma forma que na Inglaterra e na França, essa marcha vitoriosa era acompanhada de inconvenientes, tanto no que se refere à teoria como à prática. A força de fugir à realidade, chegou-se ao ponto de não mais reconhecer o mundo, superestimando-se as idéias que, segundo o ponto de vista dos filósofos, adquirem vida e força, independentemente dos espíritos humanos que as produzem e devem realizá-las. Contentavam-se com ter razão no referente à teoria, negligenciando a aquisição da força indispensável à realização da teoria. Apesar da profundidade da filosofia alemã, apesar da exatidão da ciência alemã e das sutilezas do seu idealismo, apesar do esplendor de suas criações, tudo isso encerrava uma indizível impotência prática e uma renúncia total a qualquer idéia de conquista do poder. Os ideais alemães eram muito superiores aos

dos franceses e ingleses. Mas ninguém dava um passo no sentido de aproximar-se dos mesmos. Sem maiores exames, chegou-se à conclusão de que os ideais eram inacessíveis.

Da mesma forma que os ingleses jamais se puderam desembaraçar de suas idéias conservadoras, nem os franceses de sua fraseologia radical, os alemães conservam, ainda hoje, alguma coisa de seu idealismo alheio à ação. O enorme desenvolvimento da indústria, realizado nos últimos quarenta anos, reduziu-o bastante, no entretanto. Já anteriormente, aliás, a penetração do espírito francês, após a Revolução, havia aberto nela grandes brechas. Foi devido a essa fusão do pensamento revolucionário francês e do método filosófico alemão que a Alemanha deveu o aparecimento de alguns de seus maiores espíritos, tais como Henri Heine e Frederico Lassalle.

O resultado, porém, tornou-se mais considerável depois que a ciência econômica inglesa fecundou essa mistura. E' a êsse facto que devemos os trabalhos de Marx e Engels.

Verificaram êles que a economia e a política, bem como os pequenos trabalhos de organização e o entusiasmo revolucionário, são estreitamente solidários; que as pequenas tarefas se tornam estéréis desde que não tenham um objetivo importante pelo qual sua atividade seja constantemente regulada e estimulada; que êsse objetivo flutua no ar uma vez que não haja pequenas tarefas preliminares; e que estas não têm outro fim sinão criar a força necessária à realização do referido objetivo. Verificaram, porém, da mesma forma, que semelhante objetivo, se quizermos preservá-lo de qualquer ilusão e de qualquer auto-sugestão, não devia resultar de uma simples necessidade revolucionária, mas, pelo contrário, seria necessário fixá-lo através da aplicação conscienciosa dos métodos de pesquisa científica, devendo conservar-se sempre em perfeita harmonia com o conjunto da ciência humana. Verificaram, afinal, que a economia constitui o fundamento de toda a evolução social e que na economia é que se faz necessário procurar as leis de acôrdo com as quais se realiza essa evolução.

A Inglaterra oferecia-lhes a maior abundância de factos econômicos; a filosofia alemã o melhor método para deduzir, em face dêsses elementos de informação, os fins da atual evolução social; e a Revolução Francesa mostrava-lhes nitidamente que, para atingir êsse objetivo, é necessário conquistar o poder, sobretudo o poder político.

Foi assim que êles criaram o socialismo moderno, fundindo, numa entidade superior, tudo quanto havia de grande e de fecundo no pensamento inglês, francês e alemão.

V. UNIÃO ENTRE O MOVIMENTO OPERÁRIO E O SOCIALISMO

Considerada à parte, a concepção materialista da história adquiriu grande prestígio. Inaugurou nova era para a ciência, apesar de tôdas as resistências da erudição burguesa. Mas não foi apenas no terreno da história do pensamento que a mesma se impoz: foi ainda na história da

luta pelo progresso social, na história da política, no sentido mais amplo e mais elevado da palavra. Foi ela, com efeito, que realizou a união entre o movimento operário e o socialismo, imprimindo à luta da classe proletária o maior impulso possível.

Quanto à sua natureza, o movimento operário e o socialismo não são absolutamente idênticos. O movimento operário nasce muito natural e necessariamente como forma de resistência ao capitalismo industrial onde quer que este se estabeleça. Desapossadas e submetidas as massas operárias, concentra-as e agrupa-as nas grandes empresas e nas cidades industriais. A forma primitiva do movimento operário é puramente econômica; a luta pelo salário e pela duração da jornada de trabalho. Essa luta, a princípio, não revestia sinão a forma de simples explosões de desespero, de rebeliões espontâneas. As organizações corporativas não tardaram, porém, a dar-lhes forma superior. Logo em seguida, a ela se acrescenta a luta política. Nessas lutas contra o sistema feudal, a burguesia teve necessidade do apoio proletário e não hesitou em apelar para o mesmo. Nessas circunstâncias, os operários tiveram desde logo ocasião de apreciar a importância da liberdade política e do poder político na consecução de seus objetivos. Foi notadamente o sufrágio universal que se tornou, na Inglaterra e na França, o objetivo principal da luta política do proletariado e provocou na Inglaterra, já antes de 1840, a constituição de um partido proletário: o dos cartistas.

O socialismo nasceu antes disso, mas não no seio do proletariado. Da mesma forma que o movimento operário, o socialismo é produto do capitalismo; ambos encontram sua origem na tendência a reagir contra a miséria, que a exploração capitalista estabelece entre a classe operária. Mas, no que se refere ao movimento operário, a resistência do proletariado surge isoladamente, desde que haja grandes aglomerações de população operária. O socialismo pelo contrário, pressupõe uma profunda compreensão da própria essência da sociedade moderna. Na base de toda a doutrina socialista, encontramos a convicção de que, mantendo a sociedade burguesa, se torna impossível pôr um fim à miséria capitalista; e que essa miséria é consequência da propriedade privada sobre os meios de produção, não podendo desaparecer enquanto existir a mesma. A esse respeito, todos os sistemas socialistas estão de acordo, diferem apenas quanto aos meios e modos pelos quais pretendem realizar a abolição da propriedade privada e quanto à idéia que fazem sobre o novo sistema social que deverá substituir o antigo.

Apesar de certa ingenuidade, no que se refere às esperanças e aos projetos socialistas, devemos admitir que os princípios sobre os quais se apoiavam os mesmos supõem uma ciência social que era ainda absolutamente inacessível ao proletariado durante os primeiros anos do século XIX. Mas, para se chegar a estabelecer essa ciência social, fazia-se necessário um homem capaz de estudar a sociedade burguesa sob o ponto de vista do proletariado. Esse homem devia dispor, ao mesmo tempo, dos meios científicos que, nessa época muito mais do que hoje, só eram acessíveis às classes burguesas. Enquanto o movimento operário representa o resultado natural e normal da produção capitalista em qualquer parte onde esta atinge um grau determinado, o socialismo e seu desenvolvimento exigem,

não somente a existência do capitalismo, mas ainda a reunião, muito rara aliás, de condições especialíssimas. Por toda a parte, o socialismo só podia surgir num meio burguês. E, até hoje, o socialismo inglês encontrou seus melhores propagandistas nos meios burgueses.

Poder-se-á ver, nesse facto, uma contradição da teoria marxista sobre a luta de classes. Mas essa contradição só seria real se a classe burguesa tivesse, algum dia, adotado como sua a doutrina socialista ou se Marx tivesse estabelecido, como coisa impossível, que certos indivíduos, não proletários, pudessem, por motivos especiais, admitir o ponto de vista do proletariado.

A única coisa que Marx sempre afirmou foi que o socialismo não pode triunfar sinão pelas mãos da classe operária, ou, noutros termos, que o proletariado, para se libertar, não deve contar sinão com suas próprias forças. Isso, porém, não significa, de forma alguma, que um elemento alheio à classe operária não possa indicar o caminho a seguir.

Não temos necessidade de provar que o socialismo será incapaz de realizar seus objetivos se não se apoiar num sólido movimento operário. Mas não é certo, entretanto, que o movimento operário não possa desenvolver todas as suas forças a menos que tenha compreendido e aceito o socialismo.

O socialismo não é resultado de uma ética situada fora do tempo e do espaço, bem como de todas as distinções de classe. Não é ele, em última análise, mais do que a ciência da sociedade, partindo do ponto de vista do proletariado. Mas a ciência não serve apenas para satisfazer nossa curiosidade, nossa sede de saber, quando procura desvendar o desconhecido, o misterioso. Ela tem, além de tudo, uma finalidade econômica: economizar a força. Ela permite ao homem adaptar-se mais facilmente à realidade, encontrar um emprego mais adequado de suas forças, evitar qualquer dispêndio inútil de força, de realizar e atingir, assim, em qualquer tempo, o máximo que permitam atingir e realizar determinadas condições. Em suas origens, a ciência serve direta e conscientemente a essa economia de forças. Mas, à medida que a mesma se desenvolve e se afasta de seu ponto de partida, aumenta o número de intermediários que se interpõem entre a atividade de suas pesquisas e seus efeitos práticos. Tudo isso não consegue, entretanto, sinão disfarçar, sem jamais a suprimir, a relação existente entre ambos.

E assim é que a ciência social do proletariado, o socialismo, serve para tornar possível a utilização mais adequada de suas forças e, por conseguinte, o mais amplo desenvolvimento dessas mesmas forças. E, nesse sentido, obtém ela resultados naturalmente tanto melhores quanto for mais perfeita e quanto mais profundo for o conhecimento da realidade que na mesma existir.

A teoria socialista não é, absolutamente, um divertimento gratuito de alguns sábios de gabinete, mas uma realidade prática a serviço do proletariado militante. Este encontra sua arma principal no facto de suas massas se agruparem em organizações livres, poderosas, autônomas, independentes de qualquer influência burguesa. Mas a isso ele não pode chegar sem se apoiar numa teoria socialista, a única que é capaz de discernir onde se encontra o interesse do proletariado, dentro da infinita

variedade das diversas camadas proletárias e de estabelecer uma nítida demarcação entre essas camadas e o mundo burguês. E' necessário, por isso, êsse movimento operário ingênuo, alheio a tôda teoria e que nasce naturalmente do seio da classe operária contra o capitalismo em desenvolvimento.

Examinemos, por exemplo, as corporações. Estas são associações profissionais que lutam por salvar os interesses imediatos de seus membros. Mas como são diferentes êsses interesses segundo as profissões! Não são elas exatamente as mesmas entre os marinheiros e os mineiros, os cocheiros de carro e os tipógrafos. Sem a teoria socialista, êsses diversos agrupamentos, não podendo reconhecer a semelhança de seus interesses, permanecem estranhos uns aos outros, sem contudo assumir uma atitude hostil.

Como, porém, a corporação não defende sinão os interesses imediatos de seus membros, a mesma não se opõe diretamente ao conjunto do mundo capitalista, mas de preferência aos capitalistas de cada profissão, considerados isoladamente. Ao lado dêsses capitalistas, existe uma série de elementos burgueses, vivendo direta ou indiretamente da exploração dos proletários e que são, por conseguinte, interessados na ordem social burguesa; que se opõem a tudo quanto se proponha a acabar com essa exploração e a quem pouco importa que sejam más as condições de trabalho nesta ou naquela especialidade. O grande proprietário territorial, o banqueiro, o diretor de jornal, o advogado, etc., muito pouco se preocuparão com que o operário das fiações de Manchester ganhe 2 *shillings* ou 2 ½ por dia e trabalhe 10 ou 12 horas. Isso só lhes poderá interessar um pouco se possuírem ações dessas fiações. Todos êsses indivíduos podem ter interesse em fazer as corporações certas e determinadas concessões, a fim de obterem, em troca, alguns serviços políticos. Assim é que, nos países em que as corporações não se achavam esclarecidas por uma teoria socialista, se verificou a possibilidade de levá-las a tomar atitudes nada proletárias.

Mas eram ainda possíveis e, de facto, se verificaram piores eventualidades. Nem tôdas as camadas proletárias estão em condições de se organizarem corporativamente. E assim se estabelece, no seio do proletariado, a distinção entre operários organizados e operários não organizados. Quando os operários organizados adquirem a mentalidade socialista, tornam-se os elementos mais ativos do proletariado, os verdadeiros intérpretes da coletividade. Mas, no caso de não possuírem essa mentalidade, tornam-se facilmente aristocratas que, não somente se deixam de interessar pela sorte de seus camaradas não organizados, como também muitas vêzes se colocam contra os mesmos, procurando tornar-lhes difícil a organização, a fim de monopolizarem as vantagens dela decorrentes. Quando aos operários desorganizados, tornam-se incapazes de enfrentar qualquer luta, incapazes de se elevar sem o concurso dos operários organizados. Dessa maneira, o movimento corporativo pode, apesar de reforçar certas camadas, conduzir ao enfraquecimento direto de todo o proletariado, desde que êste não esteja animado do espírito socialista.

Sem êsse espírito, a organização política do proletariado não pode desenvolver tôda sua força. Isso é claramente provado pelo primeiro par-

tido operário, nascido na Inglaterra em 1835: o cartismo. Esse partido possuía, sem dúvida, certos elementos avançados e esclarecidos, mas, em seu conjunto, não se apoiava num programa socialista perfeitamente definido, visando apenas certos objetivos práticos, fáceis e imediatos, como, por exemplo, o sufrágio universal, que não era propriamente um fim, mas um simples meio e sua própria finalidade não consistia, para os cartistas em seu conjunto, mais do que a satisfação de certas reivindicações econômicas, sobretudo a jornada de 10 horas.

O primeiro inconveniente disso era que o partido não se tornava, assim, um verdadeiro partido de classe. O sufrágio universal interessava até mesmo a pequena burguesia.

Alguns consideravam como uma vantagem que a pequena burguesia fizesse causa comum com o partido operário. Isso aumentava os efetivos desse partido sem aumentar, entretanto, sua força. O proletariado tem interesses próprios e métodos de luta que diferem dos interesses e dos métodos de luta de todas as demais classes. Sua união com outras classes prejudica-o em seus movimentos, impedindo-o de desenvolver sua força integral. Nós, social-democratas, aceitamos com prazer a colaboração dos pequenos burgueses e dos camponeses, desde que os mesmos desejem juntar-se a nós, mas sob a condição de que os mesmos se coloquem no terreno das reivindicações proletárias e tenham alma de proletários. Nosso programa socialista faz com que todos os elementos burgueses que de nós se aproximam tenham essa mentalidade. Os cartistas, porém, não tinham esse programa. Eis a razão pela qual, na sua luta pelo sufrágio universal, tiveram suas fileiras engrossadas por uma verdadeira multidão de elementos burgueses, que não tinham nem inteligência nem inclinação pelos interesses e pelos métodos de luta proletários. Daí resultaram, inevitavelmente, grandes lutas intestinas, que enfraqueceram o partido cartista.

O fracasso da revolução de 1848 amorteceu, por uns dez anos, o movimento político do proletariado. Quando o proletariado europeu retomou sua marcha, o mundo operário inglês recomeçou a luta pelo sufrágio universal. Esperava-se, em consequência disso, uma ressurreição do cartismo. Foi, então, que a burguesia inglesa conseguiu dar um golpe de mestre. Dividiu o proletariado inglês, concedendo o direito de voto aos operários organizados, afastando-os da massa do proletariado e evitando, assim, o renascimento do cartismo que, de resto, defendia um programa que não ia além do sufrágio universal. Desde que esse programa era satisfeito na parte que atendia aos interesses da massa operária militante, o cartismo fracassou. Foi somente depois de alguns anos que os ingleses, marchando a reboque dos operários do continente europeu, resolveram fundar, de novo, um partido operário independente. Muitos deles, porém, dificilmente compreendiam a importância prática do socialismo para que se tornasse possível a plena expansão da força proletária, recusando-se a adotar um programa para o seu partido, por isso que este só podia ser um programa socialista. Tergiversaram até o momento em que o mesmo lhes foi imposto pela lógica dos factos. Atualmente, é preciso que o digamos, o Labour Party inglês começa a compreender cada vez melhor seu papel e sua finalidade, sendo possível que se torne capaz de

desenvolver toda a sua força e preparar o caminho para resultados maravilhosos.

Em nossos dias, encontramos por toda parte condições favoráveis à união necessária entre o movimento operário e o socialismo. No início do século XIX essas condições absolutamente não existiam

Nessa época, os operários foram de tal forma derrotados pelo primeiro assalto do capitalismo, que só a muito custo conseguiram resistir-lhe, organizando-se da maneira mais primitiva. Não lhes assistia nenhuma possibilidade para levar a cabo profundos estudos sociais.

Os socialistas burgueses não viam, pois, na miséria espalhada pelo capitalismo, senão uma de suas faces: a que enfraquece a luta revolucionária, esquecendo-se da outra: a que estimula e incita a ascensão revolucionária do proletariado. Aos seus olhos, apenas um factor poderia realizar a libertação do proletariado: a benevolência burguesa. Julgavam a burguesia de conformidade com seus desejos e imaginavam encontrar, no seio da mesma, grande número de indivíduos que partilhassem de sua opinião e capazes de ajudá-los na implantação de medidas socialistas.

De início, essa propaganda socialista encontrou, aliás, grande simpatia entre os filantropos burgueses. Para a maior parte desses elementos operários, os burgueses não são os monstros que muitos pensam ser. A burguesia, a seu ver, comove-se diante da miséria e, na medida em que esta não interessa a ela, procura atenuá-la. Mas, da mesma forma que o operário paciente excita sua compaixão, o operário que luta provoca sua ira, porque a burguesia tem a impressão de que estes trabalham contra sua própria existência. Desde que se transforme em mendigo, o proletariado goza das simpatias da burguesia, desde, porém, que resolva apresentar exigências, encontra por parte dela uma hostilidade feroz. Dessa forma, os socialistas verificaram, com desprazer, que o movimento operário os ameaçava de virem a perder o grande factor que lhes era mais favorável: as simpatias da burguesia generosa em face dos proletários.

Viam eles, no movimento operário, um elemento de perturbação tanto maior quanto menor era sua confiança no proletariado. Este, na sua maioria, era ainda muito pouco instruído e achavam, por isso, que era ineficaz esse mesmo movimento operário. E foi assim que chegaram muitas vezes a se opor diretamente ao movimento operário, procurando demonstrar, por exemplo, a inutilidade das corporações (sindicatos), que não tinham outra finalidade senão a elevação dos salários ao invés de combater o trabalho assalariado, fonte de todo o mal.

Pouco a pouco, porém, processava-se uma reviravolta. Entre 1840 e 1850, o movimento operário avançou de tal maneira que chegou a produzir uma série de espíritos maravilhosamente dotados, que se apossaram da doutrina socialista e nela reconheceram a ciência proletária da sociedade. Esses operários sabiam já, por experiência própria, que não podiam contar com a benevolência da burguesia. Compreenderam que o proletariado só se poderia libertar por suas próprias mãos. Ao lado deles, os socialistas burgueses chegaram à conclusão de que não era possível acreditar na generosidade da burguesia. Mas ainda não depositavam confiança no proletariado, cujo movimento continuava a lhes parecer apenas uma força de destruição, ameaçadora de toda a cultura. Achavam que a

inteligência burguesa poderia construir uma sociedade socialista, já não viam, porém, na base dessa construção, como sua força motriz, a piedade que inspirava o proletariado miserável, mas o temor provocado pelo proletariado que passava ao assalto. Esperavam que o medo, provocado pelo movimento operário em ascensão, impeliria a burguesia inteligente a suprimir esse perigo por meio de medidas socialistas.

O progresso era enorme. Mas essa última concepção não podia ainda realizar a união entre o socialismo e o movimento operário. Apesar da genialidade de alguns de seus camaradas, os operários socialistas não possuíam ainda esse vasto saber, sem o qual se tornava impossível a elaboração de uma nova e superior teoria socialista, de forma que esta ficasse organicamente ligada ao movimento operário. O máximo que eram capazes de fazer consistia em adotar o socialismo burguês, esse amontoado de utopias, adaptando-o a suas necessidades.

Nesse sentido, os que mais avançaram foram os socialistas proletários, que se ligaram ao cartismo e à revolução francesa. Esta última, sobretudo, assumiu importância capital na história do socialismo. A grande revolução havia mostrado claramente a importância que a conquista do poder representa na emancipação de uma classe. Durante essa revolução, uma poderosa organização política, o Club dos Jacobinos, havia conseguido (graças a um conjunto especial de circunstâncias e pelo estabelecimento do regime do terror, em que a pequena burguesia se misturava com elementos proletários) dominar Paris e, por esse meio, toda a França. E, antes do fim da revolução, Babeuf havia tirado conclusões sobre a mesma, num sentido puramente proletário, tentando apossar-se do governo por meio de uma conspiração, submetendo-o a uma organização comunista, que seria a senhora absoluta de todo o poder.

O mundo operário francês jamais se esqueceu dessa tentativa. Os socialistas proletários muito cedo compreenderam que a conquista do poder representava o meio mais certo de obter a força necessária para a instauração do socialismo. Mas, tendo em vista a franqueza e a insuficiente maturidade do proletariado, nada mais puderam fazer senão apelar para os golpes de mão, organizados por certo número de conspiradores, com a finalidade de desencadear a revolução. Nessa ordem de idéias, a França produziu Blanqui e a Alemanha Weitling.

Outros socialistas deixavam-se ainda arrastar pelas idéias da revolução francesa. Mas o golpe de mão já não lhes parecia ser o meio hábil para destruir a dominação do capital. Da mesma forma que os primeiros, estes não se apoiavam também no movimento operário. E procuravam fugir às dificuldades, ignorando deliberadamente o facto de que a pequena burguesia se apóia na mesma base do regime capitalista: a propriedade individual dos meios de produção. Deixavam-se embalar pela esperança de que os proletários poderiam acomodar-se com os capitalistas sem qualquer intervenção prejudicial, possivelmente com o auxílio da pequena burguesia, isto é, do povo. Para isso, era bastante, acreditavam eles, estabelecer-se na República e o sufrágio universal. Com isso, o poder central seria forçado a adotar medidas socialistas.

Essa superstição republicana, da qual Louis Blanc foi o representante mais destacado, teve seu correspondente na Alemanha, através da su-

perstição monarquista da realza social, idéia acariciada por alguns professores e outros ideólogos.

Esse socialismo de Estado monarquista não foi jamais sinão uma verdadeira parvoíce cu talvez uma teoria demagógica. Não teve nunca importância prática nenhuma. Quanto às tendências representadas por Blanqui e Louis Blanc, foram elas que dominaram Paris por ocasião da revolução de fevereiro de 1848.

Proudhon, entretanto, criticou-as acerbamente. Este duvidava do Estado, da mesma forma que do proletariado e da revolução. Achava que o proletariado devia libertar-se por si mesmo. Mas considerava, ao mesmo tempo, que, ao lutar por sua libertação, era-lhe absolutamente necessário lutar contra o poder e pela conquista dêsse poder. Efetivamente, até a luta puramente econômica estava na dependência do poder central, conforme os operários de então o sentiam a cada passo, privados como viviam de toda liberdade de organização. Considerando que a luta pela conquista do poder estava destinada a uma derrota certa, Proudhon aconselhava ao proletariado a que se abstivesse, nos seus esforços emancipadores, de qualquer espécie de luta, dedicando-se exclusivamente à sua organização pacífica tais como as caixas de seguros, e etc. Ele entendia tão pouco de sindicatos como de política.

Assim foi que, no momento exato em que Marx e Engels chegaram às conclusões finais sobre o seu método, o movimento operário e o socialismo, bem como as diversas tentativas feitas para estabelecer entre eles uma aproximação mais estreita, debatiam-se num caos de correntes as mais complexas, possuindo todas certa parcela de verdade, mas sem ter podido abarcar todo o conjunto e só podendo, mais cedo ou mais tarde, terminar num fracasso.

Aquilo que não se tinha podido fazer até então, tornou-se possível realizar por meio da concepção materialista da história que, em vista disso, se tornava importante não só para a ciência como também para a evolução efetiva da sociedade: em ambos os casos, ela facilitava a subversão de todas as idéias.

Da mesma forma que os socialistas de seu tempo, Marx e Engels compreendiam que o movimento operário se torna insuficiente quando o opomos ao socialismo e sempre que perguntamos qual vem a ser o meio mais apropriado para assegurar ao proletariado uma existência tranquila e para suprimir a exploração: o movimento operário (associações corporativas, luta pelo sufrágio universal, etc.) ou o socialismo? Entendiam eles que essa pergunta é completamente falsa. Não existe diferença entre socialismo, existência tranquila do proletário e supressão da exploração. A única pergunta a ser feita é esta: Como poderá o proletariado chegar ao socialismo? E a teoria da luta de classes nos responde: por meio do movimento operário.

Antes de mais nada, é preciso notar que este não é capaz de garantir ao proletário uma assistência tranquila, nem de conduzir à supressão da exploração. Mas constitui o único meio capaz de impedir que o proletário isolado permaneça na miséria e, além disso, de aumentar sem cessar a força

intelectual, econômica e política da classe em seu conjunto, muito embora a exploração do proletariado siga uma marcha ascendente e paralela. Quando examinamos o valor do movimento operário, é preciso considerar, não o que ele faz no sentido de reduzir a exploração, mas o que ele faz no sentido de aumentar a força do proletariado. Nem a conspiração de Blanqui, nem o democrático socialismo de Estado de Louis Blanc, nem as organizações pacifistas de Proudhon, nada disso, mas unicamente a luta de classes é que, prolongando-se durante anos ou mesmo durante gerações, dará forçosamente ao socialismo a força para se impor definitivamente. Conduzir a luta de classes no terreno econômico e político; realizar com ardor as pequenas tarefas, impregnando-as sempre das idéias verdadeiramente socialistas; agrupar, num conjunto gigantesco, mas harmonioso e homogêneo, tôdas as organizações e todos os esforços do proletariado, procurando aumentar incessantemente seu ímpeto irresistível, eis a tarefa que, segundo Marx e Engels, deve levar a cabo todo aquele que se coloque, seja ou não proletário, no ponto de vista do proletariado a quem deseja libertar.

Foi por meio desse encadeamento lógico do pensamento, que Marx e Engels estabeleceram os fundamentos sobre os quais se ergue a social-democracia, a base sobre a qual se apóia, cada vez mais, nas suas lutas, o proletariado do mundo inteiro e de onde o mesmo se arremessará para sua marcha triunfal.

Essa obra, porém, não era possível enquanto o socialismo não dispusesse de sua ciência própria, independente da ciência burguesa. Os socialistas, antes de Marx e de Engels, eram ordinariamente muito versados em economia política. Mas a verdade é que esses socialistas a aceitavam sem o menor espírito crítico, tal qual ela havia sido estabelecida pelos pensadores burgueses. O que os diferenciava dos burgueses era o facto de que, dessa ciência, tiravam eles conclusões favoráveis ao proletariado.

Marx foi o primeiro a fazer um estudo independente do sistema de produção capitalista e a mostrar que, a fim de compreendê-lo com mais profundidade e nitidez, é necessário que nos coloquemos sob o ponto de vista proletário. Esse ponto de vista está, com efeito, acima e fora do sistema de produção capitalista. Não vendo, no capitalismo, sinão um fenómeno passageiro, foi ele o único capaz de apreender perfeitamente sua particularidade histórica.

Foi através de *O Capital* (1867) que Marx expôs suas teorias. Mas, desde 1848, tinha ele, em colaboração com Engels, indicado, no *Manifesto Comunista*, seu novo ponto de vista sobre o socialismo.

O proletariado dispunha, desde então, para sua luta de emancipação, de uma sólida base científica como jamais havia possuído qualquer classe revolucionária. E' verdade que nunca uma classe revolucionária se havia encontrado diante de uma tarefa de proporções tão gigantescas como a do proletariado moderno, cuja missão consiste em reajustar o mundo posto fora dos eixos pelo capitalismo. Por felicidade sua, esse proletariado não deseja desempenhar o papel de um novo Hamlet: não se expande em lamentações. A enormidade de sua tarefa, pelo contrário, dá-lhe uma segurança e uma força extraordinárias.

VI. SÍNTESE DA TEORIA E DA PRÁTICA

Acabamos de fazer um esboço do que nos forneceu a colaboração de Marx e de Engels. Mas o quadro de suas atividades ficaria incompleto se não apontássemos um dos pontos nitidamente característicos de sua doutrina: a união entre a teoria e a prática.

Do ponto de vista dos pensadores burgueses, essa particularidade lança certa sombra sobre a grandeza científica desses dois homens, muito embora a mesma force a admiração, um tanto contrafeita, recalcitrante e pouco inteligente da ciência burguesa. Se Marx e Engels fossem apenas dois teóricos, dois sábios de gabinete, unicamente preocupados em expor suas doutrinas em alguns *in-folios* inacessíveis e numa língua incompreensível ao comum dos mortais, não haveria nisso mais do que um meio-mal. Mas, desde que sua ciência tem sua origem na luta e está a serviço da luta contra a ordem existente, esse facto é suficiente para que os mesmos tenham perdido toda a candura e toda a honestidade.

As pessoas que raciocinam dessa forma não podem conceber um lutador social sinão com as características de um advogado para quem a ciência só é útil quando fornece argumentos capazes de refutar a parte contrária. Não compreendem que ninguém sente necessidade mais urgente da verdade do que um legítimo lutador empenhado num terrível combate, de que não pode sair vencedor sinão conhecendo claramente sua situação, seus recursos e suas possibilidades. Os juizes encarregados de interpretar as leis podem ser arrastados ao erro em consequência das espertezas de um chicanista conhecedor da ciência jurídica. Mas a necessidade natural não é possível deixar de reconhecê-la, não podemos ter a esperança de deturpá-la, nem corrompê-la.

O lutador que se coloque nesse ponto de vista será inevitavelmente incitado, pela violência da luta, a investigar com mais ardor ainda a verdade completa. E sentirá, além disso, a necessidade absoluta de não guardar apenas para si a verdade assim adquirida, procurando comunicá-la a seus companheiros de luta.

Eis a razão por que, referindo-se aos anos de 1845 a 1848, nos quais Marx e ele obtiveram novas vitórias científicas, Engels escreve que ambos não tinham a intenção de "confiar esses resultados somente aos sábios, por intermédio de grossos volumes". Desde o início, pelo contrário, puseram-se eles em contacto com as organizações proletárias, a fim de fazer entre as mesmas a propaganda em favor de seus pontos de vista e da tática correspondente. Conseguiram, assim, conquistar para sua doutrina um dos agrupamentos proletários mais importantes da época — a Liga Comunista — bem como publicar, algumas semanas antes da revolução de fevereiro de 1848, o *Manifesto Comunista* que deveria ser, daí por diante, o guia do movimento proletário em todos os países.

A revolução obrigou Marx e Engels a trocarem Bruxelas por Paris e, em seguida, a se fixarem na Alemanha onde se consagraram, durante algum tempo, exclusivamente à prática revolucionária.

O fracasso da revolução forçou-os, entretanto, desde 1850, a se consagrarem inteiramente à teoria, embora por simples instinto de conser-

vação. Logo que, depois de 1860, o movimento operário adquiriu novo vigor, Marx, embora desajudado de Engels (impedido na sua atividade por negócios de família), voltou imediatamente a intervir com todas as suas forças no trabalho de realização, tendo atuado na Internacional Operária que, fundada em 1864, pouco depois se tornava o espantelho de toda a Europa burguesa.

O ridículo espírito policial com o qual a democracia burguesa combate o movimento proletário, pretendeu estigmatizar a Internacional, apontando-a como uma vasta associação de conspiradores especializados na organização de desordens e de golpes de mão. Na realidade, porém, a Internacional visava outros objetivos e isso publicamente: agrupar todas as forças proletárias para uma ação comum e independente, desligada de qualquer espécie de política ou de pensamento burguês e tendo, como objetivo, a expropriação do capital, a conquista pelo proletariado de tudo quanto possuem as classes dirigentes em matéria de poder político e potência econômica. O que se torna mais urgente e mais decisivo é a conquista do poder político. Mas a emancipação econômica da classe operária é o objetivo final, ao qual se deve subordinar todo o movimento político, como simples meio secundário que é.

Segundo a opinião de Marx, a organização é o principal meio de que dispõe o proletariado para o desenvolvimento de sua força: "Os proletários — afirma ele em seu discurso inaugural — dispõem de um elemento de sucesso: a massa. Mas a massa não pesa verdadeiramente na balança, sinão quando se encontra unida através de uma organização e dirigida segundo um objetivo determinado."

Sem objetivo não existe organização. Somente um objetivo comum é capaz de unir grande número de indivíduos numa organização comum. E, por outro lado, a diversidade de objetivos concorre para desunir, da mesma forma que a comunhão de objetivos concorre para unir.

E' precisamente devido à importância da organização para o proletariado, que tudo fica dependendo do objetivo que lhe é designado. Esse objetivo é da mais alta importância prática. Nada existe de menos prático do que a idéia, na aparência tão cheia de espírito realista, de que o movimento é tudo e o objetivo nada. Será possível admitir-se que a organização nada represente e o movimento desorganizado seja tudo?

Antes de Marx, certos socialistas haviam apontado objetivos ao proletariado. Mas nada conseguiram sinão estimular a formação de seitas e dividir os proletários, por isso que esses socialistas insistiam sobretudo sobre a maneira particular por eles inventada para resolver o problema social. Tantas eram as seitas quantas as soluções.

Marx não apresentava nenhuma solução particular. Resistiu a todas as solicitações no sentido de se tornar positivo, de expor em detalhes as medidas por ele consideradas capazes de emancipar o proletariado. Na Internacional, não apontou a essa organização sinão o objetivo geral que todo o proletário poderia considerar como seu: a emancipação econômica da classe e o caminho por ele indicado era aquele que o instinto aconselhava a todo o proletário: a luta de classe, econômica e política.

Foi principalmente a forma sindical de organização a que Marx preconizou na Internacional. Nela via ele a forma mais capaz de realizar a

união durável das grandes massas. Os sindicatos pareciam-lhe igualmente como sendo os quadros naturais do partido operário. Impregná-los do espírito da luta de classe, prepará-los para compreender as condições dentro das quais se pode levar a efeito a expropriação da classe capitalista e a emancipação do proletariado, eis o que ele visava não menos ardentemente do que o desenvolvimento das organizações sindicais.

Foi-lhe necessário vencer grandes resistências, justamente entre os operários mais avançados ainda impregnados do espírito dos antigos socialistas e olhando com desdém os sindicatos, por isso que estes não se opunham ao trabalho assalariado. Esses operários achavam que os sindicatos seguiam um caminho errado, uma vez que não ligavam importância à tarefa de criar organizações tais como cooperativas de produção por meio das quais se podia combater diretamente o trabalho assalariado. Se, apesar de tudo isso, as organizações sindicais fizeram, a partir de 1865, rápidos progressos no continente europeu, foi devido antes de tudo à Internacional e à influência exercida por Marx sobre ela e por meio dela.

Marx, entretanto, não considerava os sindicatos como um fim em si mesmo. Via neles apenas o meio de conduzir a luta de classes contra a ordem capitalista. Aos líderes, que procuravam desviar os sindicatos desse objetivo, fosse por um interesse pessoal, fosse por um interesse profissional, opunha-lhe a resistência mais enérgica. Por exemplo: contra os dirigentes ingleses, que começavam a namorar os liberais.

Sua indulgência e tolerância eram tão grandes em face das massas proletárias, quanto sua severidade em face dos que se apresentavam como chefes. E isto se verificava, em primeiro lugar, no que se refere aos teóricos.

Marx acolhia com a máxima boa vontade, nas organizações proletárias, qualquer operário que a ele se apresentasse com a intenção honesta de tomar parte na luta de classe. Não se preocupava com as idéias por acaso defendidas pelo novo adepto, nem com os argumentos de que se servia. Pouco lhe importava que esse adepto fosse ateu ou cristão, partidário de Proudhon, de Blanqui, de Weitling ou de Lassalle e que compreendesse e aceitasse a teoria do valor ou a julgasse totalmente supérflua, etc.

Mas o que lhe era indiferente vinha a ser o facto de lidar com operários conscientes ou com operários de idéias confusas. Considerava tarefa importante esclarecê-los, mas achava que seria um erro afastar ou excluir da organização os operários cujas idéias eram ainda confusas. Depositava inteira confiança na força da oposição de classe e na lógica da luta de classe, que deveriam colocar o proletariado no bom caminho desde que todos os operários se filiassem a uma organização a serviço da verdadeira luta da classe proletária.

Sua atitude não era, entretanto, a mesma em relação às pessoas que se apresentavam como orientadoras do proletariado e difundiam entre os trabalhadores idéias que só podiam perturbar a força e a unidade da classe. Em face desses indivíduos não havia tolerância de sua parte. Perseguia-os com sua crítica impiedosa, mesmo quando suas intenções fossem as melhores possíveis. Em qualquer caso, considerava ele que a ação dos mesmos era perniciosa, levando em conta que essa ação podia

dar resultados negativos, quando não redundasse num simples desperdício de forças.

Por tudo isso, Marx foi mais odiado do que qualquer homem o foi jamais: tanto pela burguesia, que nele via seu inimigo mais perigoso, como por todos os criadores de corrilhos, os inventores, os intelectuais, os "conselheiros de confusão", e outros elementos semelhantes existentes no campo socialista e que a sua intolerância, o seu autoritarismo e suas atitudes de Papa revoltavam tanto mais vivamente quanto mais dolorosamente eram feridos pela sua crítica.

Nós, os marxistas, herdamos, ao mesmo tempo, as idéias do mestre e a sua situação especial, às quais nos mantemos fiéis. Somente o que se sente fraco protesta contra a intolerância de uma crítica puramente literária. Ninguém é criticado com maior aspereza e com maior perversidade do que Marx e o marxismo. E, no entanto, jamais passou pela idéia de um marxista fazer lamentações a propósito da intolerância de nossos adversários literários. Não nos preocupamos em fazê-lo, seguros como estamos do acerto de nossa posição.

Mas o que não nos deixa indiferentes é o descontentamento que, de quando em vez, se manifesta entre as massas proletárias a propósito das disputas literárias verificadas entre os marxistas e seus críticos. Esse descontentamento, aliás, exprime apenas uma necessidade legítima: a da unidade da luta de classe, do agrupamento de todos os elementos proletários numa grande massa compacta, o receio das divisões que poderiam enfraquecer o proletariado.

Os operários conhecem perfeitamente a força que resulta da sua união. Esta supera, aos seus olhos, qualquer espécie de esclarecimento teórico, razão pela qual maldizem qualquer discussão dessa natureza desde que possa a mesma conduzir à cisão. E a verdade está com eles, visto como os debates teóricos podem dar resultado contrário aos objetivos colimados, enfraquecendo a luta de classe ao invés de fortalecê-la.

Um marxista, que sustentasse uma discussão teórica até o ponto de provocar a cisão nas fileiras de uma organização proletária, não estaria agindo de acordo com a doutrina de Marx, para quem todo o passo, que seja dado à frente por um movimento de verdade, é mais importante do que uma dúzia de programas.

Quanto ao lugar que os marxistas devem ocupar no seio das organizações proletárias, Marx e Engels o apontaram no *Manifesto Comunista*, sob a rubrica: *Proletários e comunistas*. Os comunistas desse tempo eram aproximadamente o que hoje denominamos marxistas. Eis o que se lê no *Manifesto*:

"Qual é a posição dos comunistas em relação aos demais proletários?

"Os comunistas não constituem um partido distinto em face dos outros partidos operários. Não têm interesses diferentes dos do proletariado em geral. Não estabelecem princípios distintos sobre os quais pretendam modelar o movimento operário.

"A diferença entre os comunistas e os outros partidos proletários pode ser reduzida ao seguinte: 1.º) através das diversas lutas nacionais dos proletários, os comunistas põem em destaque e fazem prevalecer os interesses independentes da nacionalidade e comuns a todo o proletariado;

2.º) nas diversas fases que atravessa a luta entre o proletariado e a burguesia, os comunistas representam os interesses do movimento em seu conjunto.

"Na prática, os comunistas são, portanto, a fração mais resoluta dos partidos operários de todos os países, aquela que, sem cessar, lhes empresta novo impulso. Na teoria, levam sobre a massa proletária a vantagem que lhes dá a melhor compreensão das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento proletário.

"Para os comunistas, o objetivo imediato é o mesmo que o de todos os outros partidos proletários: a organização do proletariado como classe, a destruição do domínio burguês, a conquista do poder político pelo proletariado.

"As concepções teóricas dos comunistas não se apoiam, absolutamente, sobre idéias, sobre princípios inventados ou descobertos por tais ou quais reformadores do mundo. Traduzem apenas a expressão geral das condições de facto existentes em consequência de uma luta de classe e de um movimento histórico que se desenrola sob nossos olhos."

Nestes setenta e cinco anos, decorridos desde a publicação do *Manifesto*, verificaram-se, no mundo tão grandes transformações, que tudo isso já não se pode aplicar ao pé da letra. Em 1848 não existiam ainda grandes partidos operários unitários, com vastos programas socialistas, e, ao lado da teoria marxista, havia outras muito mais difundidas.

Hoje, o proletariado militante, agrupado em partidos consideráveis, conhece apenas uma teoria socialista: o marxismo. Nem todos os membros dos partidos operários são marxistas e são muito pouco numerosos os que conhecem a fundo o marxismo. Mas os que não aceitam a teoria marxista não se apoiam em teoria de espécie alguma. Ora negam a necessidade de qualquer teoria ou de qualquer programa, ora elaboram teoria e programa para uso próprio, tomando de empréstimo os sobejos de alguns sistemas anteriores a Marx, a que já nos referimos e ainda não desapareceram de todo. Misturam-lhe alguma coisa de marxismo, dando-lhe o caráter de um socialismo ao alcance de todos e que possui a vantagem de se poder pôr à margem o que do mesmo não é conveniente no momento ou nele incluir qualquer coisa que possa estabelecer uma acomodação temporária. Isso é muito mais cômodo do que o marxismo, sempre lógico, mas não tem valor algum visto como a teoria é realmente uma coisa da mais alta importância. Essa espécie de socialismo é suficiente para os fins ordinários de agitação popular, mas não apresenta o menor valor desde que seja preciso tomar uma orientação segura em face da realidade, em face de novos e inesperados acontecimentos. Devido exatamente à sua maleabilidade e flexibilidade, ele não pode servir de base à construção de um sistema capaz de afrontar tôdas as tempestades. E não pode também servir de fio condutor para os que realizam pesquisas, uma vez que ele próprio foi estabelecido para servir a necessidades pessoais e transitórias de seus representantes.

No momento atual, o marxismo já não se choca com outras concepções socialistas no seio do proletariado. Seus críticos não lhe opõem outras teorias, contentando-se apenas em levantar dúvidas quanto à necessidade de sua teoria ou pelo menos de uma teoria consequente consigo

mesma. Falam muito a respeito de dogmatismo, de ortodoxia, etc., mas não apresentam sistemas novos e completos para orientação do proletariado.

Essa é mais uma razão para que nós, os marxistas, evitemos qualquer tentativa de constituir, no seio do movimento operário, uma seita marxista, que se afaste das outras camadas do proletariado militante. Seguindo o exemplo de Marx, achamos que nossa tarefa consiste, sobretudo, em agrupar todo o proletariado numa organização de combate. Pretendemos, porém, no seio desse organismo, formar o partido mais decidido e sempre pronto a marchar para a frente, tendo sobre a massa do proletariado a vantagem de possuir uma idéia clara das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento proletário. Noutros termos: esforçar-nos-emos sempre no sentido de transformar em energia prática e em conhecimentos teóricos tudo quanto os recursos existentes permitam realizar. Exatamente por tudo isso, devido à superioridade dos trabalhos para os quais nos habilita a excelência de nossa teoria marxista, é que reivindicamos um lugar especial no organismo do proletariado congregado em partido de classe e impelido, cada vez mais, pela lógica dos factos e muitas vezes inconscientemente, na direção apontada pelo marxismo.

Muito raramente, aliás, um marxista ou grupo marxista chegou a provocar cisões devido apenas a diferenças de opinião teórica. A cisão, no caso em que esta se verificava, era sempre devida a diferenças de opinião no terreno da prática. A teoria era apenas o bode expiatório ao qual eram atribuídos todos os pecados de Israel.

Marx não se limitou a mostrar teoricamente o caminho que poderia conduzir mais rapidamente o proletariado ao seu elevado objetivo. Forneceu também o exemplo prático. Sua atividade no seio da Internacional, transformou-o num modelo para toda a nossa atividade prática.

Não é somente como pensador, mas também como um modelo, que devemos homenagear ou, o que fica mais de acordo com seu espírito, estudar Marx. A história de sua atividade pessoal não nos é menos aproveitável do que a de suas exposições teóricas.

E ele foi um modelo não só pelo seu saber, pela grandeza de sua inteligência, como também pela tenacidade e pelo denodo que nele se aliavam a uma bondade e a um devotamento extraordinários, bem como a uma inalterabilidade de humor inquebrantável.

Quem desejar certificar-se de seu denodo, bastará ler o processo que contra ele foi movido em Colônia, a 9 de fevereiro de 1849, por ter feito um apêlo à resistência pelas armas. Nesse apêlo, demonstra ele a necessidade de uma nova revolução. Sua bondade e seu desinteresse são atestados pela solicitude que, embora vivendo na maior miséria, manifestava para com seus companheiros a quem dava sempre atenção, esquecendo-se de si mesmo. Por exemplo: depois da derrota na revolução de 1848 e do fracasso da Comuna de Paris em 1871. Sua vida inteira foi uma seqüência ininterrupta de provações, que só poderiam ser suportadas por um homem cuja tenacidade e solidez de convicções ultrapassavam de muito a medida comum.

Desde o início de sua colaboração na *Reinische Zeitung*, em 1842, teve que peregrinar de país em país, até o momento em que a revolução

de 1848 o levou a entrever a aurora da vitória. Mas o fracasso dessa revolução lançou-o numa verdadeira miséria pessoal e política, que parecia tanto mais sem solução quando era atacado por todos os lados: em seu exílio, econtrava-se boicotado pela democracia burguesa e viupendiado por certos comunistas que o censuravam por não ser muito radical, enquanto um grande número de amigos fiéis a ele, foram enterrados vivos nas masmorras prussianas. Apresentou-se-lhe afinal uma clareira: a Internacional. Mas também essa não tardou a sofrer um eclipse: após a repressão da Comuna de Paris, a Internacional desagregou-se por completo. Ela havia cumprido plenamente sua missão, e, exatamente por isso, os movimentos proletários nos diversos países tinham ganho maior autonomia. Quanto mais se expandia seu movimento, maior necessidade tinha a Internacional de uma forma de organização mais flexível, que permitisse maior liberdade às organizações nacionais. No momento, porém, em que essa nova orientação se tornava mais imperiosa, os líderes dos sindicatos, desejosos de colaborar com os liberais, sentiam-se prejudicados pelas tendências da luta de classes, enquanto, nos países latinos, o anarquismo de Bakunin se insurgia contra a participação dos operários na política. Todos esses acontecimentos, verificados justamente nessa época, obrigaram o Comitê Geral da Internacional a exercer, da maneira mais rigorosa, seus direitos de órgão central, no momento em que o federalismo das organizações operárias se tornava mais necessário do que nunca. Foi contra essa contradição que se espatifou o soberbo navio comandado por Marx.

Esse facto constituiu para ele desilusão amarga. Chegou a assistir ao brilhante incremento da social-democracia alemã e ao progresso do movimento revolucionário na Rússia. Mas a lei contra o socialismo sustou por algum tempo esse impulso promissor e o terrorismo russo atingiu seu apogeu em 1881. Depois dessa data, o movimento declinou rapidamente.

A atividade política de Marx foi, portanto, uma seqüência ininterrupta de insucessos e desilusões. E a mesma coisa se pode dizer em relação à sua atividade científica. *O Capital*, em que ele havia depositado grandes esperanças, passou desaperecebido até certo ponto, não tendo produzido os efeitos esperados. Até por volta de 1880, o próprio partido marxista quase o não compreendia.

Marx faleceu justamente na ocasião em que estavam começando a amadurecer os frutos cujas sementes ele havia semeado em meio das mais furiosas tempestades, dentro das trevas de dias em que não havia sol. Morreu na ocasião em que o movimento proletário se assenhoreava de toda a Europa, se impregnava por toda parte do espírito marxista, se colocava no ponto de vista do grande inovador e, por essa razão, dava origem a um período de desenvolvimento vitorioso do proletariado, completamente diferente do tempo em que Marx, combatendo isolado, incompreendido, e grandemente odiado, lutava contra um mundo de inimigos para conseguir que suas idéias fossem compreendidas.

Essa situação, entretanto, por mais desencorajadora e mais desesperante que fosse para um homem comum, não impediu que Marx conservasse sua serenidade, sua altiva confiança. Era tão superior a seus contemporâneos, sua visão alcançava tão longe, que podia ver claramente

a terra prometida numa ocasião em que a grande massa nada conseguia entrever. Era da grandeza de sua ciência e da profundidade de sua teoria que extraía as melhores forças do seu caráter. Era aí que se radi-
cavam sua confiança e sua inquebrantável tenacidade, graças às quais não
conheceu jamais essas flutuações, nem êsses entusiasmos inconstantes,
que fazem alternar as alegrias mais elevadas com as desolações mais
profundas.

E' nessa mesma fonte que nos devemos abeberar. Só assim teremos
a certeza de poder cumprir nossa missão nas grandes e penosas lutas
que nos esperam e de poder contribuir com o máximo de nossos esforços.
Sòmente assim teremos o direito de gozar da próxima vitória. A bandeira
de emancipação do proletariado e, por conseguinte, de tóda a humanidade,
foi desfraldada por Marx, que a defendeu durante mais de uma geração
sem jamais desesperar ou fraquejar diante dos assaltos contra ela reno-
vados sem cessar. Essa bandeira, os lutadores formados na escola de
Marx haverão de a desfraldar vitoriosamente sôbre as ruínas da Bastilha
capitalista.

Paris, 1904.

(Prefácio à edição francesa d'O *Capital*, de Karl Marx, tradução
de J. Molitor, de Alfred Costes, editeur — 1930.)



LUTAR, LUTAR SEMPRE — O nosso Partido aconselha os trabalha-
dores a lutarem por melhores salários porque, na medida em que o
fizeram, estarão de facto buscando uma saída pacífica para o descon-
tentamento popular e desarmando os reacionários e fascistas que
querem o cáos e a guerra civil, com o objetivo de liquidar o movi-
mento operário e impedir a consolidação da democracia. (De *Reso-
luções da II Conferência Nacional do PCB*, item 4).



UNIÃO NACIONAL — A política de união nacional defendida pelo
nosso Partido visa conquistar as mais amplas massas sociais, desde
o proletariado até às camadas da burguesia progressista, que sentem
a pressão do desenvolvimento do país. O processo de união nacional
pode e precisa ser impulsionado na base de um programa mínimo de
defesa e consolidação da democracia. Nessa união estamos dispostos
a marchar com todos os homens, forças e partidos políticos que quei-
ram conosco defender a democracia, solucionar os problemas mais
sentidos do povo, enfrentar os problemas da inflação e da carestia
da vida e assegurar uma Constituição democrática, criando assim
condições para chegarmos ao governo de confiança nacional que alme-
jamos. (De *Resoluções da III Conferência Nacional do PCB*, item 5).

SOBRE A MORAL COMUNISTA

V. KOLBANOVSKII.

Os problemas da moral, como todos os problemas da vida social, foram os primeiros a serem colocados em terreno firme e científico, quando nasceu o materialismo histórico, a verdadeira ciência das leis do desenvolvimento social.

A moral do ponto de vista do materialismo histórico

À luz do materialismo histórico revela-se a inconsistência das concepções idealísticas da moral; tornam-se visíveis as falhas das teorias de moral apresentadas pelas filosofias materialistas pre-marxistas.

Os ensinamentos idealísticos ou unem a moral à religião, afirmando que os princípios morais dos homens lhes são conferidos pelo "entendimento divino", ou, então, deduzem a moral de um sentimento ético especial ou de uma noção do dever moral, como que originalmente depositada na "alma" do homem.

As concepções idealísticas da moral geralmente apresentam as coisas de tal maneira, como se sempre, em todos os tempos e para todos os homens, existissem as mesmas concepções — universalmente aceitas — sobre o que é o bem e o que é o mal.

A asseveração da existência de uma moral eterna e imutável não é apenas inerente às teorias idealistas. Esse ponto de vista também era adotado pelos materialistas anteriores a Marx e Engels, se bem que eles repudiassem a origem divina da moral e tentassem ligar seus princípios éticos aos seus conceitos materialistas sobre a natureza.

Em oposição a toda espécie de teorias não científicas de moral, o marxismo demonstrou a condição de que o homem, com toda sua psiquê, com toda sua vida mental e moral, é um produto do meio social, e, aliás, sempre um produto concretamente criado pelo meio social, afinal de contas, determinado pelos meios de produção.

Não existe, por isso, nem pode existir, de uma vez para sempre, um determinado sistema de moral, que sirva e seja aceito por todos, em todos os tempos e para todos os homens. Não só a cada época são peculiares concepções e julgamentos diversos sobre o bem e o mal, mas até dentro da mesma época as teorias e princípios éticos das diferentes classes sociais são diferentes.

Assim, Engels mostrava que na sociedade burguesa se conservam e se distinguem nitidamente três aspectos da moral: a moral que ficou como herança do feudalismo, a moral da burguesia e a moral do proletariado.

Mas se, numa sociedade antagônica, a moral é inevitavelmente de classes e não pode ser aceita por todos, então, numa sociedade que desconhece os antagonismos de classe, criam-se as condições necessárias para a vitória da moral comum a todos os seres humanos. Engels escrevia:

"A moral verdadeiramente humana, elevando-se acima das contradições de classe e das suas reminiscências, só será possível numa fase de desenvolvimento social em que estiverem não só vencidos os antagonismos de classe, mas em que também o seu rastro estiver apagado na vida prática". (K. Marx e Engels — *Obras* — T. XIV, pág. 91).

Os fundadores do marxismo revelaram a natureza de classe da moral, mostraram suas origens e sua evolução na história da sociedade humana. Devido às condições do seu tempo, os grandes mestres do proletariado só puderam, todavia, esboçar nos seus traços mais gerais os contornos da futura moral comunista.

As outras revelações da essência e manifestações da moral comunista foram feitas por Lênin e Stálin. Lênin, no seu famoso discurso do 3.º Congresso Pan-Russo da RKSM, caracterizou o conteúdo da ética comunista e seus traços principais. O camarada Stálin, generalizando a grande experiência da luta do partido e do povo soviético pela construção do socialismo em nosso país, desenvolveu ainda mais as idéias leninistas sobre a moral comunista.

Nos discursos do camarada Stálin há indicações sobre como deve ser o membro do partido bolchevique a fim de ser digno de tão alta posição; como deve ser o político do tipo leninista; o que se espera de cada cidadão soviético para que esteja à altura da ética e do comportamento comunista. Nos discursos do camarada Stálin encontra-se caracterizado o papel desempenhado pela organização soviética e pela ação dirigente do Partido bolchevique na educação da ética comunista. Os discursos do camarada Stálin mobilizam as massas para a luta pela vitória do comunismo, educam o povo no espírito do patriotismo supremo, no espírito da moral comunista.

Moral burguesa

A moral comunista é o desenvolvimento superior da moral proletária, que tem o início de sua formação dentro da organização capitalista, na luta contra a moral burguesa, que ocupa no capitalismo uma posição de predomínio. A moral que domina na sociedade burguesa é, afinal de contas, determinada pelas relações de produção capitalista, que se caracterizam pela exploração do homem pelo homem. A sociedade burguesa é fundada — segundo ensina Lênin — num princípio tal que, ou você rouba, ou você é roubado; ou você trabalha para outro ou ele para você; você é senhor ou escravo. E' natural que os homens educados nessa sociedade, pode dizer-se que recebem com o leite materno a psicologia, o costume, a noção: ou senhor, ou escravo, pequeno proprietário, pequeno empregado, pequeno funcionário, intelectual; em resumo, uma pessoa que só pensa em como obter o seu, não se preocupando com os outros.

Se sou dono deste pedaço de terra nada tenho com o outro; se o outro passa fome, tanto melhor, venderei por maior preço meu pão. Se tenho meu empreguinho, como médico, engenheiro, professor, empregado, nada tenho com os outros. Talvez, sendo conivente, agradando ao poder dos ricos, conserve meu lugar, e possa ainda subir, chegar a ser burguês." (*Obras*, t. XXV, pág. 393.)

A organização capitalista deforma moralmente os homens e é foco de torpe egoísmo, de atitude desumana em relação ao destino do homem. A realidade capitalista torna o mal e o crime traços característicos das relações entre os homens. Isso mastra-nos claramente o escritor inglês, D. Priestley, na sua peça intitulada *Ele chegou*, peça em que o autor apresenta uma respeitável família burguesa da Inglaterra, da qual todos os membros: o pai, a mãe, o filho, a filha e o noivo desta se tornam culpados da morte de uma jovem operária indefesa. Nenhum dos culpados desse drama desejava a morte da moça, mas, objetivamente, em virtude da própria lógica das condições existentes na sociedade burguesa, cada um dos membros dessa família burguesa contribuiu para esse crime com sua parte.

O capitalismo gera tipos de homens que, mesmo reconhecendo a desumanidade das normas capitalistas, fogem da luta ativa contra o mal e a injustiça, sendo totalmente entorpecidos pelo seu mundo estreito e pelos seus pequenos e triviais interesses. Assim, por exemplo, é o “jogador de croquet” na história de Wells, do mesmo nome. “Vejo perfeitamente — diz ele — que ainda nos encontramos sob a influência do homem das cavernas e que ele está preparando uma grandiosa recidiva... Deixem que eu volte à idade da pedra. Deixem que isso seja — conforme vocês estão dizendo — o fim da civilização. Sinto muito, mas, hoje, de manhã, nada posso fazer. Tenho um compromisso. Aconteça o que acontecer, às 12 e meia, jogarei *croquet* com a titia!”

A moral burguesa norte-americana

O capitalismo torna cada vez maior o abismo existente entre os preceitos de moral, de um lado, e o verdadeiro comportamento e o modo de agir dos homens, de outro. Até os ideólogos do capitalismo são forçados a reconhecer isso. Um dos conselheiros de Roosevelt — James Varbourg — que foi, por algum tempo, o auxiliar do diretor de propaganda do Bureau de Informações de Guerra, escreve no seu livro, intitulado *A Política do Exterior Começa no Próprio País*: “A atual forma de vida da civilização ocidental é um conflito insolúvel, uma vez que, do ponto de vista ético e religioso, a civilização tem por base a fé na justiça e igualdade, mas, na vida prática, domina a doutrina da verdadeira seleção, da sobrevivência dos mais capazes.” E’ claro que a questão da chamada “verdadeira seleção” é totalmente desprovida de fundamento. A verdade é que a atual civilização burguesa é cada vez menos compatível com as exigências elementares da moral humana, apesar das palavras “bem” e “justiça” aparecerem com bastante frequência nos discursos e nas manifestações das pessoas que servem de corpo e alma ao capitalismo.

Como aplicar palavras sobre a liberdade, o progresso, a humanidade, manejadas pelos representantes oficiais da comunidade burguesa, por exemplo, à América, existindo lá, como existe, uma verdadeira hierarquia de raças, que é contrária às mais elementares exigências da moral humana? Como conciliar com essas exigências elementares a desumanidade e o escárneo já habituais no tratamento dispensado à população negra da América?

Já nas primeiras fases do desenvolvimento da sociedade burguesa se manifestou com toda evidência a incompatibilidade existente entre a pregação oficial dos altos princípios da igualdade de todos os homens, da fraternidade e liberdade, e as verdadeiras relações na sociedade burguesa, onde reinam a exploração, a opressão e a concorrência desenfreada. Essa circunstância conferiu à moral burguesa o caráter de hipocrisia e dissimulação. A pregação dessa moral assume caráter subalterno: serve para encobrir a realidade desagradável, justificar a ordem capitalista e defendê-la contra a indignação crescente das classes proletárias.

Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, à medida que a ordem burguesa se torna obstáculo ao aumento das forças produtivas e se agrava a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, as formas de ideologia burguesa, nas quais os interesses de classe da burguesia são apresentados como sendo os interesses gerais (entre elas também se encontra a moral burguesa), perdem o conteúdo real e se reduzem a frases vazias, de mentira consciente e de hipocrisia premeditada. E quanto mais a mentira e a falsidade interior dessa moral são reveladas pela vida, tanto mais hipócrita se torna a linguagem da sociedade burguesa oficial.

O maior dramaturgo inglês, Bernard Shaw, ridicularizou com grande mordacidade a tática do burguês inglês, que pratica as ações mais baixas sob a máscara de benfeitor. "E sempre e para tudo ele tem preparada a pose de grande efeito do homem de bons costumes. Na qualidade de grande lutador pela liberdade e independência nacional, ele conquista e anexa ao seu país meio mundo e chama a isso de colonização. Ele precisa, por exemplo, de um novo mercado para as mercadorias de Manchester armazenadas como excesso de produção. Imediatamente, ele mata um missionário e, em seguida, recorre às armas em defesa do cristianismo, luta pelo cristianismo, faz as conquistas em nome do cristianismo e, como recompensa do céu, apodera-se do mercado." (*O Homem do Destino.*)

Apologistas do canibalismo

Por outro lado, o capitalismo atual gerou e continua gerando apologistas sinceros do canibalismo, que se esforçam em desenfrear cada vez mais a besta no homem.

A custa dos imperialistas reacionários alemães foi criado e alimentado o fascismo, que levou aos limites máximos a ideologia do ódio ao ser humano, a prática de bárbaros massacres em massas de homens e a destruição da cultura material e espiritual da humanidade.

Eu liberto o homem da quimera humilhante que se chama consciência, — declarava o lunático *führer* dos fascistas germânicos. Tanto a consciência como a instrução inferiorizam o homem. Eu tenho a superioridade de não ser freado por nenhuma espécie de considerações de caráter teórico ou moral". O chefe dos canibais contemporâneos, que proclamou como símbolo de fé a amoralidade por princípio, conseguiu

impelir milhões de alemães a praticar crimes monstruosos contra a humanidade.

Como resultado da vitória militar sobre os imperialistas alemães e japoneses, o fascismo sofreu uma derrota político-moral. Os círculos reacionários do atual mundo imperialista, todavia, esforçam-se com insistência e obstinação cada vez maior, em preservar o fascismo de sua derrota político-moral definitiva, cultivando o racismo, ideologia que prega o ódio ao homem, apelando para as sobrevivências do canibalismo com o objetivo de preparar o terreno para seus planos agressivos, para sua política de conquistas territoriais e escravização dos povos.

Só a luta decidida das forças progressistas da humanidade contra as forças da reação pode assegurar o aniquilamento político-moral definitivo do fascismo. Nessa luta das forças progressistas pela liquidação total da ideologia bestial do fascismo, pela extirpação do canibalismo fascista é a URSS que pertence o papel principal, sendo, como é, o baluarte seguro da democracia e do progresso. Nos países estrangeiros, os lutadores conseqüentes contra o fascismo são os representantes principais da classe proletária, que lutam sob a bandeira das idéias político-sociais mais progressistas e da moral avançada.

Moral proletária

A história incumbiu o proletariado de uma missão suprema: liquidar a organização de classes da sociedade, aniquilar a exploração e as causas que lhe dão origem, e criar uma nova organização social — o comunismo.

Do ponto de vista do proletariado, só é moral o comportamento do homem que é dirigido para a grande luta da libertação da humanidade de todas e quaisquer formas de exploração e opressão.

Os traços de caráter, como a honestidade, a retidão, a abnegação, a coragem, o destemor e a solidariedade fraternal, a devoção à causa da libertação dos operários, e muitas outras qualidades morais formavam-se, desenvolviam e fortaleciam nas massas proletárias, apesar de a burguesia reprimir duramente esses princípios morais, envenenando a atmosfera social com o egoísmo, e venalidade, a hipocrisia, e outras amoralidades.

Observando, no início de suas atividades revolucionárias, os operários que aderiram ao movimento socialista, Marx escrevia: "... A fraternidade humana não é apenas uma frase em seus lábios, mas sim uma verdade, e, dos seus rostos endurecidos pelo trabalho, olha-nos toda a beleza da humanidade". (*Obras*, T. III, pág. 661).

O desenvolvimento da moral proletária manifestou-se com especial vigor em nosso país que, em virtude de circunstâncias históricas, foi o primeiro a iniciar a reforma socialista da sociedade.

Tendo surgido mais tarde do que nos outros países europeus, o movimento operário na Rússia encontrou uma dura resistência por parte da polícia e dos gerndarmes tsaristas. Os bolcheviques sofriam perseguição severíssima, porque a autoridade tinha adivinhado nêles as qualidades de revolucionários mais conseqüentes e irreconciliáveis.

Encontrando-se no próprio foco do movimento proletário, os bolcheviques elevavam o nível da consciência política dos operários, educavam-nos nos sentimentos de solidariedade de classe, da união fraternal, da abnegação, indispensáveis para a vitória da classe proletária.

A luta pela pureza moral, pela persistência e pela formação de princípios nos revolucionários profissionais e em todos os operários que participavam do movimento revolucionário, tem sido exaltada em toda a história do bolchevismo na Rússia.

Os exemplos das ações abnegadas dos bolcheviques, sua intrepidez na luta contra os inimigos do proletariado e a inflexível vontade de vencer, permitiram a formação dos princípios de uma moral proletária e comunista dentro das massas laboriosas.

A moral comunista

A moral comunista é uma moral de tipo novo; tem uma base social diferente das formas de moral anteriores. Por isso, ela possui outro conteúdo e propósito.

Na sociedade que repousa sobre as bases da propriedade privada, a moral dominante é chamada, juntamente com o direito, a preservar a instituição da propriedade privada. A serviço dessa instituição, a burguesia não pôs só a lei do Estado, ela proclamou ainda a propriedade privada coisa sagrada e inviolável, deu-lhe a sanção religiosa e moral. A moral dominante na sociedade burguesa santifica a organização, gerada pela propriedade privada, de exploração e desigualdade, a organização da opressão e escravidão.

Ao contrário da moral burguesa, a moral comunista é chamada, ao lado do direito socialista, a servir ao fortalecimento da propriedade pública socialista. Na sociedade em que a terra e as fábricas deixaram de ser propriedade dos exploradores e passaram a constituir propriedade de todo o povo, a propriedade pública socialista é sagrada e inviolável e tem como seu fiel guarda não só o direito socialista, mas também a ética comunista. A moral comunista defende a nova organização social, construída na base da propriedade pública socialista; uma organização em que não há exploração e da qual foram expulsas todas e quaisquer formas de opressão e escravidão.

"O fundamento da ética comunista — escrevia Lênin — é a luta pelo fortalecimento e a consumação do comunismo". (*Obras* — T. XXX, pág. 413).

E' devido a esse objetivo que o conteúdo da moral comunista é diferente, em princípio. Se, na sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção, se educa nos homens a psicologia da propriedade privada, com todas as suas manifestações amorais, já na sociedade socialista, onde existe a propriedade pública socialista dos meios de produção, se criam relações de solidariedade entre todos os seus membros, ligados por interesses, objetivos e aspirações comuns.

No processo da reconstrução socialista da sociedade realiza-se a renovação do mundo moral dos homens, a troca da velha psicologia da pro-

priedade privada pela psicologia de auxílio mútuo a serviço da causa comum. Os homens libertam-se aos poucos das velhas tradições e hábitos, dos sentimentos de cupidez, de ganância, daquele cálculo frio e egoísta que é cultivado na sociedade burguesa. O camarada Stálin escreveu em sua obra *Anarquismo ou Socialismo?*:

"No que diz respeito aos sentimentos e concepções "selvagens" dos homens, eles não são tão eternos como alguns supõem. Houve tempo, e tempo do comunismo primitivo, em que o homem não conhecia a propriedade privada; veio o tempo da produção individualista, em que a propriedade privada dominou os sentimentos e a razão dos homens; está chegando uma nova era, a era da produção socialista. E que há de surpreendente em que os sentimentos e a mente dos homens sejam tomados por aspirações socialistas? Acaso o modo de vida não determina os "sentimentos" e os pontos de vista dos homens?". (*Obras* — T. I, pág. 338).

Baseado na experiência da construção socialista, de significação histórica universal, abriu-se, em nosso país, nos seus contornos concretos, o processo da reforma socialista da consciência dos homens, o processo da formação da ética comunista.

Os homens, que iniciaram a construção do socialismo, saíram do seio da sociedade capitalista. E' verdade que, em sua maioria, eles se encontravam sob a influência das tradições, dos hábitos e preconceitos herdados do passado, que pesavam enormemente na consciência de milhões, incumbidos da construção da nova vida.

Isso refere-se principalmente às massas de camponeses, mas também a camadas consideráveis de operários que não podiam, de uma só vez, adquirir consciência dos interesses do Estado. Na base do desenvolvimento inicial da construção socialista, graças ao trabalho de organização e educativo do Partido bolchevique, cresciam, todavia, rapidamente as fileiras dos operários de vanguarda, que davam o exemplo de abnegação e heroísmo.

Já nos primeiros anos de existência do Estado soviético verificamos uma demonstração muito eloqüente da atitude comunista dos operários em relação ao trabalho, que surgiu como uma testemunha das novas relações entre os homens — relações de auxílio e apoio mútuo. Referimo-nos aos *subotniki* comunistas.

O grande valor da iniciativa dos operários, que se revelou na organização dos *subotniki* comunistas, residia — conforme dizia Lênin — no esforço abnegado "dos operários comuns em aumentar a produtividade do trabalho, em poupar cada *pod* de pão, carvão, ferro e outros produtos, que não eram obtidos por eles mesmos, nem pelos seus "próximos", mas por operários "distantes", isto é, pela sociedade em seu todo, por dezenas e centenas de milhões de homens e mulheres, unidos, primeiro, num Estado Socialista, e, depois, na União das Repúblicas Soviéticas". (*Obras* — T. XXIV, pág. 342).

Mas, enquanto na economia do país continuava a existir a diversidade de tendências e a economia rural se baseava na pequena produção, a massa de milhões de camponeses ainda se encontrava debaixo da ação psicológica da economia privada, herdada do passado.

O desenvolvimento da moral comunista nas massas dos camponeses só ganhou terreno firme quando, segundo o projeto genial do camarada Stálin e sob sua direção, se concretizou em nosso país a união dos camponeses em kolrózes. Só nos kolrózes se iniciou a reforma socialista da consciência das massas constituídas por milhões de camponeses.

Na organização dos kolrózes os camponeses encontraram a forma de sua unificação, a forma da colaboração amistosa e da ajuda recíproca, que é a base da consciência e da moral comunista. A vitória da organização kolroziana levou também a uma maior estabilização das relações amistosas entre os camponeses e operários e à consolidação da união entre essas duas classes.

No processo da construção socialista, e, apoiando-se nas suas conquistas, desenvolveu-se uma nova classe intelectual, amiga dos operários e dos camponeses e atuando em colaboração com eles. Assim, como resultado da vitória do socialismo e da liquidação das classes exploradoras, criou-se e consolidou-se, na União Soviética, sua unidade político-moral. Isto quer dizer que, em todos os sectores das relações entre as classes e grupos sociais, desapareceu a hostilidade e a inimizade, seu lugar foi tomado pela solidariedade fraternal e o auxílio mútuo.

Triunfou a colaboração fraternal também nas relações entre todas as nacionalidades e povos do nosso país. A formação da unidade político-moral da sociedade soviética significou a consolidação das nações — a verdadeira unidade nacional. Os laços, que unem os homens no terreno de suas tradições nacionais, foram os primeiros que perderam seu caráter antagônico, inerente às nações da sociedade burguesa, onde este é aumentado pelas contradições internas de classe. Triunfou a genuína, mútua simpatia entre todos os homens, ligados pela comunidade de sua história e sua cultura. Ao mesmo tempo, esses sentimentos de simpatia entre os homens, ligados pela identidade de origem nacional, aliam-se harmonicamente aos sentimentos de amizade pelos homens das outras nacionalidades. Juntamente com as conquistas na construção do socialismo, cresceu e fortaleceu-se a amizade entre os povos.

Dessa maneira, tanto no sector das relações entre as classes e grupos sociais, como no sector de relações entre as nações, triunfou o verdadeiro sentimento de humanidade.

Tudo isso significa que, na sociedade socialista, o humanismo nas relações recíprocas entre os homens adquire realmente o caráter geral, que sempre foi cantado em todos os estatutos morais de todos os tempos, mas que, nas sociedades antagônicas, permanece uma palavra ôca.

A moral comunista goza, por isso, do reconhecimento geral, conseguindo, assim, uma sanção tal, que é impossível haver em qualquer outra sociedade. Ao contrário da sociedade burguesa, onde existem simultaneamente sistemas de moral contraditórios e na qual a moral das classes dominantes e exploradoras é imposta aos trabalhadores por meio de toda espécie de falsidade, — a moral comunista, na sociedade socialista, conta com o apoio geral. Isso explica o facto de, em contraste com a moral dominante na sociedade antagônica — que sempre está ligada à religião, precisando desta como esteio, — a moral comunista estar livre dessa união. Para que a moral da classe exploradora dominante se pudesse

infiltrar no povo ela precisou da sanção e do apoio da religião. Já a moral comunista não necessita da consagração religiosa, pois é verdadeira e corresponde totalmente aos interesses do povo; ela é a expressão de sua consciência e vontade, apoia-se na sua unanimidade e goza do reconhecimento geral.

Os princípios da moral comunista são princípios verdadeiros, com fundamentos científicos. A moral comunista, gerada pelas necessidades da classe mais avançada, sendo o reflexo real, totalmente científico dessas necessidades, é uma moral progressista, em oposição à moral burguesa, que regride e degenera. Engels ensina que "só a moral que, em nosso tempo, expressa os pontos de vista da reforma do presente e do futuro, isto é, a moral proletária, é a que possui grande número de elementos que lhe prometem longa existência." (K. Marx e Engels. — *Obras* — T. XIV, pág. 93).

Uma vez que a moral proletária — comunista — exprime o ponto de vista do futuro, ela é um ideal ético de base científica. Kautskí afirmava falsamente que qualquer ideal moral não é fundado em conhecimentos científicos.

Na realidade, o ideal moral do comunismo é baseado no conhecimento científico. O Partido Comunista, apoiando-se nas leis de construção do comunismo, definiu claramente os problemas da educação comunista, da formação do novo homem. Os objetivos da educação moral comunista, que são apresentados pelo nosso Partido, não constituem nenhum ideal moral abstrato; têm suas origens na própria realidade.

Ética comunista

Como se manifesta a ética comunista; quais são suas exigências em relação ao homem?

Na sociedade socialista, o bem-estar particular de cada um dos seus membros é inseparável do bem-estar coletivo, do bem-estar geral das classes trabalhadoras e de todo o povo soviético. Essa inseparabilidade do interesse pessoal do interesse da sociedade é sensível em todas as esferas da vida e atividade do homem soviético e distingue-se pela sua ininterruptibilidade e constância. Na sociedade antagônica, há identificação temporária dos interesses pessoais e os gerais, por exemplo, nos casos em que a nação ou Estado ameaça um perigo por parte de um inimigo externo e quando é do interesse de todos os compatriotas unirem-se para a luta contra o inimigo comum. Mas uma tal identificação de interesses privados e comuns é transitória, conservando-se apenas até não passar a ameaça da invasão estrangeira.

Na sociedade socialista, a identificação dos interesses de todos os seus membros existe permanentemente, uma vez que, na sua atividade de trabalho diário, o homem soviético encontra no outro operário não um concorrente, não um inimigo, mas um companheiro e amigo.

Pela primeira vez na história da humanidade o campo de trabalho tornou-se o terreno no qual se podem desenvolver e se desenvolvem as forças morais do homem, sua devoção à causa comum, sua presta disposição

de lutar com o esforço próprio pelo progresso geral, sua disposição de auxiliar ao atrasado e a aspiração de alcançar, ele próprio, os mais adiantados. Isso encontra sua concretização na emulação socialista, na qual se revela a grande moralidade dos homens em contraste com as asperezas da concorrência com seu princípio deshumano: qualquer o atrasado, empure ao que estiver caindo.

"O comunismo, — escrevia Lênin, — é a produtividade superior do trabalho dos operários voluntários, conscientes, unidos, que se utilizam da técnica mais avançada, em oposição ao capitalismo." (*Obras* — T. XXIV — pág. 342). As qualidades morais dos operários socialistas, baseadas na consciência, na boa vontade, e na solidariedade entre eles, são os elementos decisivos para a garantia da superior produtividade do trabalho. A moral comunista assume, dessa maneira, o papel de um poderosíssimo factor no nosso futuro movimento para a frente.

Presentemente, nosso país entrou de novo numa fase de desenvolvimento pacífico e realiza um grandioso programa de construção econômica e cultural, traçado pelo plano quinquenal. A execução desse plano significa um grande passo para a frente no caminho da construção da sociedade socialista e da passagem gradativa para o comunismo.

Educação da moral comunista

Nessa questão, um grande papel é desempenhado pela educação comunista dos operários, pelo futuro desenvolvimento e introdução na vida dos operários, pelo futuro desenvolvimento e introdução na vida dos princípios da moral comunista.

A educação da moral comunista significa, antes de tudo, a educação dos homens e mulheres soviéticos e, principalmente, da mocidade soviética, no espírito da devoção total à causa do comunismo e do serviço abnegado à Pátria socialista. A educação comunista dos operários quer dizer cultivar no povo a devoção à política do Estado soviético, que representa a base vital da organização soviética. A educação comunista é incompatível com o espírito apolítico. "A organização soviética — conforme consta das decisões do Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, "relativas às revistas *A Estréla* e *Leningrado* — não pode tolerar que se eduque a mocidade no espírito da indiferença para com a política soviética, no espírito da negligência e sem ideologia". Só a educação dentro da ideologia, da consciência do dever de cada cidadão, pode servir à causa do desenvolvimento e consolidação da moral comunista.

A moral comunista, as idéias éticas comunistas, sendo idéias avançadas, encerram em si, como tôdas as idéias avançadas, a capacidade de levar para a frente a sociedade humana.

"As novas idéias e teorias sociais — ensina o camarada Stálin — só surgem depois que o desenvolvimento da vida material da sociedade coloca diante desta novos problemas. Mas, depois que surgem, elas tornam-se forças importantíssimas, que facilitam a solução dos problemas criados

pelo desenvolvimento da vida material da sociedade e o seu progresso". (*Problemas do leninismo*, — pág. 546-547 — 11.^a edição).

A educação da nova moral é principalmente destinada a fortalecer a atitude socialista em relação ao trabalho, preparar o desenvolvimento da emulação socialista, aumentar o esforço dos soviéticos no crescimento e fortalecimento do poderio econômico e bélico da União Soviética.

O novo e poderoso impulso da emulação socialista em toda a União Soviética, nascido da iniciativa dos operários, dos empreendimentos avançados, é uma viva ilustração do crescimento da consciência comunista nos homens de nosso país.

Sem a educação da moral comunista nos homens de nada serve falar na criação de todas as condições indispensáveis à passagem para o comunismo. A questão da educação moral comunista, da atitude socialista em relação ao trabalho e em relação à propriedade comum, tem significação maior ainda pelo facto de não terem sido expulsas as reminiscências do capitalismo das consciências dos homens e de não ter sido afastado ainda o perigo da influência — sobre algumas camadas da população — da psicologia da propriedade privada, inimiga do comunismo. Ao lado disso, é preciso também considerar que, nos anos de guerra, a população das zonas de ocupação alemã ficou exposta à ação da propaganda fascista, anti-kolroziana e inimiga do Estado.

Não se extinguiram ainda os aproveitadores da propriedade pública, que, com fins de proveitos pessoais, infligem danos ao Estado socialista.

A luta contra esses infratores das leis do Estado deve ser dura e impiedosa. Nessa luta, tem enorme importância a vigilância infatigável dos soviéticos para com toda sorte de infratores das normas da comunidade socialista que, com o objetivo de lucros pessoais, recorrem à pilhagem, ao suborno, ao roubo e infligem, com seu comportamento criminoso, danos aos operários honestos de nosso país.

A luta contra a negligência pequeno-burguesa no sector da produção e nas organizações, a atitude honesta em relação ao trabalho, a atitude zelosa em relação à propriedade pública socialista, o empenho no fortalecimento do poderio econômico e bélico do país, — são as primeiras condições da moral comunista. Não há uma causa mais progressista, mais digna dos esforços humanos, do que servir ao comunismo, que é a organização social mais avançada e mais justa. A dedicação total ao serviço da Pátria socialista é a mais alta manifestação de dever moral. Por isso, o patriotismo dos soviéticos é a mais completa e mais coerente manifestação de sua alta moralidade. Isso mostrou de maneira admirável a Grande Guerra Patriótica da União Soviética contra os invasores fascistas alemães, no decorrer da qual se revelaram em toda sua magnitude as relações altamente morais existentes entre os soviéticos.

O patriotismo soviético é uma poderosa força moral, porque é incompatível com o chovinismo nacional, porque, nele, se fundem harmonicamente as tradições nacionais dos povos da U.R.S.S. com seus interesses vitais comuns. Qualquer manifestação de hostilidade ou inimizade para com os homens de outra nação é considerada pela moral comunista como a mais grave de suas infrações.

Eis porque, na causa da educação da moral comunista, ocupa lugar de relêvo o empenho pela futura consolidação da amizade entre os povos, pela definitiva extirpação de quaisquer sobrevivências nacionalistas.

O camarada Stálin preveniu muitas vezes contra a persistência das sobrevivências da psicologia nacionalista. "Deve-se notar — escrevia ele — que as sobrevivências do capitalismo na consciência dos homens são bem mais persistentes no terreno da questão nacional do que em qualquer outro. Elas são mais persistentes porque têm a possibilidade de bem mascarar-se com a fantasia nacional". (*Problemas do leninismo* — página 474).

As sobrevivências nacionalistas fazem-se notar aqui e ali. Isso é sobretudo perceptível nas regiões que recentemente aderiram à União Soviética: nas Repúblicas bálticas, na Moldávia, na Ucrânia ocidental e na Rússia Branca ocidental, onde deve ser feito um grande trabalho educativo para vencer os restos do nacionalismo burguês e também os restos das antigas discórdias nacionais. As manifestações anti-semiticas comportam-se da mesma maneira em relação às sobrevivências do chovinismo racial. O camarada Stálin ensina que "o chovinismo nacional e racial é uma sobrevivência de costumes misantrópicos, peculiares ao período do canibalismo. O anti-semitismo, como forma extrema do chovinismo racial, é a mais perigosa das sobrevivências do capitalismo". Um dos problemas da educação da moral comunista consiste em extirpar totalmente os restos dos preconceitos nacionalistas e raciais, fortalecer de todas as maneiras a amizade e o respeito mútuo entre os homens das diversas nacionalidades, lembrando-se que "a amizade entre os povos da U.R.S.S. é uma grande e importante conquista, pois, enquanto essa amizade existir, os povos de nosso país serão livres e invencíveis". (Stálin).

A educação da moral comunista está dirigida para a criação de relações entre os homens, baseadas nos princípios do humanismo socialista. Essas relações devem ser penetradas de genuíno humanitarismo e excluir a cupidez e o cálculo egoísta. As idéias de auxílio mútuo, de amizade sincera, das relações fraternais e do profundo respeito pela dignidade da personalidade humana, devem tornar-se característicos de todos os operários. A moral comunista exige atitude atenciosa e delicada em relação ao homem, exige ainda a definitiva expulsão de quaisquer manifestações de desumanidade e de burocracia.

Parte constituinte e inseparável da ética comunista é o comportamento digno do membro da sociedade comunista na família. A moral comunista, que eleva tão alto o homem como cidadão, como construtor ativo de uma nova sociedade não é, de modo nenhum, indiferente à sua vida familiar. O governo soviético preocupa-se com a multiplicação da família soviética. Ele elevou a alturas sem precedentes a dignidade da mulher-mãe, criando ao mesmo tempo as condições materiais indispensáveis para ajudar as mães de numerosos filhos. É problema do trabalho educativo auxiliar realmente o fortalecimento da família soviética.

A aniquilação da propriedade privada dos meios de produção, a libertação do trabalho da exploração, são as bases seguras do futuro desenvolvimento progressivo da moral comunista, da libertação dos homens

de tôdas e quaisquer sobrevivências de bestialidade que, durante séculos, eram apoiadas, cultivadas e fortalecidas, nos homens, pela sociedade exploradora.

A solução do problema do aniquilamento no homem das sobrevivências de bestialidade não é realizável dentro do capitalismo. Aos homens, atormentados pelo mal que está difundido no mundo capitalista, mas que não compreendem ou não desejam compreender que só com o aniquilamento da exploração do homem pelo homem podem ser criadas as condições de existência realmente humanas, — a êsses homens não resta sinão entregar-se ao desespero e ao pessimismo irremediável. Em nome dêsses homens, fala uma das personagens de Wells, o doutor Norbert. Em desespero, êle brada: "O homem permanece sempre o mesmo que era. Irremediavelmente animal, invejoso, poltrão, ganancioso! O homem, despedido, sem adornos, é sempre ainda aquêl animal covarde, grunidor, feroz, que era há cem mil anos atrás... Isso, que vos digo, é a monstruosa realidade".

Sômente na sociedade em que foram liquidadas as classes exploradoras e criadas as condições para relações verdadeiramente humanas entre os homens, abre-se uma possibilidade real de aniquilar as sobrevivências da bestialidade no homem. Isso, em proporção considerável, é conseguido pelo facto de que a cultura se torna realidade para o povo todo.

Sã, cheia de heroísmo do trabalho, de perpétua criação nova, a sociedade soviética é o meio mais favorável e salutar para o florescimento de tôdas as melhores qualidades morais do homem.

O desenvolvimento de novas qualidades morais realiza-se na luta contra as influências e recidivas do passado. A erva má da moral burguesa será extirpada, pois "na União Soviética a vontade do indivíduo é limitada, sempre que dirigida inamistosamente contra a vontade da massa — consciente do seu direito de construir novas formas de vida — contra a vontade da massa que colocou diante de si um objetivo, inacessível para o indivíduo, mesmo de genialidade sobrenatural". (M. Gorki — *Se o Inimigo Não se Rende, Êle é Aniquilado*, pág. 186).

A educação da moral comunista, a educação dos homens no espírito da vida na comunidade socialista, apesar dos grandes resultados obtidos nêsse sentido, não pode cessar nenhum minuto, até que "os homens aos poucos se acostumem a observar as normas elementares da vida em comum, conhecidas há séculos, repetidas durante milênios em todos os códigos; até que se acostumem à sua observação, sem coação, sem constrangimento, sem submissão, sem a existência de um aparelho especial de coerção, que se chama Estado". (Lénin — *Obras* — T. XXI, pág. 431).

A educação da moral comunista é uma causa de tôda a comunidade soviética, de tôdas suas organizações e instituições-partidárias, komso-molianas", pioneiras, dos sindicatos, bem como dos órgãos do Estado soviético, da côrte soviética que, para a defesa do direito soviético, se apoia na vontade geral e colabora no fortalecimento da moral comunista.

O grande Partido lénin-stalinista é o portador dos mais altos atributos e qualidades morais e o educador do povo no espírito da moral comunista.

A feição moral do Partido bolchevique formou-se no decurso da longa e heróica história, nas duras batalhas contra os inimigos, que exigiam dos bolcheviques extraordinária força de ânimo.

Na luta e na construção, o Partido lenin-stalinista educou entre os comunistas uma admirável resistência, perseverança, ousadia e coragem, uma fidelidade absoluta à causa dos trabalhadores e a constante prontidão de sacrificar-se em nome de sua vitória. O Partido lenin-stalinista educa os comunistas no espírito do amor à Pátria, do ódio aos inimigos e destemor na luta contra eles; da solidariedade entre os companheiros e decisão na luta contra as dificuldades; da modéstia e atitude hostil para com a cupidez e o egoísmo, para com a preferência do particular ao comum. O Partido educa os comunistas no espírito da alta ideologia dos princípios, da intolerância para com as imperfeições; no espírito da atitude bolchevique em relação à autocritica e à critica.

Esses traços na feição moral do Partido bolchevique são os que servem de modelo à ética comunista e são a expressão dos princípios do código moral comunista.

Só um Partido assim, possuindo as melhores qualidades dos heróis-lutadores pela verdade e justiça, poderia educar as massas de milhões de operários no espírito da Pátria. E' inestimável o papel desempenhado pelo Partido bolchevique como força inspiradora das massas do povo, erguendo-as para o trabalho e para a luta. As organizações partidárias consideram seu desígnio educar constantemente suas próprias fileiras no espírito da ética comunista, e atrair com seu exemplo toda a massa de operários.

Na educação da mocidade comunista têm papel muito importante a propaganda e a agitação partidária — particularmente através da imprensa, que é chamada a educar os homens no espírito do leninismo e elevar assim mais e mais o nível de sua consciência comunista, inculcando cada vez mais ampla e profundamente os fundamentos da moral comunista.

Família e escola como educadores

O papel desempenhado pela família e pela escola na educação da moral comunista é também muito grande. A família dá as bases na formação da feição moral do homem. A família sempre desempenhou grande papel educador, deixando sua impressão na psique da criança, no seu comportamento, na formação de seus hábitos, de suas aspirações. A família soviética é um auxiliar ativo do Partido e do Governo Soviético na educação da consciência comunista do homem.

Não exige maiores comentários a influência das escolas e dos pedagogos soviéticos no forjamento do tipo comunista da mentalidade e comportamento dos homens. A influência pessoal do professor, do pedagogo, muitas vezes é tão forte, que deixa profunda marca na alma do ser humano para toda a vida. Ao pedagogo soviético coube a ventura de educar no homem o verdadeiramente humano; justamente aquilo que responde às expectativas do pedagogo, incumbido de desenvolver no homem suas forças mentais e morais. Por isso, é tão imensa a responsa-

bilidade do pedagogo soviético e tão grande seu papel na construção da sociedade comunista.

Literatura e arte como educadores

Extraordinariamente grande é o papel da literatura e arte soviéticas na causa da educação da moral comunista.

A literatura russa do século XIX e do princípio do século XX conquistou o reconhecimento universal como viva expressão de consciência social. A literatura russa obteve essa alta apreciação graças à profundidade de idéias com que se levantou contra as baixezas da velha sociedade, revelando impiedosamente a falsidade e hipocrisia da moral dos senhores feudais e burgueses, desmascarando a todos os opressores da liberdade em nosso país, expondo todo o mal que então dominava na sociedade.

Coube à literatura soviética, que é a herdeira espiritual das melhores tradições da literatura clássica russa, uma missão construtiva: a missão de educar o novo homem. A literatura soviética reflete artisticamente o grandioso processo da construção da sociedade comunista, o processo da reforma da consciência dos homens e auxilia a educar nêles novas qualidades altamente morais.

Ao tempo da Grande Guerra Patriótica, que exigiu a mobilização de todas as forças morais do povo soviético, nossos escritores criaram não poucas obras preciosas, que refletem a superioridade moral e a grandesa do homem e da mulher soviética e tiveram importante ação educadora em milhões de leitores soviéticos. A literatura soviética e a arte soviética são, atualmente, chamados — já em novas condições — a manter bem alto a bandeira da educação comunista dos homens.

A literatura e a arte soviéticas são incumbidas de reproduzir em formas artísticas todo o heróico e criador da vida dos povos soviéticos, educando os homens nos exemplos do heroísmo guerreiro e do trabalho e nas manifestações do verdadeiro humanismo.

A literatura e a arte soviéticas são chamadas a desempenhar grande papel na luta contra as sobrevivências do capitalismo na consciência dos homens, a revelar as manifestações de fraqueza moral, a psicologia da propriedade privada, a negligência pequeno-burguesa e a obstinação anárquica dos "guardas das tradições do capitalismo".

A literatura soviética deve possuir um alto sentido ideológico e acompanhar a política do Estado soviético.

"A força da literatura soviética — dizem as resoluções do Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, de 14 de agosto de 1946, — que é a literatura mais avançada do mundo, reside no facto de ser uma literatura que não tem nem pode ter outros interesses a não ser os do povo e do Estado. O objetivo da literatura soviética é auxiliar o Estado a educar bem a mocidade, a corresponder às suas necessidades, a educar uma geração de bravos, crentes em sua causa, que não temem as dificuldades, mas antes estão sempre prontos a vencer qualquer espécie de obstáculo.

Por isso, qualquer prêgação fora do sentido ideológico, de apolítica, de "arte pela arte", é estranha à literatura soviética, é nociva aos interesses do povo soviético e ao Estado e não deve ter lugar em nossas publicações".

Cabe papel educativo importante também à dramaturgia soviética — ao teatro. A grande impressão causada pelas figuras cênicas é conhecida por todos. E' claro que, antes de qualquer outra, a questão do repertório merece aqui atenção especial. Se, no teatro, começam a predominar peças de autores burgueses contemporâneos, como, por exemplo, a peça *Moema*, se se começa a dar excessiva atenção às peças com temas do passado remoto, sobretudo apresentando a vida das altas camadas da antiga sociedade, os hábitos, os costumes e pontos de vista dos parasitas, — então, é claro que o teatro se tornará, invés de sementeira da cultura socialista, da moral comunista, uma instituição que imporá ao expectador soviético a ideologia e moral inimigas.

Os soviéticos precisam de peças de conteúdo altamente ideológico, peças que reflitam a majestosa verdade de nossa vida. Precisamos de peças que inculquem nos homens e nas mulheres soviéticas novos pensamentos, sentimentos, traços de caráter e lhes mostrem novas normas de comportamento do homem.

O cinema tem significação única na educação cultural e política do povo, como meio combatente pelas idéias do nosso Partido e do Estado Soviético. Uma peculiaridade do cinema soviético, que o coloca imensuravelmente acima da cinematografia estrangeira, é o seu conteúdo ideológico. Principalmente no trabalho do cinema soviético — a arte das massas — é intolerável o espírito apolítico, a fuga do presente para temas do passado remoto, o excessivo entusiasmo pelas antigas obras literárias e dramáticas.

O cinema deve estar ligado da maneira mais estreita possível com a vida, com a realidade soviética e ser seu reflexo fiel. Isso requer, por parte do produtor cinematográfico, um grande escrúpulo no tratamento dado ao tema.

O filme feito às pressas, sem um conhecimento bastante profundo da vida soviética, sem um estudo muito acurado dos caracteres do meio reproduzido, apresenta a realidade com as feições deformadas e dificulta a educação política certa das massas.

Só os filmes, que tiverem ligação profunda com a realidade soviética, que forem os frutos de seu estudo mais consciencioso e representarem o seu reflexo verdadeiro e genuinamente artístico, poderão servir com sucesso à causa da educação comunista.

Atualmente, quando nosso povo resistiu com honra à dura provação da guerra e obteve uma vitória sem precedentes na história, devemos ser muito vigilantes para com as manifestações de auto-satisfação, que podem prejudicar o futuro desenvolvimento da sociedade soviética.

Diante de nosso país, erguem-se novos problemas. Para solucioná-los serão necessários novos esforços, novas dificuldades terão que ser vencidas. Para a solução feliz desses problemas, é indispensável a elevação da educação comunista das massas, sua educação no espírito da moral comunista, da presteza de servir abnegadamente à Pátria e à causa do comunismo.

Para Compreender e Interpretar Marx por Sidney Hook

A TEORIA DA REVOLUÇÃO

1 — “A situação revolucionária” e a “revolução”

Se a análise, que Marx fez do Estado, é válida, segue-se que nenhuma transformação fundamental no controle dos instrumentos de produção social é possível sem a destruição do Estado. Destruição do Estado significa revolução. Uma vez que a aceitação da teoria de classe do Estado é o *sine qua non* do marxismo, ser marxista significa ser revolucionário. A estratégia e a tática dos marxistas, em todo o mundo, devem ser guiadas por uma avaliação das consequências de todo o caminho de ação proposto para a conquista do poder político. Quando as condições são diferentes, os métodos a seguir serão também diferentes, mas o emprego de um método em lugar de um outro é determinado por um fim revolucionário, que é constante em todas as situações. Isso não significa que um fim semelhante pode ser traduzido na ação a todo instante. Foi esse exatamente o erro dos blanquistas que, durante, pelo menos, meio século, na França, conceberam a revolução como um *golpe de Estado* conspirativo por parte de um grupo de homens decididos, cuja primeira tarefa era apoderar-se dos serviços do Estado e introduzir o socialismo independentemente das condições das forças produtivas e da maturidade política do proletariado. Um programa semelhante conduz necessariamente a uma louca política de aventura que, apesar de todas as suas qualidades heróicas, tem efeitos desastrosos para as organizações existentes da classe operária.

Numerosos socialistas, que sobreviveram às revoluções abortadas de 1848, estavam particularmente inclinados a acreditar que a única e exclusiva condição para que uma revolução possa ter bom êxito a qualquer momento é a vontade e o poderio de uma organização política. Não pesquisaram se o conjunto de condições objetivas, econômicas, políticas e psicológicas, que fora outrora favorável a uma insurreição, continuaria sendo. No desespero de sua derrota, recorriam impacientemente à ação direta antes que o Estado tivesse oportunidade de tomar medidas protetoras no seu próprio interesse e aniquilar os revolucionários.

Muitos desses homens trabalharam nas mesmas organizações com Marx. Mas, no interesse do verdadeiro objetivo revolucionário para o qual essas organizações foram fundadas, Marx foi obrigado a separar-se desses revolucionários utópicos, algumas vezes ao ponto de romper com eles. Não era sua sinceridade o que ele atacava, mas o que era, nas

suas conseqüências objetivas, mais importante mesmo: sua falta de inteligência. "Nos momentos de crise, escreveu uma vez, a estupidez torna-se um crime."

Uma das primeiras batalhas, que Marx travou contra essa tendência no movimento revolucionário internacional, teve lugar em Londres em 1850. Nessa ocasião, provocou uma cisão na Liga Comunista por seu ataque à fração Willich-Schapper, favorável à ação direta. No decorrer da discussão, disse:

"Vós (a minoria) substituíis uma atitude crítica por uma atitude dogmática; uma concepção materialista por uma concepção idealista. De acôrdo convosco, a *vontade pura* é a força dirigente da revolução e não as condições objetivas. Enquanto que nós dizemos aos operários: "Deveis atravessar quinze, vinte, cinquenta anos de guerra civil e de lutas nacionais, não apenas para mudar as condições, mas para mudar a vós próprios e para adquirir, assim, a capacidade de direção política", vós dizeis, ao contrário: "Devemo-nos apossar imediatamente do poder, ou, então, podemos perfeitamente deitar e dormir." Enquanto chamamos particularmente a atenção dos trabalhadores alemães para o caráter não desenvolvido do proletariado alemão, vós adulais, da forma a mais prosseira, seu sentimento nacional e os preconceitos profissionais dos artesãos alemães. Isso, naturalmente, é o que há de mais popular. Vós converteis a palavra "proletariado" num fetiche religioso, exatamente como os democratas fazem com a palavra "povo". E, como os democratas, fazeis passar a fraseologia revolucionária por desenvolvimento revolucionário..." (*Enthüllungen über den Kommunistenprozess* — Edit. Mehring, p. 52.)

Encontra-se, freqüentemente, essa censura na história do movimento da classe operária européia. Num contexto diferente, ela reapareceu nas obras de Engels, de Lênin, de Rosa Luxemburgo. Às vezes, encontram-se-ão esses trechos, extraídos de suas obras, citados nas dos que se dizem marxistas, mas para os quais a atividade revolucionária, em qualquer tempo, é um anátema. Tais citações podem ser consideradas como alterações desonestas, pois Marx condena os "revolucionários em palavras" não por ser partidário de uma "força moral", mas porque está interessado em descobrir as condições nas quais é possível uma revolução vitoriosa.

Um partido político pode preparar-se e preparar amplas massas da classe trabalhadora para uma situação revolucionária na qual sua ação pode ser o factor decisivo. Mas não pode, por si mesmo, produzir a situação revolucionária. Esta depende, primeiro que tudo, do desmoronamento das forças de produção e distribuição, desmoronamento que se pode medir pela disparidade entre o que os trabalhadores recebem e o que produziram, pela destruição do mecanismo do crédito, por todos esses fenômenos bem conhecidos que acompanham uma crise econômica em desenvolvimento.

Em segundo lugar, uma situação revolucionária é caracterizada pela falta de homogeneidade política por parte das classes dominantes. Isso pode ser o resultado de uma crise econômica excepcionalmente prolongada, de uma guerra perdida ou de uma calamidade natural que desorganiza a produção. A falta de homogeneidade política reflete-se nas divergências entre os diversos grupos em torno de um programa. Os efeitos objetivos são uma perda de prestígio do grupo dominante aos olhos da massa da

população, uma crescente sensação de que “alguma coisa vai acontecer”, uma inquietude sempre mais forte e o facto de que os serviços administrativos se tornam pouco seguros. Em terceiro lugar, é preciso acrescentar a tudo isso manifestações espontâneas de consciência e de luta de classes: greves, motins e demonstrações de massa; o desaparecimento do hábito de obediência cega por parte dos elementos oprimidos. A situação revolucionária é sentida por todas as classes como uma situação de caos absoluto (1).

E' apenas em relação à situação revolucionária objetiva que a ação revolucionária e o papel do partido revolucionário podem ser percebidos. Psicologicamente, a tomada do poder é sentida como uma tentativa de fazer sair uma ordem nova da confusão existente. As palavras de ordem e os programas revolucionários são apresentados como meios para salvar a sociedade. As massas da população, sem o apoio das quais a revolução fracassará, a guerra civil e a destruição que a seguem aparecem como prêmio da salvação social. Onde a situação revolucionária não é concebida como a condição que deve preceder a revolução, esta última é considerada como um negócio abstrato — um *Putsch* ou um *golpe de Estado*. Está condenada ao fracasso, e, se chega a bom termo, é apenas como um fenómeno político superficial, que deixa inacabadas as relações essenciais de classe.

(1) Lénin expõe assim o problema: “A lei fundamental das revoluções, confirmadas por todas as revoluções e em particular pelas três revoluções russas do século XX, é a seguinte: Não é suficiente para que haja revolução que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como outrora e reclamem transformações; para que a revolução se realize, é preciso que os exploradores não possam viver e governar como antes. E' somente quando as massas *não querem mais o antigo regime* e quando os governantes *não são mais capazes* de governar como antes, é somente então que a revolução pode triunfar. Noutras palavras, essa verdade exprime-se pela seguinte proposição: a revolução é impossível sem uma crise, sacudindo a nação inteira, tanto os explorados como os exploradores.” (Lénin — *A doença infantil do comunismo*, Editions Sociales Internationales, Paris, p. 72.) A exemplo do que fizemos com o texto do *Manifesto Comunista* utilizado pelo autor, damos, a seguir, o texto constante da edição oficial do Estado Soviético, conforme v. IV das *Obras Escolhidas*, p. 313, 1944, sob o título: *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*: “A lei fundamental da revolução, confirmada por todas elas, e, em particular, pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: não basta, para a revolução, que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem modificações; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver nem governar como antes. Só quando as “camadas inferiores” *não querem* o velho e as “camadas superiores” *não podem sustentar o modo antigo*, só então pode triunfar a revolução. Por outras palavras, esta verdade expressa-se da seguinte maneira: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral (que afete a explorados e exploradores). ”

A revolução proletária, que é a maior rebelião social da história, deve ter raízes bem mais profundas. Porque não marca apenas a transição de uma sociedade dividida em classes para uma outra, mas também a de uma sociedade dividida em classes para uma sociedade sem classes.

O partido revolucionário não "faz" a "situação revolucionária", como não faz por si mesmo a "revolução". Ele a organiza e dirige. É uma pesada tarefa de responsabilidade, tarefa cuja execução é mais diretamente influenciada por factores "subjetivos", tais como a educação anterior, a teoria e a personalidade dos chefes, do que por todo o aspecto "objetivo" da situação revolucionária. Uma situação revolucionária não dá seus frutos automaticamente. Se não existe um partido revolucionário, isento dos dois defeitos gêmeos do sectarismo e do oportunismo, e, então, capaz de explorar convenientemente todas as possibilidades da tomada do poder, a situação pode perder seu potencial de transformação revolucionária. Mas não é apenas em semelhantes momentos que o partido revolucionário tem importância capital. Muito antes de que a situação revolucionária se desenvolvesse, ele deve agir onde quer que haja um descontentamento social. Deve ampliar a base das lutas de massa, organizar e educar politicamente a classe operária e constituir seus próprios quadros em previsão da futura situação revolucionária.

Para Marx, as questões de organização e de estratégia revolucionária eram da maior importância política. Não eram tratadas como detalhes acessórios de problemas teóricos mais importantes, mas, pelo contrário, estavam organicamente ligadas a eles. Isso é claramente revelado nesta exposição clássica de princípios táticos: *Discurso à Liga Comunista* (1850). Alguns exemplos: No processo da produção capitalista, os operários assalariados e os operários agrícolas são os que mais têm a ganhar com uma revolução. Seu partido político deve, portanto, *dirigir* a revolução. Jamais deve renunciar ao seu programa revolucionário independente e à sua autonomia de organização, qualquer que seja a aproximação que tenha, na base da unidade de ação, com os partidos políticos da pequena burguesia descontente. Coisa ainda mais importante: o caráter internacional da produção capitalista necessita de uma organização internacional para derrubá-la. A revolução social não é completa enquanto não se torna internacional. Uma revolução social num país cria uma brecha no sistema internacional de produção capitalista, brecha que deve aumentar ou ser fechada. Como Marx proclamou-o no seu *discurso*: "...é nosso interesse e nossa tarefa tornar a revolução permanente, fazê-la continuar até que todas as classes governantes e possuidoras sejam apeadas do poder, o mecanismo do governo nas mãos do proletariado, e a organização das classes operárias de todos os países tão avançada que toda rivalidade e luta entre elas tenha cessado". Não é preciso dizer que o caráter desigual do desenvolvimento capitalista e da consciência política concomitante exige uma aplicação concreta e flexível de princípios fundamentais aos problemas específicos de cada nação. Mas, em virtude do caráter do Estado e da existência de corpos especiais de homens armados, é absolutamente necessário que organizações revolucionárias sejam *preparadas por toda parte*, quando a situação revolucionária se apresente para a destruição definitiva do Estado.

A importância dada ao facto de estar preparado para a derrubada definitiva do Estado indica o tipo de revolução de que fala Marx. Ele destaca a questão fundamental dentre as que concernem à revolução, isto é, o emprêgo e a justificação da fôrça e da violência na transformação.

Marx e Engels jamais se ocuparam do emprêgo da fôrça no sentido abstrato. Que poderiam dizer? Considerado em si mesmo, independentemente de um contexto histórico concreto e de um fim específico, o emprêgo da fôrça e da violência não é sinão um acontecimento neutro, desprovido de qualidade moral. E' apenas em relação às condições sociais históricas e às conseqüências de seu uso que ele pode ser discutido de maneira inteligente. Por exemplo, antes de fazer um julgamento moral sobre o antigo costume de tornar escravos os prisioneiros de guerra, será conveniente perguntar quais eram os métodos históricos de tratá-los, que formavam a alternativa desse costume, — no caso: a exterminação e o canibalismo, — e porque o costume de tornar escravos os prisioneiros prevaleceu sobre os outros. Quando a subdivisão do trabalho atingiu um ponto em que se tornou possível, pelo trabalho forçado dos prisioneiros, atender suficientemente suas necessidades e fornecer um salto que libertou outros homens para uma atividade cultural, a escravidão constituiu um progresso moral nítido. Condenar a escravidão como essencialmente má sempre e todas as vezes em que é encontrada, sob o pretexto de que a alternativa da liberdade sempre existiu como uma possibilidade *abstrata*, é fazer um julgamento moral não apenas sobre a escravidão, mas sobre as condições naturais e sociais fora das quais se desenvolveu a vida antiga e sobre as quais se tinha um controle bem limitado. Considerações morais abstratas desta espécie estão deslocadas, quando se trata de avaliar instituições que jamais chegam a atingir a perfeição ideal. Engels respondeu justamente a Dühring que tratou dessa maneira abstrata o problema: "Quando Dühring culpa a civilização grega, porque era baseada na escravidão poderia também censurar os gregos por não terem tido máquinas a vapor e telégrafos" (*Anti-Dühring*).

Contrariamente a economistas como Bastiat, que procurou explicar as instituições sociais em termos de concepções de fôrça consideradas como "leis naturais", Marx negou que apenas o emprêgo da fôrça, como pura afirmação do poder, jamais pudesse explicar o desenrolar do desenvolvimento social. Quando muito, serviu para destruir uma cultura ou retardá-la. O emprêgo da fôrça pode apenas atingir fins sociais e morais mais elevados quando liberta capacidades produtivas da ordem social das relações de propriedade repressivas que as acorrentam. Isso não é simplesmente a condição de sua justificação histórica, mas também de sua eficácia histórica. "A fôrça é a parteira de toda velha sociedade prenhe de uma sociedade nova. Ela própria é um poder econômico." (*O Capital*, vol. I.)

Tudo isso indica que Marx não idolatra a fôrça. Sua teoria de que a fôrça política deve receber a sanção ética de uma função social positiva serve de guia à sua utilização revolucionária. Ele estudou com grande

atenção o papel da força nas grandes revoluções inglesa e francesa. E conheceu, por experiência própria, o que contribuiu para a vitória e a derrota da revolução de 1848. Para Marx, o emprêgo da força numa situação revolucionária não era um problema mais moral do que o emprêgo do fogo na vida diária; foi apenas o emprêgo *inteligente* da força o que constituiu um problema. Nessa posição, teve que se defender contra duas espécies de intransigência teórica anti-revolucionária. Uma foi o ponto de vista oficial da burguesia. Já tendo feito sua revolução pela força, a burguesia ensina, agora, que o emprêgo da força nas questões políticas é, em princípio, um crime contra a civilização. E isso diante dos factos de que o Estado e a lei burguesa funcionam pelo emprêgo da força e a luta entre o capital e o trabalho, sobre a qual repousa a sociedade burguesa, toma a forma de uma guerra civil aberta toda vez que os trabalhadores são impelidos a se defenderem como resultado de uma opressão intolerável. O segundo ponto de vista foi mais sincero, e, em virtude de algumas vezes ter sido chamado de revolucionário, mais perigoso. Foi a posição dos homens da "força moral", socialistas cristãos, anarquistas filosóficos, legalistas a todo preço, e utópicos perpétuos, dos quais já dissera Marx, no *Manifesto Comunista*, que "repelem toda a ação política e principalmente revolucionária; querem atingir seus fins por meios e esforços pacíficos".

O pensamento e a ação política contemporâneos assistiram a uma ressurreição dessa filosofia social nas doutrinas do pacifismo e da não-resistência. E' necessário apresentar uma crítica marxista dessas opiniões.

Em primeiro lugar, deverá ficar bem claro que a não-resistência, em política, — se não denota atitude de completa aceitação — é uma espécie de resistência. A bem dizer, significa uma resistência *passiva*. E' uma *técnica* de resistência. Baseados em que poderemos, então, afirmar que a técnica da resistência passiva é superior à técnica da resistência ativa? Evidentemente, apenas baseados nas conseqüências que acompanham seu emprêgo respectivo e na sua eficácia em realizar seus fins. No caso presente, o fim é a introdução do socialismo, que eliminará os horrores e a degradação remediáveis da sociedade burguesa: guerra, desemprego, fome, e suas inumeráveis formas de prostituição espiritual, que decorrem da causa do lucro. Dizer, então, que a resistência passiva é mais eficaz do que a resistência ativa, significa dizer que, pelo seu emprêgo, o socialismo pode ser atingido no espaço de tempo mais curto e ao preço mais baixo em vidas e sofrimento humanos. Qual a prova de que isso é verdade? Isso não deve ser determinado de novo para cada situação? Admitindo a possibilidade teórica de que isso seja algumas vezes falso, a base absoluta do pacifismo não desmorona? E, com ela, a idolatria da técnica de não-resistência?

Quem quer que negue que a resistência passiva seja uma técnica para atingir certos fins, é forçado a afirmar que ela é uma religião, uma vez que atribue a uma atitude, que pode ser válida nalgumas situações, o valor de um postulado absoluto, válido para todas as situações. Como religião, ela está acima de toda discussão. Mas seus efeitos não vão além de toda discussão sobretudo para os que não partilham dessa fé. Seus

efeitos podem ser tais que perpetuem e intensifiquem os males existentes e desorganizem as técnicas ativas que aspiram a eliminação rápida desses males. Em semelhantes situações, o que está objetivamente implicado na atitude de resistência passiva converte-a numa religião de conformismo e torna seus aderentes mais imediatamente perigosos para os que insistem na ação revolucionária do que os defensores ecarnicados dos males existentes. Por exemplo, Gandhi proclamou públicamente num discurso sobre o futuro da Índia:

"Se deveremos pagar nossa liberdade com um milhão de vidas, considerarei isso sem nenhuma importância, mas confio em que há uma coisa sobre a qual o Congresso esteja firmemente decidido: a campanha da não-violência. Assim, quer seja uma vida ou um milhão de vidas que devamos pagar, peço para que seja possível ao historiador do futuro dizer que a Índia lutou e ganhou sua liberdade sem derramar sangue humano." (*New-York Times*, 13 de outubro de 1931.)

E' preciso lembrar que a penetração imperialista na Índia foi continuamente acompanhada de efusão de sangue: o massacre de Amritsar não foi sinão uma prova dramática do processo de "pacificação". À luz disso tudo, é muito interessante ver no que implica a posição de Gandhi. Ele não disse, como certos revolucionários indianos, que a resistência passiva é preferível, uma vez que o preço provável para atingir a independência nacional pelo uso de outras técnicas seria bem mais alto do que um milhão de vidas. Isso é uma posição que se pode discutir. Não, Gandhi declara que repele a resistência ativa *mesmo que ela pudesse trazer a independência nacional por muito menos de um milhão de vidas*. E' Gandhi, então, que está pronto a justificar a efusão de sangue humano, contanto que ele não corra como resultado de uma revolução violenta. Mas com que fim? A independência da Índia? Não muito, uma vez que ele recusa levar em consideração qualquer outro método para obtê-la. Por compaixão pelos que devem estar sofrendo? Evidentemente não, já que um humanitário é um indivíduo que procura o caminho menos penoso, qualquer que seja ele, e que justifica o sofrimento humano apenas quando é um meio de evitar sofrimentos ainda maiores ou a condição indispensável de um bem maior. O fim de Gandhi pode ser apenas o *princípio abstrato da própria não-violência*. Mas, neste caso, por que se deter num milhão de vidas? Uma vez que é sem importância, com referência ao princípio de que seja "uma vida ou um milhão", ele não se pode importar de que seja um milhão de vidas ou dez milhões. Para ser conseqüente, Gandhi deveria estar pronto a dizer que, se a Índia puder ganhar sua liberdade por uma campanha de não-violência, "consideraria sem importância" que não houvesse mais indianos para gozá-la! *Pereat mundus fiat principia!*

Deixemos a Índia. Uma análise sensata dos efeitos da resistência passiva e da não-cooperação na vida social revelará que, em certos momentos, seu emprêgo trará por mais tempo privações à coletividade do que certas formas de ação militante. Uma greve numa indústria-chave pode causar mais sofrimentos e ser, além disso, menos eficaz do que uma demonstração violenta. Noutros momentos, uma revolução violenta pode pôr fim a uma carnificina internacional. Se, em 1914, a Segunda Internacional tivesse sido fiel à fé jurada, e estivesse preparada para a revo-

lução social, é bem improvável que as perdas tivessem atingido 25 milhões de mortos e feridos, para considerarmos só as mais importantes. O castigo do legalismo e do pacifismo excessivos dos socialistas italianos, em 1920, foram Mussolini e o fascismo.

A lógica das relações pessoais aplica-se também às questões sociais. Uma humildade vil não é sempre mais eficaz para corrigir injustiças do que uma defesa ardente. Não podemos nos livrar sempre dos nossos inimigos amando-os. Isso pode torná-los mais furiosos. E, quanto aos efeitos tão elogiados da resistência passiva para o desarmamento espiritual do inimigo, não podem ser tão garantidos em condições onde não é necessário ver homens para matá-los; onde as bombas, o gás e os germes cumprem seu trabalho anônimamente e de longe. Mas, em tôdas as condições, a técnica da resistência passiva tem seus limites morais. Porque, embora possamos perdoar caridosamente a violência contra *nós*, chamamos de covarde e não de santo a um homem que perdoa o emprêgo da força bruta contra *outros* e não tenta impedi-lo pela força, se fôr necessário!

Declara-se, freqüentemente, que o uso da força desmoraliza os que a empregam, e que uma nova sociedade conseguida pela força das armas será insensível aos verdadeiros valores morais. Dühring assim o dizia. Tolstói também, o mesmo que Bertrand Russell. Mas deve-se frisar novamente que não é o emprêgo da força, mas o fim para que é empregada, o que a torna degradante. A não ser assim, todo engenheiro, cirurgião, ou soldado de uma causa qualquer seria uma criatura aviltada. Do ponto de vista moral, há muitas coisas piores do que o uso da força, por exemplo: a tolerância covarde ou preguiçosa de males sociais degradantes e de tiranias políticas que um emprêgo resolutivo da força poderá eliminar. Não é absolutamente verdade que uma vitória obtida pela força das armas conduza à desmoralização. Marx e Engels indicaram freqüentemente o progresso moral e intelectual que se seguiu à Revolução Francesa. A libertação da energia coletiva criadora realizada pela Revolução Russa não tem paralelo na história da humanidade. Em princípio, portanto, o emprêgo da força, — ainda que sempre perigoso — não pode ser sempre condenado. Ele não conduz mais freqüentemente à brutalidade do que a humildade ao servilismo!

Mas isso não estabelece ainda a verdade da afirmação de Marx de que, quando a situação revolucionária está madura, a conquista final do poder deve ser ganha pela força das armas. Devemos retomar aqui o fio de nossa exposição precedente. A existência do Estado pressupõe a existência de corpos especiais de homens armados, obedecendo à vontade dos que controlam o Estado. Isso entra em jôgo, diretamente, ou indiretamente mesmo, nos conflitos ordinários que surgem no decorrer da luta de classes. — facto que é desprezado pelos que apregoam não crer no uso de uma força *qualquer*, e, contudo, pagam impostos mantendo os soldados e a polícia. Numa crise revolucionária, embora essas forças sejam também atingidas pela fermentação e pelo descontentamento geral, a incerteza da situação conduz ao seu mais amplo emprêgo da parte dos que tentam salvar a velha ordem. O uso da força contra o descontentamento que cresce torna-se mais implacável e irresponsável. Parecerá, algumas vêzes, que os defensores do Estado existente procuram provocar uma revolução vio-

lenta antes que uma revolução pacífica. Mesmo se os partidos da revolução social chegassem a poder "legalmente", sua vitória seria ineficaz a menos que as forças armadas do Estado, bem como os corpos de defesa, que seriam reunidos pelos chefes da burguesia, fôsem conquistados, desarmados ou derrotados. Numa situação semelhante, a "rapidez é tudo". A força deve ser combatida pela força, por uma força mais poderosa e mais inteligente. A condição determinante não é a da "legalidade", mas unicamente a da "eficácia revolucionária". Nas situações revolucionárias, a "legalidade" é a palavra de ordem gasta de um sistema de representação social agora em dissolução, do qual a própria burguesia anulou, depois de muito tempo, as garantias de direitos civis, tais como eles existiam. Um passo falso — mesmo uma hesitação — podem ser fatais à revolução. Para garantir a vitória, devem-se tomar os lugares estratégicos, ocupar os pontos vantajosos do ponto de vista militar, empregar uma tática insurreccional onde quer que se manifeste uma resistência.

Marx viveu numa época em que as tradições de revolução violenta eram comuns a todas as classes. Isso foi verdade principalmente no continente. A extensão do direito de voto à população inteira não mudou a questão, porque a questão crucial não era a forma pela qual é medida a força do ideal revolucionário, mas a eficácia dos métodos pelos quais esse ideal é atingido. Marx jamais afirmou que a revolução social podia ter lugar sem o apoio — ativo ou passivo — da maioria da população. Sem se estar seguro de um tal apoio, jamais se deve empreender uma revolução. Mas, embora esse apoio seja necessário, não é suficiente se não é traduzido em força. Em definitivo, que os 50 ou 90 % da população apoiem a revolução, o poder do Estado não será vencido por cédulas eleitorais ou por pixe, mas por trabalhadores armados de fuzil. Ainda em 1872, falando das nações continentais (falaremos a seguir das exceções), Marx escreveu: "E' para a força que, no momento oportuno, deverão os trabalhadores apelar ao domínio do trabalho tiver enfim de ser estabelecido."

Mas, poderia perguntar-se, por que a revolução não poderia ser feita pacificamente? Por que a classe dominante não poderia deixar voluntariamente seu poder antes de correr o risco de uma derrota ou da destruição da sociedade inteira numa guerra civil? Pode-se responder a essas perguntas fazendo outras. Isso aconteceu uma vez sequer? Quando é que uma classe dominante se deixou afastar do poder sem opor a resistência mais desesperada? Deve-se de novo frisar que a revolução socialista não implica apenas na substituição do poder de uma classe por outra na posse da propriedade privada, mas implica também no fim da existência da propriedade privada. Nas revoluções do passado, foi possível aos membros de uma classe salvar sua propriedade trocando sua fidelidade de classe. E, ainda assim, bateram-se furiosamente contra a classe que subia, embora esta estivesse freqüentemente mais do que disposta ao compromisso! Quantas vezes mais ferozmente devem bater-se contra a revolução socialista, que torna impossível para sempre o exercício do poder sobre os seres humanos pela posse da propriedade e não pode comprometer esse princípio sem sofrer um desastre? E' preciso também lembrar que, em virtude da educação anterior, de sua ideologia e de sua condição de classe,

a classe dominante considera necessária a defesa dos seus interesses de propriedade como a defesa da civilização contra a barbárie e a preservação dos requintes de sua cultura como a preservação de toda a cultura contra o vandalismo do populacho. Dessa sinceridade subjetiva nasce, freqüentemente — pelo menos da parte de um número suficiente para constituir um perigo — um desejo de se bater pelo que consideram a honra e a vida digna.

Que os trabalhadores serão obrigados a recorrer à força para realizar a revolução socialista é, portanto, para Marx, tão provável quanto uma coisa pode sê-lo na história. Desconhecer a evidência da experiência histórica e não se preparar baseando-se nela significa trair o avanço da revolução. Há sempre, naturalmente, a *possibilidade abstrata* de que o poder possa ser conquistado pacificamente. Mas a história não é determinada por possibilidades abstratas. Se as demonstrações operárias pacíficas, que têm por fim pequenas concessões de socorro e seguro, são, em tempos normais, esmagadas violentamente, como se pode assegurar que tudo acontecerá tranquilamente quando a abolição do sistema inteiro do lucro estiver em jogo? Os socialistas conquistaram, em 1918, uma maioria legal no Parlamento finlandês. Mas, antes que pudessem executar seu programa, foram afogados em rios de sangue por uma contra-revolução armada.

3 — Algumas “exceções”

Devemos, agora, considerar as exceções que Marx faz a esta regra geral. No mesmo discurso do qual extraímos suas observações sobre a necessidade de recorrer à força, ele diz:

“Os operários devem, um dia, conquistar a supremacia política para estabelecer a nova organização de trabalho, devem inverter o velho sistema político que sustenta as velhas instituições. Se não fizerem isso, sofrerão o destino dos primeiros cristãos, que desprezaram inverter o velho sistema e que, por isso, jamais puderam conquistar um reinado neste mundo. Não devem, naturalmente, atribuir-me a idéia de que os meios para atingir esse objetivo serão os mesmos sempre. Sabemos que é preciso prestar atenção especial às instituições, hábitos e tradições dos diferentes países e não negamos que há certos países, como os Estados Unidos e a Inglaterra, em que os trabalhadores podem esperar atingir seus fins por meios pacíficos.” (Discurso de Amsterdam, 1872. Cf. Steckloff G.: *História da Primeira Internacional.*)

Ainda que a possibilidade de uma revolução pacífica na Inglaterra e na América seja afirmada condicionalmente, o sentido do trecho está claro. Em 1866, Engels, no seu prefácio à primeira edição inglesa do *O Capital*, fez eco a Marx. Convidou a Inglaterra a ouvir a voz de um homem:

“...do qual a teoria inteira é o resultado de um estudo, continuado durante toda sua vida, da história e da condição econômica da Inglaterra, e que, por esse estudo, chegou à conclusão de que, ao menos na Europa,

a Inglaterra é o único país onde a evolução social inevitável pode ser inteiramente realizada por meios pacíficos e legais."

E' verdade que, imediatamente depois, com uma inconsciência raiando a candidez, acrescenta:

"Certamente, Marx não esquece nunca de acrescentar que se pode esperar muito pouco que a classe dominante inglesa se submeta, sem uma "rebelião a favor da escravidão" (2), a essa revolução pacífica e legal."

Como se não fôsse o perigo de uma "revolta em favor da escravidão" — de uma contra-revolução — o que exige que a revolução garanta amplamente sua vitória recorrendo à força! Como se sua legalidade lhe viesse dessa ordem existente, que tem sempre de reserva "textos jurídicos" para modificar as regras toda vez que estas trabalham contra ela e não do poder das massas!

Lénin que, até onde posso saber, jamais contradisse uma única palavra de Marx ou de Engels, em vez de chamar um erro pelo seu verdadeiro nome, tenta mostrar que Marx e Engels tinham perfeitamente razão sustentando que uma revolução nos países anglo-americanos era possível, *nessa época*, "sem a condição preliminar da destruição do mecanismo existente do Estado". Apressa-se, entretanto, a acrescentar que, presentemente, não é mais possível, em virtude do desenvolvimento das instituições burocráticas.

Ele escreveu:

"...Marx limita suas conclusões (referentes à revolução violenta) ao continente. Isso era natural em 1871, quando a Inglaterra ainda era o modelo de uma nação puramente capitalista, sem organização militar e, até certo ponto, sem burocracia. Eis porque Marx excluiu a Inglaterra, onde uma revolução, e mesmo uma revolução popular, parecia ser possível — e o era então — *sem* a destruição prévia da "máquina do Estado"... Agora, em 1917, época da primeira grande guerra imperialista, essa restrição de Marx cai: a Inglaterra e os Estados Unidos, os maiores e os últimos representantes no mundo da "liberdade" anglo-saxã, sem militarismo nem burocracia, estão, hoje, atolados até ao pescoço no lamaçal infecto e sangrento dessas instituições militares e burocráticas à europeia, onde tudo é oprimido e triturado. Hoje, na Inglaterra como na América, "a condição prévia de toda verdadeira revolução popular" é o esmagamento, a destruição da máquina do Estado, aperfeiçoada nesses países, entre 1914 e 1917, até o nível imperialista europeu." (*O Estado e a Revolução* — Edição Librairie de l'Humanité, Paris, p. 5.)

Lénin foi um gênio político, mas sua explicação é evidentemente forçada e não convincente. A Inglaterra e a América não eram mais diferentes dos outros países continentais, em todo caso, com referência à tomada do poder por parte de um movimento revolucionário, do que o eram em 1917. Além disso, teria sido mais difícil realizar a revolução social pacificamente nesses países do que fora.

(2) Alusão à rebelião dos Estados do Sul, dos Estados Unidos. (N. do T.)

Vejamos a Inglaterra. E' justamente Marx quem mostra, no seu *O Capital*, que o capitalismo se desenvolveu na Inglaterra pela ditadura mais implacável. Depois de se verem despojados de suas terras, os camponeses viram-se punir fisicamente se não *quisessem* trabalhar e recolher nos "asilos" quando não *podiam* trabalhar por causa do desemprego.

Desde o século XVIII, Cromwell tornou-se um herói nacional. Hastings, Clive e outros executaram o programa colonial inglês nas Índias, no Egito e noutras partes com a mesma crueldade de Cromwell submetendo a Irlanda. Um ano depois do nascimento de Marx, operários ingleses reunidos pacificamente foram metralhados em Peterloo. O próprio Marx assistiu à supressão do movimento cartista e conheceu muitos dos seus dirigentes que definharam na prisão. Na mesma época em que Marx afirmava sua exceção em favor da Inglaterra, essa possuía a frota mais poderosa do mundo, uma burocracia fortemente desenvolvida, conservava exércitos na Índia e, como o provam as cartas de Marx, possuía a classe dominante mais astuta e mais consciente do mundo. Em 1869, num comício de massas, em Hyde Park, Marx apresentou uma ordem do dia, que exigia a anistia política para os patriotas irlandeses prisioneiros e denunciava o "programa britânico de conquista", programa que não podia ser destruído sem a cooperação ativa da classe operária inglesa. No mesmo ano, escreveu a Kugelman: "A Inglaterra jamais governou e não pode governar a Irlanda de outra forma que não seja... pelo terror mais hediondo e pela corrupção mais revoltante", — sentimento que Engels exprimiu freqüentemente em suas cartas a Marx, escritas da Irlanda, uma década mais cedo. E' este um país no qual a revolução social poderia ser realizada pacificamente? (3).

A referência aos Estados Unidos não é mais feliz. Alguns anos antes do discurso de Marx em Amsterdam, a América atravessou sua segunda revolução para quebrar o regime de escravidão semi-feudal que entravava o caminho da expansão do capitalismo industrial. Exatamente no momento em que Marx falava, o norte exercia verdadeira ditadura sobre o sul. Alguns anos depois, perturbações industriais muito graves — que quasi assumiram caráter insurrecional — sacudiram o país. Era possível que, num país, em que frágeis e "constitucionais" tentativas de abolir a escravidão da terra provocaram a mais violenta guerra civil do século XIX, a abolição da escravidão do salário pudesse ser efetuada por persuasão moral? Marx tinha razão em dizer "que é preciso prestar atenção especial às instituições, costumes e tradições dos diversos países", mas não sabia, bem como Lênin, aliás, que, já em 1872, as tradições de violência e de corrupção administrativa eram mais fortes na América do que em qualquer grande nação europeia, com exceção da Rússia.

Pode-se dizer, em defesa de Marx, que ele apenas afirmou que, na Inglaterra e na América, as instituições tornavam possível, pelo "pro-

(3) "A Irlanda é o único pretexto do governo inglês para manter um grande exército permanente que, quando fôr necessário, será atirado sobre os operários ingleses, como tem acontecido freqüentemente depois que o exército foi transformado numa guarda pretoriana (*Soldateska*) na Irlanda." (Marx a Kugelman, em 1870.)

cesso formal" das eleições, registrar a vontade do povo de uma revolução social, mas isso não tornava óbvia a necessidade de empregar o poder do Estado reconstituído para destruir os elementos contra-revolucionários e consolidar a vitória. Se Marx queria dizer isso, então, em primeiro lugar, não tinha nenhuma justificação para a distinção entre as nações anglo-americanas e européias, uma vez que o mesmo procedimento "formal" era possível na França e na Alemanha e, em segundo lugar, os estudos históricos de Marx referentes à transição de uma forma de poder do Estado para uma outra indicam que o peso da probabilidade se opunha à possibilidade de sucesso desse modo de proceder.

Resta, então, saber o que induziu Marx e Engels no erro de qualificar sua posição geral como o fizeram — erro que se poderia facilmente desprezar como sem importância se não tivesse conduzido a uma ardente polémica grupos marxistas e pseudo-marxistas ingleses e americanos. Depois de ter seguido muitas hipóteses, o autor deve confessar francamente que não sabe.

4 — Uma ou outra

A concepção realista de revolução social de Marx foi tão frequentemente repelida como ofensiva pela consciência esclarecida de homens bem intencionados que é necessário frisar ainda — correndo o risco de repetição — seus móveis profundamente humanos. Pergunta-se: "Uma revolução social não custará muito caro"? E' pergunta que se ouve mais frequentemente da parte dos que ficaram à margem da luta de classes do que dos que suportaram realmente o peso dos seus conflitos. Mas é pergunta que merece uma resposta. O marxista responde que está pronto a julgar todo projeto pelo seu custo. Mas julgar uma coisa apenas por seu custo é condenar toda coisa empreendida e acabada neste mundo imperfeito. Muito raramente um grande benefício nos vem do passado, da descoberta do fogo e da palavra aos últimos desenvolvimentos da técnica científica, cujo preço não seja pago em sangue e em lágrimas pelos seres humanos. A lógica, bem como a moral, exige, entretanto, que, antes de repeli uma proposição por causa do seu custo, consideremos o que nos custará repeli-la em favor de cada uma das alternativas disponíveis. A tese marxista é que o custo de uma guerra civil é muito menor do que os dos males crônicos da pobreza, do desemprego, do aviltamento moral e da guerra imanentes ao capitalismo e que a escolha definitiva é entre a guerra imperialista, que não promete nada mais do que a destruição de toda a cultura e da própria raça humana, e uma revolução internacional, que promete uma nova era na história do mundo.



QUE E' O ESTADO ? — "O Estado é uma organização das classes dominantes para a manutenção das classes exploradas numa condição de dependência." (Citação feita no artigo do jesuíta Arlindo Vieira, sob o título *O comunismo nas universidades americanas*, no *Correio da Manhã* de 28-8-1946).

Correspondência dos nossos leitores

FRANCISCO TEIXEIRA (Bahia) — Recebemos os recortes e os encaminhamos, transmitindo, ao mesmo tempo, o seu pedido de material anti-fascista. Continue duro no desmascaramento dos fascistas-verdes.

JORGE ALENCAR (Pernambuco) — Os marxistas-leninistas são materialistas dialéticos, portanto, em oposição filosófica aos não materialistas dialéticos. No terreno da luta de classes não há antagonismos entre os que são e não são materialistas dialéticos, quando perseguem os mesmos objetivos, daí os marxistas poderem unir-se a quantos se encontram noutras correntes filosóficas. Esta a razão porque no PCB se encontram cidadãos de todos os pontos de vista filosóficos, desde o católico até o ateu, e isto se explica porque o PCB não dirige uma luta filosófica, mas econômica e política. Portanto, entre os comunistas brasileiros, isto é, filiados ao PCB, encontram-se cidadãos professando as religiões as mais diversas. Ademais, não é inútil repetir: os marxistas não combatem as religiões, por inútil, mas aos que delas se servem para explorarem diretamente e ajudarem a exploração das massas pelo capitalismo. Na URSS, como em todos os países burgueses, não há possibilidade de existência de sociedades secretas. Toda sociedade contra-revolucionária é proibida na URSS. Tão pouco há necessidade, na URSS, de sociedades beneficentes de particulares, porque a legislação social soviética põe os cidadãos a coberto de tais necessidades.

CLOVIS MOURA (Bahia) — Muito bom o seu trabalho sobre o senador clerical Hamilton Nogueira. Já publicamos duas críticas a respeito, e o seu trabalho só poderia ser publicado em fevereiro, o que o faria perder a oportunidade. Esta, a única razão porque não publicamos o seu artigo.

MARIA LINHARES CRESPO (Rio Grande do Sul) — Obrigado pelo trecho que nos enviou, pois mostra o seu espírito de colaboração. A tese é verdadeira, mas a sua publicação, no momento, inoportuna, pois daria margem a mais explorações da reação. Realmente, "A burguesia não tem pátria: é cosmopolita, porque os seus capitais não respeitam fronteiras". Mais ainda, na primeira guerra mundial e nesta última ficou provado que os capitalistas dos países em guerra continuaram a fazer negócios vendendo e comprando entre si, para que a guerra continuasse e lhes rendesse pingues lucros, embora manchados do sangue da mocidade cheia do patriotismo que eles exigem nos outros...

O SOCIALISMO E A IGUALDADE

por S. RONIN.

Que determina o conceito de *igualdade* na sociedade socialista, que desconhece a propriedade privada dos meios de produção?

É indispensável, desde logo, deixar claramente estabelecido que a Igualdade, na sociedade socialista, nada tem em comum — nem poderia ter, por sua própria natureza — com o igualitarismo, no sentido material deste termo. Os inimigos do socialismo apresentam freqüentemente, e de propósito, a vida cotidiana dos cidadãos da União Soviética como uma espécie de regime de quartel, no qual a vida é determinada por um regulamento geral de cumprimento obrigatório, regulamento que absorve todos os domínios da atividade material e espiritual, uma espécie de regime, enfim, debaixo do qual as necessidades de milhões de homens são satisfeitas de maneira igual, porque todos têm de ter os mesmos gostos e até de pensar mais ou menos da mesma forma. Isto, porém, de maneira nenhuma corresponde à realidade, à vida efetiva dos cidadãos da União Soviética. Zombando da ignorância, da torpeza e da vulgaridade de semelhante espécie de “críticos”, Stálin, grande homem de Estado e pensador, afirmou, mais de uma vez, que dizer que o “socialismo exige o igualitarismo e a nivelação dos gostos e da vida privada, e que, segundo o plano dos marxistas, todos devem vestir as mesmas roupas e comer os mesmos pratos, na mesma quantidade, equivale a proferir necedades e caluniar o marxismo”.

Essa “igualdade em geral”, no sentido de igualitarismo global, dentro das necessidades individuais e da vida dos cidadãos, não existe na União Soviética. A “igualdade real na vida — igualdade que efetivamente desfrutam todos os cidadãos soviéticos, sem exceção — consiste, em primeiro lugar, no facto da sociedade socialista desconhecer a divisão dos homens em grupos, que ocupam posições desiguais relativamente aos meios de produção. Esses meios são, na União Soviética, propriedade de todo o povo e, por isso, não podem ser objeto de propriedade capitalista privada. Dito por outras palavras: essa situação — para empregar fórmula staliniana já clássica — significa “a abolição, igual para todos, da propriedade privada dos meios de produção, entregues de uma vez para sempre à propriedade de toda a sociedade”, isto é, a libertação igual, para todos os cidadãos da União Soviética, da possibilidade de seu trabalho ser explorado por terceiros para lucro pessoal deles. Esta é a significação essencial e decisiva do conceito de igualdade na União Soviética.

A libertação da mínima dependência econômica de proprietários privados assegura aos cidadãos da União Soviética possibilidade igual de desenvolver-se e aperfeiçoar-se indefinidamente em seu trabalho e profissão, bem como de elevar regular e conseqüentemente seu nível material e cultural.

No regime socialista vitorioso, o trabalho livre dos cidadãos da União Soviética transformou-se em fecundo trabalho consciente para si

próprios e para a sociedade, tomada em sua totalidade. Daí se depreende logicamente o segundo factor essencial que define o conceito de igualdade sob a égide do socialismo: a obrigação, igual para todos os membros da sociedade, de trabalhar na medida de suas forças e capacidade; o direito igual de receber por isso, da sociedade, retribuição equitativa, *de acôrdo com a quantidade e qualidade de seu trabalho*. Claro está que o princípio enunciado pressupõe medidas desiguais na retribuição dos esforços dos diferentes cidadãos no trabalho, já que esses esforços são diferentes no valor e qualidade que têm para a sociedade em conjunto.

O nível das forças produtivas da sociedade socialista não cria, pois, possibilidade objetiva de dar igual satisfação a todas as necessidades de todos os membros da sociedade, sem exceção. Essa possibilidade só se torna real e praticável na segunda fase — superior — da sociedade socialista, *etapa comunista*, cujo princípio fundamental é: “De cada um segundo sua capacidade; a cada um segundo suas necessidades”. Por isso, a tarefa essencial, que reúne todos os cidadãos da União Soviética, é trabalhar com perseverança, com produtividade, todos os dias, a fim de desenvolver as forças produtivas da União Soviética, conseguir o mais depressa possível a abundância socialista e destruir a pouco e pouco a diferença entre o trabalho físico e o intelectual, isto é, chegar ao comunismo.

Não é, naturalmente, segredo para ninguém que, ainda hoje, um engenheiro especializado, ou um homem de ciência, percebe, na União Soviética, salário superior ao de um peão de estância, e tem mais possibilidades de satisfazer suas necessidades materiais, que são maiores, aliás, do que as de um simples operário. Não obstante, ninguém, na União Soviética, se julga deprimido pela “desigualdade” de salários e vencimentos, nem pela “desigualdade” na satisfação de suas necessidades. Os cidadãos da União Soviética têm plena consciência de que, na fase atual, é inteiramente equitativo o princípio de que o trabalho deve ser remunerado, considerando-se os interesses de toda a sociedade. Este princípio é, para eles, qualquer coisa totalmente lógica e normal, e, ao mesmo tempo, constitui estímulo para os homens soviéticos elevarem de dia para dia a qualidade de seus esforços pessoais, intensificá-los, aperfeiçoarem-se em sua profissão e ampliarem os horizontes.

No Estado Soviético, os interesses pessoais coincidem necessariamente com os interesses de toda a sociedade. Além disso, deve tomar-se em linha de conta que, na base da constituição staliniana, o Estado Socialista assegura a todos os membros da sociedade possibilidades iguais de instruírem-se e capacitarem-se em seu ofício, bem como lhes garante o contínuo aperfeiçoamento da personalidade no trabalho fecundo. Na União Soviética, um simples operário, ou um kolhoziano, tem todas as possibilidades de chegar a ser contramestre, engenheiro, cientista, isto é, dominar qualquer profissão que exija determinados estudos. O Estado estimula de todas as maneiras o aperfeiçoamento de seus cidadãos e nisto reside a grande força da democracia socialista. A igualdade realmente justa, existente na União Soviética na esfera econômica, dentro do sentido exposto acima, de que as massas populares estão libertas de toda

dependência material de um número insignificante de proprietários privados, determina e condiciona também a igualdade real dos cidadãos soviéticos no âmbito político.

O facto de todos os recursos do Estado, tôdas as riquezas nacionais, estarem concentrados nas mãos do próprio povo, cria base objetiva para o mais amplo exercício dos direitos e liberdades por parte de todos os membros da sociedade sem excepção.

Os que falam da igualdade política dos cidadãos nos países da velha democracia capitalista, na qual a propriedade privada dos meios de produção constitui a base económica do regime social, amiúde esquecem — consciente ou inconscientemente — a desigualdade económica real dos membros da sociedade capitalista. Por alguma razão disse Stálin, em seu célebre informe sobre o projeto da Constituição do Estado Soviético, perante o VIII Congresso dos Soviets, realizado a 25 de novembro de 1936: "Falamos da igualdade dos cidadãos; esquecem-se, porém, de que não pode existir verdadeira igualdade entre o patrão e o operário, entre o proprietário de terras e o camponês; os primeiros possuem riquezas e importância política na sociedade, os segundos não têm nem umas, nem outra."

Diferentemente dos países onde impera a democracia capitalista, na sociedade socialista, baseada na propriedade coletiva (de todo o povo) dos meios de produção, não pode haver contraditoriedade alguma entre a igualdade formal, jurídica, e a igualdade efetiva, real. A igualdade jurídica e a igualdade real constituem, então, unidade harmônica inseparável. Esse traço característico da igualdade socialista ressalta, com a máxima nitidez, da Carta Magna da União Soviética: a Constituição staliniana, lei fundamental soviética, não se limita apenas a proclamar a igualdade formal dos cidadãos. Em seus artigos, além de sancionar constitucionalmente determinados direitos e liberdades, fixa, sempre que se apresenta ocasião, as garantias reais, os recursos materiais concretos, que estão à disposição de todo o povo e asseguram seu exercício desses direitos e liberdades. E desta maneira se resume o elevado e conseqüente espírito democrático da Constituição staliniana.

•

A CIÊNCIA — "Já podemos entrever a expressão cultural deste desenvolvimento social. Voltamos para a ciência, esperando dela que satisfaça o anseio do homem por uma compreensão mais perfeita do mundo. A civilização, que o aparelhamento da ciência vem construindo, exige o aperfeiçoamento moral do homem. Devemos reconhecer, com Platão, que, sem um objetivo central, a vida perdeu o sentido. Ainda assim, nestes tempos em que os homens de tôdas as partes do mundo estão empenhados em formular uma filosofia que lhes permita viver, é à ciência que eles recorrem, fiados na verdade que ela ensina". (Artur H. Compton — *A ciência e o desenvolvimento da sociedade* — in *Jornal de Debates*, de 23-8-1946).

Perguntas e Respostas

No momento de seu nascimento, o *novo* é mais fraco que o *velho*; sua debilidade depende do *grau* de maturidade. O *novo* débil entra em conflito com o *velho* mais forte.

PERGUNTA — E' possível, porém, que o forte (*velho*) seja vencido pelo fraco (*novo*)? Perguntam os formal-metafísicos, para os quais toda contradição é um absurdo.

RESPOSTA — A contradição e a vitória são conseqüências do desenvolvimento dialético vivo, e não podem ser destruídos por argumentos formais. A resposta encontramos-la no facto de que o socialismo, no começo do seu desenvolvimento, é mais fraco apenas no *grau* de seu desenvolvimento, unicamente devido a não estar ainda plenamente desenvolvido. Desde o primeiro dia, porém, de sua existência, é mais forte de acôrdo com o seu *tipo*, mais forte *como qualidade nova*; mais *progressivo*, livre das contradições, ante as quais o capitalismo se revelou impotente. Por isto, a nova ordem logra finalmente a vitória e pode conquistá-la valendo-se unicamente da concentração de seus elementos de superioridade real, desenvolvendo-os com a maior rapidez possível. Cada passo do progresso socialista torna mais desesperada a situação do capitalismo, apesar de sua reação cada vez mais desesperada. (Chirokov.)

PERGUNTA — Qual o lema básico para o socialismo superar o seu conflito com o capitalismo?

RESPOSTA — “Alcançar e exceder em técnica e em desenvolvimento econômico, no período histórico mais curto, os países capitalistas mais avançados” — não significa outra coisa que realizar as tarefas para tornar o socialismo mais forte que o capitalismo mundial, não só em tipo, mas também no nível de desenvolvimento, no grau de desenvolvimento de suas possibilidades latentes.

A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM 20 ANOS DE PODER SOVIÉTICO

por A. KALACHNIKÓV,

Ministro da Instrução Pública na
Federação Russa.

A Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 proclamou os mais amplos princípios democráticos em todos os sectores da vida, incluindo o âmbito da instrução. Foi estabelecido o ensino obrigatório e gratuito, na língua materna, para todas as crianças de ambos os sexos, a partir dos sete anos; começaram os estudantes a receber auxílio material do Estado; criou-se uma rede de instituições pré-escolares; atraiu-se a população trabalhadora para os trabalhos escolares; os operários e camponeses autodidatas receberam apoio multilateral; foi desenvolvido prodigiosamente o ensino profissional e aberto ilimitadamente o acesso aos centros de instrução superior.

A escola soviética, gratuita, e, por isso mesmo, acessível a todas as camadas da população, cravou raízes de maneira definitiva, substituindo a escola fechada do tempo dos tsares.

A apreciação que faz agora o povo soviético, ao comemorar o 29.º aniversário da Revolução de Outubro, demonstra o crescimento impetuoso da instrução pública sob a égide do Poder Soviético.

Na Rússia tsarista, funcionaram, no ano letivo de 1914-1915, no total, 105.524 escolas. Em 1927-1928, havia, no país dos Soviets, 118.558 escolas, e, em 1938-1939, esse número tinha subido para 171.589. Em cinco anos — de 1933 a 1938 — foram construídas, na União Soviética, 20.000 escolas inteiramente novas e modernas. Como resultado disso, aumentou também o número de estudantes. Durante o curso de 1914-1918, havia, nas escolas da Rússia, oito milhões de crianças. No ano letivo de 1927-1928, esse número tinha ascendido para onze milhões e meio. No decurso do ano 1938-1939, o total de crianças que estudavam na União Soviética atingia o número de trinta milhões.

As cifras mencionadas demonstram que, relativamente à Rússia tsarista, já em 1939 o número de estudantes havia aumentado mais três vezes e meia. Nos territórios e Repúblicas nacionais, as escolas adquiriram desenvolvimento especial. Nas Repúblicas Soviéticas da Armênia e do Kazarrstão, por exemplo, o número de estudantes havia crescido, em 1939, dez vezes; no Turkmenistão, trinta vezes; na República Soviética do Uzbequistão e na República da Tartária, sessenta vezes.

Continua a aumentar incessantemente o número de escolas e de estudantes na União Soviética. Existem, hoje, no país dos Soviets, 190.192 escolas.

O apogeu da instrução pública na União Soviética é expresso pelas verbas fabulosas que o Estado destina ao ensino. A Rússia tsarista

gastava, na instrução, em média, cêrca de 80 *kopeks* (cêrca de Cr\$ 3,20) anuais por habitante. A União Soviética inverteu 8 rublos (cêrca de Cr\$ 32,00) em 1927-1928 e 113 rublos (cêrca de Cr\$ 45,20) em 1933-1939. Sob o Poder dos Soviets, as despesas com a instrução pública elevaram-se mais de quarenta vêzes, em comparação com as da Rússia dos tsares.

"Os cidadãos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas têm direito à instrução", declara a Constituição soviética, lei fundamental do Estado Socialista. Esse direito está assegurado pela instrução primária universal e obrigatória, por um sistema de bolsas de estudo fornecidas pelo Estado para a imensa maioria dos estudantes em escolas superiores e médias, pelo ensino nas escolas em língua materna e pela organização, em fábricas, soverrózes, estações de máquinas e tractores e kolrózes, do ensino técnico e agronômico gratuito para os trabalhadores.

A inteligente política nacional executada pelo govêrno da União Soviética concede a cada um dos povos que habitam o país dos Soviets o direito de educar seus filhos nas escolas na língua materna. Para muitos povos do Norte do Cáucaso, da Ásia Central, foram criados alfabetos e editados manuais e livros na língua nacional, bem como se abriram escolas e se capacitaram professores.

O ensino em língua materna estimula o desenvolvimento da cultura de cada povo: cultura socialista pelo conteúdo e nacional pela forma.

Sob o Poder dos Soviets, foram introduzidas ponderáveis modificações no perfil cultural dos antigos e remotos confins da Rússia tsarista. Por exemplo: a percentagem da população alfabetizada da República Soviética da Quirguízia aumentou de 1/15, em 1926, para 1/70, em 1939; na República Soviética do Turkmenistão, de 1/12 para 1/67; na República Soviética do Tradjiquistão, de 1/3 para 1/71, etc.

Não é menos ilustrativo o desenvolvimento da cultura entre as mulheres da União Soviética. Já em 1926, a percentagem das mulheres soviéticas que sabiam ler e escrever era de 37 % de tãda a população feminina. Em 1939, 72 % das mulheres da União Soviética já sabiam ler e escrever.

Já no segundo ano de vida do jovem Estado Soviético — 1919 — o grande Lênin assinou seu famoso decreto de liquidação do analfabetismo entre a população adulta do país. Presentemente, as pessoas analfabetas constituem exceções contadas.

O Poder dos Soviets demonstra imenso interêsse pelas crianças em idade pré-escolar. Em tãda a Rússia tsarista havia, no total, apenas duzentas instituições particulares dêsse tipo, que, além do mais, exigiam importâncias excessivamente elevadas para educar as crianças que se lhes confiavam. Compreende-se que tão sômente as famílias abastadas tinham acesso a semelhantes instituições.

Imediatamente depois da Revolução de Outubro, o Poder dos Soviets incluiu a educação pré-escolar no sistema oficial de instrução pública. Foi elaborado minudente programa de educação pré-escolar e deu-se extraordinário impulso à rêde de centros apropriados. Em 1.º de janeiro de 1938, já havia, na União Soviética, 24.535 jardins de infância.

Durante a guerra patriótica, o número de instituições infantis cresceu ainda mais no país dos Soviets. Era necessário dar às mulheres possibilidade de trabalhar intensamente para a defesa.

A educação pré-escolar auxilia também as mulheres soviéticas a participar plenamente da vida política, social e econômica de seu país. Além disso, a mulher obtém mais tempo livre para exercer seu próprio direito à instrução.

As crianças órfãs constituem outra grande preocupação do Estado Soviético. Para elas, foi criado, no país dos Soviets, um tipo especial de instituição pedagógico-educativa: a casa infantil. Para os órfãos da guerra patriótica contra o fascismo, foram criados internatos, nos quais as crianças recebem educação e instrução por conta do Estado Soviético.

Durante a guerra contra o fascismo, desde 1941 até 1945, duplicou-se o número de casas infantis na União Soviética. Milhares de educandos das casas infantis ingressaram, posteriormente, nas numerosas escolas de artes e ofícios, que dotam de mão de obra qualificada a indústria e o transporte soviéticos. Muitos deles, convertidos em bons trabalhadores especializados, já trabalham em diversos ramos da economia nacional.

No país dos Soviets, dá-se também muita atenção ao trabalho extra-escolar, que amplia os conhecimentos e a concepção geral dos estudantes. Em toda parte existem centros técnicos infantis, bibliotecas infantis, clubes infantis, palácios infantis de cultura, teatros infantis e outras instituições extra-escolares análogas. Nelas, os pequenos estudantes passam alegremente suas horas de folga, e, além do mais, enriquecem sua bagagem cultural.

Só em Moscou, funcionaram, durante o ano de 1945-1946, um grande clube urbano para crianças e 22 clubes de bairro, 4 centros técnicos, uma casa de leitura urbana para crianças estudantes, uma central de excursões, que atendeu a meio milhão de pequenos turistas, 6 centros de jovens naturalistas, uma escola urbana de Belas Artes, escolas musicais de bairro, 16 parques, que foram visitados por 1.200.000 crianças, 74 bibliotecas infantis, etc.

O trabalho fundamental na educação da geração nova é realizado pelos professores soviéticos, inteiramente dignos da confiança que o povo da União Soviética depositou neles.

O Poder dos Soviets criou poderoso sistema de instrução pedagógica.

Para a escola primária, os professores são capacitados nas escolas pedagógicas. Os professores dos cursos 5.^o a 10.^o (escola secundária) saem dos Institutos Pedagógicos e das Universidades.

Já em 1938, havia, na União Soviética, 825 escolas pedagógicas médias. Nelas, estudavam 255.962 futuros professores. Centros superiores de pedagogia existiam em número de 259, incluídas as Universidades, com um total de 189.000 alunos. Só na Federação Russa, funcionaram, este ano, 352 escolas pedagógicas e 107 Institutos.

Além dos centros permanentes de ensino, existe o ensino livre e por correspondência, também muito desenvolvido no país dos Soviets.

A lei do plano quinquenal de restauração e fomento da economia da União Soviética determina novo florescimento da instrução pública.

Assim, o número de escolas primárias, em sete cursos, e médias, no país dos Soviets, deverá elevar-se, em 1950, para 193.000, e o número de estudantes instruídos por elas para cerca de 32 milhões.

Todo o sistema de ensino no país dos Soviets está orientado no sentido da aplicação do grande direito à instrução, estabelecido pela Constituição da União Soviética para todos os trabalhadores e seus filhos, sem distinção de espécie alguma.

● ●

TRABALHO LIVRE — "...o trabalho livre não se organizou ainda inteiramente em todo o país. Há apenas, em muitas partes dêle, um processo de ajustamento em pleno vigor, um esforço mais ou menos bem sucedido naquela direção, mas que conserva traços bastante vivos do regime escravista que o precedeu." (Prado — *Formação do Brasil Contemporâneo*, pág. 7.)

●

CAPITALISMO MONOPOLISTA — Falando aos americanos, Browder disse: "O capitalismo americano é capitalismo de monopólio. Após a guerra actual, êste aspecto será ainda mais frisado. A transformação da indústria americana em indústria de guerra fortaleceu formidavelmente a posição das grandes concentrações do capital privado, que constituem os monopólios na riqueza nacional como um todo".

●

CLASSES IRRECONCILIÁVEIS — Nos países de sistema econômico capitalista, o povo é dividido em 2 classes fundamentais: exploradores e explorados.

Qual a função dos exploradores? Produzirem bens de consumo, serviços e bens de produção.

Qual a função dos explorados? Direta ou indiretamente, superintendendo a produção anárquica, obterem maiores lucros individuais.

Que é lucro? E' o tempo de trabalho não pago ao trabalhador. O lucro é tanto maior quanto mais tempo de trabalho se deixe de pagar ao trabalhador.

Que pretende e visa o capitalismo? Maior lucro.

Que reivindica o trabalhador? O pagamento do tempo de trabalho que lhe é roubado no sistema capitalista.

Logo, se os objetivos e interesses fundamentais entre explorados e exploradores são diferentes, e, daí, a teoria da luta de classes, de Marx, não há possibilidade de conciliação e união entre exploradores e explorados, sinão em condições excepcionais e transitòriamente.

SOBRE A SITUAÇÃO NA CHINA

A. PEREVERTÁILO

Os últimos acontecimentos desenrolados na China estão lançando este país naquela situação inicial, que existia no momento da capitulação japonesa. Os conflitos armados entre os exércitos governamentais e as unidades chefiadas pelos comunistas não cessaram depois do acordo feito em janeiro. Os acordos firmados no Conselho Político Consultivo ficaram, como sempre, apenas no papel. A sessão da Assembléia Nacional, marcada para o dia 5 de maio, e na qual se depositavam tantas esperanças, não se realizou. A imprensa reacionária continua na sua campanha desenfreada contra os elementos democráticos, escolhendo, como dantes, para principal objeto de seus ataques, os comunistas chineses, e combinando essa campanha com ataques hostis à União Soviética. Estes são os factos que caracterizam a situação na China.

A razão de ser dos acontecimentos que ora se desenrolam na China é o facto de que a reacção chinesa tenta, por todos os meios, aproveitar-se de uma série de novas circunstâncias, favoráveis a ela, que se criaram após a capitulação do Japão. A capitulação japonesa desatou as mãos dos reacionários chineses, trazendo-lhes a oportunidade, há muito desejada, de aproveitar os exércitos governamentais para fins de política interna. A transferência das tropas governamentais, com auxílio americano, para as partes central e setentrional da China, permitiu-lhes firmarem-se nos centros estratégicos chaves e nas principais vias de comunicação do país em três regiões, que, durante a guerra, eram controladas pelos guerrilheiros e pelos exércitos populares-revolucionários.

O armamento americano recebido pelas unidades governamentais permite-lhes contar com uma superioridade técnico-militar. A campanha intensificada da reacção internacional e dos fomentadores de guerra deu aos reacionários chineses a certeza de poder contar com apoio do exterior. Tudo isso, em conjunto, criou as condições que a reacção chinesa considerou bastante propícias para uma nova ofensiva.

No fim da guerra, a ofensiva da reacção chinesa era desenvolvida, no Extremo Oriente, em campo menos favorável do que o existente agora. E' verdade que, diante da firme resistência do exército popular-revolucionário e devido à situação internacional criada com a aniquilação dos agressores, os reacionários chineses tiveram que ceder temporariamente. O resultado foi o famoso acordo de janeiro de 1946 sobre a cessação das hostilidades e os acordos concluídos no Conselho Político Consultivo. O curso dos acontecimentos subsequentes demonstraram que isso eram apenas manobras da ordem do dia da reacção.

As resoluções tomadas nesse Conselho, apesar de terem um carácter de compromisso (convenção), representam um programa conciliatório de reformas democráticas: a criação (antes da proclamação da Constituição definitiva), de um governo temporário de coalisão, com a participação de todos os partidos políticos; a concretização das liberdades

democráticas para a população, e a revisão dos projetos da Constituição definitiva e da lei sobre a Assembléia Nacional, no sentido de uma maior aproximação de ambas aos moldes democráticos. O acôrdo de janeiro sobre a cessação das hostilidades entre o exército governamental e as unidades chefiadas pelo Partido Comunista Chinês está indissolivelmente ligado a essas resoluções. Essa linha de conduta, que corresponde aos interesses nacionais fundamentais, foi aceita e assumido o compromisso de segui-la, tanto pelo govêrno central da China, como por todos os partidos políticos, inclusive pelo Kuomintang.

Mas a tinta, com a qual foram escritas as resoluções do Conselho Político Consultivo, não tivera ainda tempo de secar quando a política do Kuomintang começou a descrever zigzagues tais, que os otimistas sofreram uma grande decepção e foram obrigados a renunciar às esperanças prematuras nascidas dessas resoluções. O plenário de março do Comitê Central Executivo do Kuomintang teve sua realização assinada por um indicio de afastamento dos compromissos assumidos no Conselho Político Consultivo. Tornou-se evidente que a direção do Kuomintang estava no caminho de concessões às forças reacionárias.

O plenário, no entanto, não se decidiu a repudiar abertamente as resoluções tomadas pelo Conselho Político Consultivo devido a considerações de tática compreensíveis. Formalmente, êle as aceitou, mas com emendas e reservas tais, que reduziam as resoluções mais importantes a nada.

Essa circunstância pôs de sobreaviso os círculos democráticos da China. Como observou o representante do Partido Comunista, Tehjou En-Laia, na sua declaração após o encerramento do plenário do Comitê Central Executivo do Kuomintang,

"... Os resultados dêste plenário atraçoiaram as nossas esperanças, pois as resoluções tomadas nesta sessão anulam as decisões do Conselho Político Consultivo. Não há nada de surpreendente no facto de uma parte considerável dos elementos irreconciliáveis do Kuomintang se ter aproveitado da sessão do Comitê Central Executivo do Partido, para tomar, com caráter de emergência, uma série de resoluções importantes, que anulariam as decisões do Conselho Político Consultivo. Apenas o que não admira é que as resoluções dessas suas sessões (do Conselho Político Consultivo e do Comitê Central Executivo do Kuomintang) sejam tão contraditórias, apesar de ambas terem sido realizadas sob a presidência e direção do generalíssimo".

Declarações idênticas foram feitas pelo representante da Liga Democrática da China, Chan Lan.

Factos evidentes, como a demora na reorganização do govêrno, (devido ao facto do Kuomintang querer modificar, em seu favor, as condições da participação de outros partidos políticos no govêrno); a falta de clareza na questão das condições que devem presidir à convocação da Assembléia Nacional e do projeto da Constituição; o empenho do Kuomintang em contornar os acordos relativos à redução do exército governamental e à cessação das hostilidades, — tudo isto, bem como muitas

outras coisas, mostram que, por enquanto, as palavras do Kuomintang ainda divergem seriamente das suas ações.

Não menos significativa é a orgia crescente da reação, pela qual o Kuomintang, como partido dirigente, não pode deixar de se sentir responsável, a menos que se queira reconhecer incapaz de realizar um governo equilibrado.

As autoridades chinesas, que encontram meios bastante violentos para reprimir demonstrações e manifestações democráticas, aplicando, inclusive, granadas e metralhadoras, como no caso de Kunmin, sentiram-se "impotentes" quando se tratou de reprimir as manifestações em forma de massacre, incitadas pelos reacionários, na própria sede do governo, em Chuntsin. Aliás, isto não pode constituir motivo de grande admiração, visto que alguns preeminentes representantes do Kuomintang chegam ao ponto de aprovar essas excursões reacionárias.

Diante de factos assim, as declarações de Tchjou En-Laia na comunicação já mencionada, são perfeitamente compreensíveis.

"A questão é: o povo será ou não ludibriado. Não podemos assegurar ao povo que uma completa paz e democracia foram estabelecidas, quando, na realidade, não existem nem paz, nem democracia. Não podemos afirmar ao povo que a situação se estabilizou, quando, na realidade, não é assim".

Acentuando de que partilhava da opinião do general Marshal, segundo a qual os meses vindouros serão "o período mais crítico" para a China, Tchjou En-Laia continua:

"Se os acontecimentos se desenvolverem segundo as resoluções do plenário do Comitê Central Executivo do Kuomintang, a situação piorará muito".

Este prognóstico pouco tranquilizador está sendo plenamente justificado. Desde o dia da realização do plenário do Comitê Central Executivo do Kuomintang, nada aconteceu que pudesse testemunhar uma melhora das condições. A sessão do Conselho Político Nacional, realizada logo após o plenário referido, também não trouxe nada que pudesse avivar as esperanças. Os representantes do Partido Comunista não tomaram parte nela.

No decurso dos últimos meses, os exércitos governamentais têm levado a efeito, numa série de pontos importantíssimos e nas linhas principais da Mandchúria, um amplo avanço contra o Exército Democrático Unificado, composto pelas unidades que aí combatiam contra os japoneses. O número de tropas, empenhadas na luta, é calculado em centenas de milhares, havendo já milhares de vítimas entre os soldados e a população, que sofre duramente com os bombardeios e o fogo de metralha da aviação governamental. De acordo com os comunicados da imprensa, as grandes batalhas tiveram lugar nas regiões de Mukden, Sipingai, Chanchun, Bencirr e Inkoí. E sempre novas unidades governamentais são lançadas no teatro das hostilidades na Madchúria.

A fúria da reação chinesa é sobretudo provocada pelo facto de a população da Mandchúria, saudosa — depois de 14 anos de ocupação japonesa — da vida livre, tem revelado iniciativa própria e tomado em suas mãos a organização do governo local, sem esperar os represen-

tantes da administração chinesa central que, evidentemente, não acompanham o curso dos acontecimentos. Essas atividades são qualificadas pela reação chinesa de insurreição contra o governo central, de traição nacional.

Tchan Kai-Chek, no seu discurso pronunciado a 1.º de abril, declarou, oficialmente, que "o governo nacional não reconhecerá o chamado Exército Democrático Unificado", e que os governos administrativos estabelecidos pelo povo "são ilegais".

E' evidente que a repressão da iniciativa política da população, libertada de um longo período de escravização, forma um novo e complexo nó de conflitos políticos internos que, ao que parecia, tinham oportunidade de ser solucionados em breve. A campanha reacionária sob o slogan "a luta contra o comunismo" e "a conservação da unidade" na China, se intensifica, apesar de todos saberem que tal perigo não ameaça a China, ao menos do lado da Mandchúria.

Paralelamente ao desenrolar dos acontecimentos na Mandchúria, começaram a desenvolver-se novas e amplas operações militares na própria China. A julgar pelos comunicados chineses e estrangeiros, os reacionários chineses decidiram marcar o trágico perecimento do famoso comandante do Novo 4.º Exército, En Tin (há pouco saído da prisão e logo em seguida morto, junto com outros preeminentes membros do Partido Comunista Chinês, em consequência à avaria sofrida pelo avião americano, que os trazia, procedentes de Chuntsin), com um novo avanço na região de sua localização na China Central. A região está sendo bloqueada pelas tropas do Kuomintang e, segundo os comunicados da agência da Associated Press e o jornal *China Weekly Review*, 27 divisões, mais de 300 mil homens, tendo recebido a ordem de iniciar a campanha da "eliminação", estão avançando de várias direções. Operações idênticas tiveram início na parte setentrional de Tsansu, em Chandun, e outros lugares. Ao todo, foram lançadas cerca de 100 divisões governamentais contra as unidades e as regiões libertadas, dirigidas pelos comunistas, na Mandchúria e na China propriamente dita, que representavam, sem dúvida alguma, um amplo plano de repressão dos elementos democráticos, por meio de armas.

Nessas condições, a atenção da opinião pública é novamente atraída para a posição dos representantes americanos na China.

Atribui-se grande importância ao facto das tropas e do armamento americanos serem novamente aproveitados pelos reacionários para a guerra civil. O jornal *Venguibao* escrevia no princípio de maio:

"... Infelizmente, depois da evacuação dos exércitos soviéticos do Nordeste, iniciou-se a guerra intestina. Presentemente, as batalhas têm, segundo todas as probabilidades, as mesmas proporções e são tão obstinadas como as travadas contra os japoneses. E, ao mesmo tempo, os EE. UU. também estão envolvidos nessas desordens. Os canhões e as armas, adquiridos pelo exército chinês com o lend-lease, são utilizados para derramar sangue do povo chinês. Os vasos de guerra americanos levam rapidamente tropas chinesas, treinadas pelos americanos, para as zonas de luta. Se a guerra civil do Nordeste não cessar imediatamente, ela con-

duzirá a graves conseqüências: a guerra civil do Nordeste converter-se-á numa guerra civil de proporções nacionais"...

A isto ainda se acrescenta que agora são conhecidos factos que testemunham a participação direta dos soldados americanos na guerra civil. Os perigos que representa o auxílio americano nessa questão obrigaram a figuras progressistas autorizadas da China, como Chan Lan, Go Mo Jo, Chen Jun Ju, e outros, a apresentarem um protesto, exigindo que cessasse o auxílio americano ao Kuomintang e que a China se abstivesse de receber empréstimo americano, até que fôsse criado um governo democrático de coalisão. Em sua declaração, êsses próceres escrevem:

"No que diz respeito ao estado maior das forças armadas americanas na China, encabeçado pelo general Vedemayer, êle, ocupando-se do fornecimento de reforços e de equipamento de guerra para as tropas do governo chinês que se encontram na Mandchúria, não faz mais que intensificar as hostilidades que se desenrolam neste país".

O governo chinês recusava, obstinadamente, todo o tempo, a proposta de divulgar o acôrdo sôbre a cessação das hostilidades e outras resoluções do Conselho Político Consultivo referentes à Mandchúria.

À luz dêstes factos, torna-se evidente que a participação dos comunistas no governo e na Assembléia Nacional, em tais condições, não tem nenhum valor, e converter-se-ia em comédia, que só poderia obscurecer a verdadeira situação. Em circunstância idêntica viram-se também os representantes dos amplos círculos democráticos da China. Assim, a Associação Chinesa de Auxílio ao Desenvolvimento do Constitucionalismo Democrático dirigiu-se ao general Marshal, por meio de uma carta, na qual, ao lado do pedido de que fôssem tomadas medidas para a cessação das hostilidades, se consigna:

"Os conservadores extremistas do governo chinês não estão tendo uma atitude sincera em relação à causa da obtenção da paz na China e não desejam o bem do povo. Eles só desejam, egoisticamente, conservar as posições e privilégios individuais. A realização da democracia na China não é apenas uma reorganização dos organismos governamentais. O mais importante é desferir um golpe em todos os conservadores extremistas do governo chinês, tornando-lhes impossível monopolizar o poder político, financeiro e militar, acabando assim com a sua política fascista e ditatorial e a sua provocação de uma guerra civil anti-democrática".

Nos últimos tempos, também se tem revelado algumas novas manobras por parte dos círculos dirigentes da China. Sem dúvida, com o evidente objetivo de tornar notada a sua renúncia ao governo pelo sistema de um só partido, incluíram no mesmo dois não-membros do Kuomintang, afastaram de cargos importantes algumas figuras odiosas, como a do comandante em chefe, Ho In-Tsin, que foi aposentado recentemente, fazendo transparecer a tendência de substituir os antigos quadros pelos novos e assim por diante. Esta pintura externa da fachada governamental, porém, não altera em nada a verdadeira situação.

Aos generais reacionários é dada plena liberdade de ação. De acôrdo com o comunicado do correspondente do jornal *New York Post*, Martin, e do jornal *Lianhojibao*, o general Bai Tsun-Si, ministro da Defesa Na-

cional do ministério recentemente formado, na conferência realizada em Peiping deu aos comandantes das tropas governamentais a instrução de não levar em consideração nenhum acordo relativo a armistício e:

"atacar os exércitos comunistas onde for possível do ponto de vista militar, sem esperar próximas instruções".

Os círculos democráticos chineses esforçam-se para obter a cessação das hostilidades e a solução de outras questões. A Liga Democrática Chinesa apresentou como fundamento para um acordo as seguintes propostas: 1) os exércitos chefiados pelo Partido Comunista evacuarão Chan Chun; 2) o governo chinês não mandará suas tropas para ocupar Chan Chun; 3) em Chan Chun, deve ser criado um comitê político dos negócios do Nordeste, formado pelos representantes dos diversos partidos. Uma proposta idêntica foi apresentada por alguns membros do Conselho Político Nacional. O Partido Comunista, a julgar pela resposta de Mao Tse Dun, da Liga Democrática, aceitou, em princípio, estas propostas, fazendo assim novas concessões, com o objetivo de chegar a um acordo.

Até agora, no entanto, não há indício da aceitação dessa proposta por parte do governo. Por isto, a imprensa chinesa mantém uma atitude de reserva em relação aos comunistas não oficiais sobre a suposta conclusão, nestes últimos dias, de um acordo relativo à cessação das hostilidades, acentuando que "ainda se dispõem de poucos dados que justifiquem o otimismo."

Os problemas fundamentais da China, surgidos desde o término da guerra, permanecem sempre os mesmos: o cumprimento efetivo e não oral das resoluções tomadas pelo Conselho Político Consultivo e dos deveres do Kuomintang.

As perspectivas mais próximas dependem, evidentemente, do facto de os círculos dirigentes do governo e do Kuomintang mudarem ou não a sua política de não cumprimento das resoluções do Conselho Político Consultivo, e de realmente entrarem no caminho de resolver as questões em discussão por meios políticos e não pela força armada. Muito dependerá também do facto de serem ou não tomadas medidas para a aplicação na prática das resoluções da Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, realizada em Moscou, na qual se tratou da necessidade de unificar e democratizar a China, sob a chefia do governo nacional; da ampla convocação dos elementos democráticos para todos os organismos do governo; da cessação da guerra civil; e, finalmente, também fôra prevista a evacuação dos exércitos soviéticos e americanos do território chinês. Apesar de os exércitos soviéticos já terem sido totalmente retirados, as forças americanas ainda permanecem na China, participando ativamente da guerra civil, provocada pelos elementos reacionários.

(Traduzido diretamente de *Nóvoie Vriémia*, n. 11, de 1-6-946.)

DIALETICA E LOGICA

PIERRÂNOV.

A filosofia de Marx e Engels não é somente uma filosofia materialista, é, também, o materialismo dialético. Combate-se, porém, essa doutrina dizendo, em primeiro lugar, que a dialética, em si mesma, não resiste à crítica, e, em segundo, que, precisamente, o materialismo é incompatível com a dialética. Examinemos essas objeções. A lógica habitual atôm-se à fórmula *sim é sim e não é não*, ao passo que a dialética lhe dá uma forma diametralmente oposta: *sim é não e não é sim*. Sentindo aversão por esta última fórmula, Bernstein afirmava que ela é suscetível de induzir às tentações e aos erros mais perigosos. E é provável que a grande maioria dos chamados leitores instruídos esteja de acordo com ele, porque a fórmula *sim é não e não é sim* está, aparentemente, em contradição flagrante com as leis fundamentais, imutáveis do pensamento. E' justamente êsse lado da questão que devemos examinar aqui. As leis fundamentais do pensamento são três: a lei da identidade, a lei da contradição e a lei do terceiro excluído. A lei da identidade (*principium identitatis*) diz: A é A (*onane subjectum esta predicatum sui*), ou $A = A$. A lei da contradição: A não é B, representa a forma negativa da primeira lei. Segundo a lei do terceiro excluído (*principium exclusi tertii*), duas proposições contrárias, uma excluindo a outra, não podem ser igualmente verdadeiras. Com efeito, ou A é B ou A não é B; se um desses dois julgamentos é justo, resulta, necessariamente, que o outro é errado e vice-versa. Não há meio termo aqui, nem pode haver. Uberweg observa que as leis da contradição e do terceiro excluído podem ser unificadas na regra lógica seguinte: A toda questão bem determinada — e compreendida no seu sentido, — sobre uma dada propriedade pertencente a um dado objeto, deve-se responder *sim* ou *não*, e não: *sim e não* (*). E' difícil objetar o que quer que seja a esta regra. Mas, se é justa, é que a fórmula "*sim é não e não é sim*" é falsa. Então, restar-nos-á, somente, rir, a exemplo de Bernstein, e levantar os braços para o céu, vendo que pensadores profundos como Heraclito, Hegel e Marx, puderam achá-la mais satisfatória do que a fórmula *sim é sim e não é não*, fórmula sólidamente baseada sobre as três leis fundamentais do pensamento de que mais atrás falamos. Essa conclusão fatal para a dialética parece irrefutável. Mas, antes de a aceitar, examinemos a coisa mais de perto. A base de todos os fenômenos da natureza é constituída pelo movimento da matéria. Mas que é o movimento? E' uma contradição evidente. Se vos perguntam se um corpo em movimento, num dado momento, se encontra em tal lugar, não podereis, apesar da vossa boa vontade, responder segundo a regra de Uberweg, isto é, segundo a fórmula *sim é sim e não é não*. Um corpo em movimento encontra-se num lugar e ao mesmo tempo não se encontra nesse mesmo lugar. Só se pode julgá-lo segundo a fórmula

(*) *System der Logik*, Bonn, 1874, pág. 12.

sim é não e não é sim. Esse corpo apresenta-se, então, como uma prova irrefutável em favor da "lógica da contradição", e, quem não quiser ser partidário dessa lógica, deve proclamar, com Zenon, que o movimento é uma simples ilusão dos sentidos... Mas, aos que negam o movimento, perguntamos: Que devemos pensar dessa lei fundamental do pensamento, que contradiz o facto fundamental do ser? Não devemos tratá-la com alguma prudência? Parece, então, que estamos colocados diante do dilema seguinte: ou admitir as leis fundamentais da lógica formal e negar o movimento, ou, pelo contrário, admitir o movimento e negar essas leis. Esse dilema é, pelo menos, desagradável. Vejamos, pois, se não há meio algum de se escapar dêle. O movimento da matéria é a base de todos os fenômenos da natureza. O movimento é uma contradição. Deve-se julgá-lo dialeticamente, isto é, não como diria Bernstein, mas segundo a fórmula *sim é não e não é sim*. Eis porque devemos admitir que, no tocante a essa base de todos os fenômenos, continuamos no domínio da "lógica da contradição". Mas as moléculas da matéria em movimento, unindo-se umas com as outras, formam certas combinações, as coisas, os objetos. Tais combinações distinguem-se por uma solidez maior ou menor, existem durante um tempo mais ou menos longo e desaparecem, em seguida, para ser substituídas por outras; o que é eterno é somente o movimento da matéria e a própria matéria, substância indestrutível. Mas, uma vez que certa combinação da matéria nasceu como resultado do movimento desta, e enquanto ela não desapareceu como resultado desse mesmo movimento, a questão da sua existência deve ser necessariamente resolvida num sentido positivo. Eis porque se nos mostrarem o planeta Venus e se nos perguntarem: esse planeta existe? — nós responderemos sim, sem hesitar. Mas, se nos perguntarem se as bruxas existem, responderemos não, resolutamente. Que significa isso? Isso significa que, quando se trata de objetos distintos, devemos seguir, nos nossos julgamentos sobre eles, a regra já mencionada de Uberweg e, em geral, conformar-nos com as "leis fundamentais" do pensamento. Neste domínio, reina a fórmula cara a Bernstein: *sim é sim e não é não*. Aliás, aqui, o poder dessa respeitável fórmula não é ilimitado. A uma questão sobre a realidade de um objeto que já existe, deve-se responder positivamente. Mas, quando um objeto está somente em via de aparecimento, pode-se, por vezes, hesitar, com razão, em responder. Quando, num homem, a metade da cabeça está desguarnecida de cabelos, dizemos: ele tem uma bela calva. Mas determinai qual o momento preciso em que a queda dos cabelos produz a calvície! A cutra qualquer questão determinada sobre tal propriedade pertencente a tal objeto, deve-se responder ou por *sim* ou por *não*. Não pode haver dúvida sobre isso. Mas como quereis que se responda, quando um objeto se modifica, quando está em risco de perder uma dada propriedade ou somente nas vésperas de a conquistar? Igualmente, neste caso, é de rigor uma resposta determinada. Mas exatamente essa resposta só será determinada e concebida segundo a fórmula *sim é não e não é sim*, enquanto que será mesmo impossível responder segundo a fórmula "cu *sim* ou *não*", recomendada por Uberweg. Certamente, pode-se objectar que a propriedade que o objeto está em risco de perder ainda

não deixou de existir e que — que está nas vésperas de adquirir já existe; que, por consequência, uma resposta concebida segundo a fórmula “ou *sim* ou *não*” é possível, mesmo obrigatória, quando o objeto de que se trata está em estado de transformação. Contudo, é falso. O adolescente, sobre o lábio do qual o “buço” começa a crescer, já tem barba, incontestavelmente, mas isso não nos autoriza ainda a qualificá-lo de barbudo. O buço ainda não é barba, embora se transforme pouco a pouco em barba. Para se tornar qualitativa, a mudança deve atingir um certo limite quantitativo. Quem esquecer isso, perde exatamente a possibilidade de exprimir um juízo determinado sobre as propriedades dos objetos. “Tudo flue, tudo muda”, diz o antigo pensador de Efeso. As combinações, que chamamos objetos, encontram-se em estado permanente de transformação, mais ou menos rápida. Na medida em que combinações dadas continuam como essas mesmas combinações, devemos apreciá-las segundo a fórmula “*sim é sim e não é não*”. Mas, na medida em que se transformam e deixam de existir como tais, devemos apelar para a lógica da contradição: é preciso que digamos — com o risco de chamar sobre nós o descontentamento de Bernstein e de toda a confraria dos metafísicos, — “*sim é não: elas existem e não existem*”. Assim como a inércia é um caso particular do movimento, o pensamento, conforme às regras da lógica formal (conforme as “leis fundamentais” do pensamento), é um caso particular do pensamento dialético. Dizia-se, de Cratilo, um dos alunos de Platão, que ele não estava de acordo com Heraclito, que tinha dito: “Nós não podemos descer duas vezes o mesmo rio”. Cratilo afirmava que não podemos fazê-lo, nem mesmo uma só vez: enquanto o descemos, ele se modifica, torna-se outro. Em juízos semelhantes, o elemento que constitui o ser presente é, por assim dizer, suprimido pelo elemento do que será. Isto é abusar da dialética e não aplicá-la justamente. Hegel observa: *Das Etwas ist die erste Negation der Negation* (O algo é a primeira negação da negação). Os nossos críticos, os que não ignoram completamente a literatura filosófica, gostam de se referir a Trendelenburg, que se pretende ter refutado todos os argumentos em favor da dialética. Mas esses senhores, como se vê, leram mal Trendelenburg, se é que o leram. Eles esquecem completamente — se é que a conheceram jamais, do que não estou seguro, — esta bagatela. Trendelenburg reconhece que a lei da contradição é aplicável, não ao movimento, mas unicamente aos objetos criados por este último. E isto é justo. Mas o movimento só faz criar os objetos. Como já dissemos, ele os modifica constantemente. E é precisamente por essa razão que a lógica do movimento (“lógica da contradição”) jamais perde seus direitos sobre os objetos criados pelo movimento. E eis porque, rendendo as homenagens devidas às “leis fundamentais” da lógica formal, devemos nos lembrar de que essas leis são válidas unicamente em certos limites, na medida em que elas não nos impedem de dar também sua parte à dialética. Eis como a lei se apresenta, na realidade, segundo Trendelenburg, embora ele mesmo não tenha tirado todas as conclusões decorrentes do princípio por ele formulado, princípio de importância excepcional para a teoria do conhecimento. Ajuntaremos aqui, de passagem, que os *Logische Untersuchungen* (Estudos de Lógica) de

Trendelenburg contém numerosas observações muito justas, que não são contra nós, mas em nosso favor. Isto pode parecer estranho, mas explica-se pelo facto, igualmente muito simples, de que Trendelenburg fazia guerra, na verdade, à dialética idealista. E' assim que êle enxerga o defeito da dialética na sua afirmação de um movimento inerente e próprio à idéia pura, movimento que é, ao mesmo tempo, a auto-criação do sêr (*behauptet eine Selbstbewegung des reinen Gedankens, die zugleich die Selbsterzeugung des Seins ist*). Isto é, com efeito, um grande erro. Mas, quem não compreende que êsse defeito é próprio, unicamente, da dialética idealista? Quem ignora que, quando Marx quis colocar a dialética "sôbre seus pés", começou por corrigir êsse erro inicial, causado pela antiga base idealista? Outro exemplo. Trendelenburg diz que, na realidade, em Hegel, o movimento é o fundamento dessa lógica, que não teria necessidade, parece, de nenhuma premissa para se impor. Isto também é perfeitamente exato, mas é, de novo, argumento em favor da dialética materialista. Eis um terceiro exemplo, o mais interessante. Segundo Trendelenburg, não se deve pensar que, em Hegel, a natureza é unicamente lógica aplicada. E' justamente o contrário: a lógica de Hegel não é absolutamente uma criação da Idéia pura; ela é o produto de uma abstracção antecipada da natureza (*eine anticipierte Abstraction der Natur*). Na dialética de Hegel, quasi tudo foi tirado da experiência, e, se a experiência retomasse da dialética tudo o que lhe emprestou, esta última deveria ir mendigar. Perfeitamente exato! Mas é precisamente o que diziam os discípulos de Hegel, que se rebelaram contra o idealismo do seu mestre e passaram para o campo do materialismo. Eu poderia citar ainda numerosos exemplos semelhantes, mas isso me afastaria do assunto. Quis sômente mostrar aos nossos críticos que, na sua luta contra nós, fariam melhor não invocar Trendelenburg. Continuemos. Eu disse que o movimento é uma contradição na ação e que, por isso, as "leis fundamentais" da lógica formal não lhe podem ser aplicadas. Para que essa tese não dê lugar a mal-entendidos, convém precisar. Quando tratamos da passagem de uma espécie de movimento a uma outra — digamos, da passagem do movimento mecânico para o calor, — devemos igualmente raciocinar segundo a regra fundamental de Uberweg. Essa espécie de movimento é ou o calor, ou o movimento mecânico, ou... e assim por diante. Isso é evidente. Mas, se é assim, é porque as leis fundamentais da lógica formal são, até certo ponto, aplicáveis também ao movimento. E resulta disso, ainda uma vez, que a dialética não suprime a lógica formal, mas só faz tirar às suas leis o valor absoluto que lhe é atribuído pelos metafísicos. Se o leitor prestou atenção ao que foi dito mais atrás, compreenderá sem esforço o pouco valor dessa idéia à qual se torna quasi sempre e segundo a qual a dialética é incompatível com o materialismo. A nossa dialética, ao contrário, tem por base a concepção materialista da natureza. Ela se apoia sôbre esta última e desmoronaria se, por acaso, o materialismo também viesse a desmoronar. E, inversamente, sem a dialética, a teoria materialista do conhecimento é incompleta, unilateral, — muito mais, é impossível. Em Hegel, a dialética coincide com a metafísica. Entre nós, a dialética apoia-se sôbre a doutrina da natureza. Em Hegel, o *demiurgo*

da realidade — para nos servirmos aqui dessa expressão de Marx, — era a Idéia absoluta. Para nós, a Idéia absoluta é a abstração do movimento, pelo qual são provocadas tôdas as combinações e todos os estados da matéria. Segundo Hegel, o pensamento progride graças à descoberta e à solução das contradições contidas nos conceitos. Segundo a nossa doutrina materialista, as contradições contidas nos conceitos são o reflexo, a tradução, na linguagem do pensamento, das contradições que residem nos fenômenos, portanto da natureza contraditória da base que lhes é comum, isto é, o movimento. Para Hegel, a marcha das coisas é determinada pela marcha das idéias; para nós, a marcha das idéias explica-se pela marcha das coisas e a marcha do pensamento pela marcha da vida. O materialismo põe a dialética sôbre “seus pés”, e, por isso mesmo, retira o véu místico no qual a envolvera Hegel. Mas, por isso mesmo ainda, êle mostra o caráter revolucionário da dialética. “Sob sua forma mística, diz Marx, a dialética tornou-se u’a moda alemã, porque parecia aureolar o estado de coisas existentes. Sob sua forma racional, a dialética é, aos olhos da burguesia e dos seus doutrinadores, escândalo e horror, porque, ao lado da compreensão positiva do que existe, engloba, ao mesmo tempo, a compreensão da negação, da ruína necessária do estado de coisas existente; porque concebe cada forma no curso do movimento, por conseqüência sob o seu aspecto transitório; porque não se inclina diante de nada e porque é, em essência, crítica e revolucionária” (*). Está na ordem das coisas que a burguesia, imbuída de espírito reacionário, tenha tomado horror à dialética materialista. Mas, que se desviem dela os que simpatizam sinceramente com o movimento revolucionário, é completamente ridículo e extremamente triste: é o *nec plus ultra* do absurdo. Eis ainda uma coisa sôbre a qual devemos fixar nossa atenção. Sabemos já que Uberweg tinha razão — e em que medida tinha razão, — exigindo lógica dos que pensam e respostas precisas a questões precisas sôbre tal ou qual propriedade pertencente a tal ou qual objeto. Mas imaginai que tratamos de um objeto, não simples, mas complexo, possuindo propriedades diametralmente opostas. O juízo exigido por Uberweg pode ser aplicado a um tal objeto? Não; e o próprio Uberweg — adversário resolutivo, como Trendelenburg, da dialética hegeliana, — acha que, neste caso, se deve julgar segundo outra regra, segundo a regra que recebeu na lógica o nome de *principium coincidentiae oppositorum*. Mas a grande maioria dos fenômenos dos quais tratam as ciências naturais e sociológicas pertence ao número dos “objetos” dêsse gênero. O mais simples glóbulo de protoplasma, a vida de uma sociedade no mais ínfimo grau de evolução, contém propriedades diametralmente opostas. É, pois, evidente que se deve reservar ao método dialético um grande lugar nas ciências naturais e na sociologia. E, desde que se começou a fazê-lo, essas ciências efetuaram progressos verdadeiramente formidáveis. Quereis saber, leitor, como a dialética conquistou seus direitos na biologia? Lembrai-vos das discussões sôbre a espécie, suscitadas pela teoria da evolução. Darwin e seus partidários afirmavam que as diferentes espécies de uma única

(*) Ver o Prefácio da segunda edição alemã do tomo I, de *O Capital*.

família de animais ou de plantas são somente os descendentes diferenciados de uma mesma forma primitiva. Além disso, segundo a teoria da evolução, todos os gêneros de uma mesma ordem provêm igualmente de uma forma primordial e deve-se dizer o mesmo de todas as ordens de uma mesma classe. Segundo a opinião oposta, a dos adversários de Darwin, todas as espécies animais e vegetais são completamente independentes umas das outras e só os indivíduos pertencentes a uma mesma espécie provêm de uma forma comum. A mesma concepção da espécie já tinha sido expressa por Linné, nestes termos: "Existem tantas espécies quantas o Ser supremo criou primitivamente". E' uma concepção puramente metafísica, porque o metafísico considera as coisas e os conceitos como "objetos distintos, imutáveis, rígidos, criados uma vez por todas, e os examina um depois do outro e independentemente um do outro" (Engels). O dialético, ao contrário, segundo Engels, considera as coisas e os conceitos "na sua conexão, no seu encadeamento, no seu movimento, no seu aparecimento e no seu desaparecimento". E essa concepção apareceu na biologia desde a época de Darwin e nela continuará para sempre, quaisquer que sejam as retificações trazidas à teoria da evolução pelo desenvolvimento da ciência. Para compreender a importância considerável da dialética para a sociologia, basta lembrar de que maneira o socialismo evoluiu da utopia à ciência. Os socialistas utópicos mantinham-se no ponto de vista abstrato da "natureza humana" e julgavam os fenômenos sociais segundo a fórmula "sim é sim e não é não". A propriedade ou corresponde ou não corresponde à natureza humana; a família monogâmica ou corresponde a essa natureza ou não corresponde e assim por diante. Considerando a natureza humana imutável, os socialistas pensavam que, entre todos os sistemas possíveis de organização social, haveria um que corresponderia, mais do que todos os outros, a essa natureza. Daí, o desejo de encontrar esse sistema melhor, isto é, correspondendo melhor à natureza humana. Cada fundador de escola pensava tê-lo achado e eis porque propunha sua própria utopia. Marx introduziu no socialismo o método dialético e, por isso mesmo, fez dele uma ciência, ferindo de morte o utopismo. Marx não invoca a natureza humana: ele não conhece instituições sociais que ou correspondem ou não correspondem a esta última. Já na *Miséria da Filosofia* encontramos esta reprovação significativa e característica endereçada a Proudhon: "Proudhon ignora que toda a história seja unicamente uma modificação constante da natureza" (*). No *O Capital*, Marx diz que o homem, agindo sobre o mundo exterior e modificando-o, modifica, por isso mesmo, sua própria natureza (**). E' um ponto de vista dialético, que derrama luz nova sobre as questões da vida social. Tomemos, entre outras, a questão da propriedade privada. Os utopistas tinham escrito e discutido muito entre si e com os economistas para saber se ela deve existir, isto é, se corresponde à natureza humana. Marx colocou essa questão sobre um terreno concreto. Segundo sua doutrina, as formas e as relações de propriedade são determinadas pela evo-

(*) *Miséria da Filosofia*, nova edição, Paris, 1896, pág. 204.

(**) *Das Kapital*, terceira edição, págs. 155-156.

lução das forças produtivas. A certo grau de evolução corresponde uma forma determinada de propriedade, a outro uma outra, mas não há, nem pode haver, *solução absoluta*, porque tudo flue, tudo muda: "a sabedoria torna-se loucura, o prazer transforma-se em sofrimento". Hegel diz: "A contradição conduz para a frente". E, para essa concepção dialética, a ciência encontra brilhante confirmação na luta das classes. Se não se levar em conta esta última, não se poderá compreender nada na evolução da vida social e espiritual de uma sociedade dividida em classes. Mas, por que a "lógica da contradição, que representa, como vimos, o reflexo no cérebro humano do eterno processo do movimento, se chama "dialética"? Para não fazer considerações muito longas, dou a palavra a Kuno Fischer: "A vida humana parece-se com um diálogo no sentido de que, com a idade e a experiência, nossa visão das pessoas e das coisas se transforma pouco a pouco como as opiniões dos interlocutores no curso de uma conversação fecunda e rica de idéias. E' exatamente nessa transformação involuntária e necessária da nossa visão da vida e do mundo que consiste a experiência... Eis porque Hegel, comparando o desenvolvimento da consciência ao da conversação filosófica, lhe deu o nome de dialética ou movimento dialético. Essa expressão foi empregada por Platão, Aristóteles e Kant, num sentido diferente, mas, em nenhum sistema, ela tomou significação tão ampla como no de Hegel." (Pleeránov — *As Bases Fundamentais do Marxismo*, págs. 163-179 — Calvino Filho, editor — 1933.)

O ÉLO MAIS FRACO... — "Em 1917, a frente do imperialismo mundial apresentou-se mais fraca na Rússia do que nos outros países e foi lá que ela se esboroou, abrindo o passo à revolução proletária. Por que? Porque na Rússia se desenrolou uma grande revolução popular à frente da qual marchou o proletariado revolucionário, dispondo de um aliado tão importante como sejam os milhões de camponeses explorados e oprimidos pelos detentores da terra. Porque contra a revolução se erguia um prerepresentante tão execrável do imperialismo, como seja o tsarismo, carente de todo o valor moral e alvo do ódio geral da população. Na Rússia, essa frente tornou-se mais fraca, embora o país estivesse menos desenvolvido, sob o ponto de vista capitalista, do que a França ou a Alemanha, do que a Inglaterra ou os Estados Unidos, por exemplo."

"Em que ponto se romperá ainda a frente, no futuro imediato? Novamente lá, onde ela se tornar mais fraca. Não é inverossímil que a frente possa romper-se, por exemplo, na Índia. Por que? Porque, na Índia, existe um proletariado jovem e revolucionário, que conta por aliado o movimento de emancipação nacional, que é, indiscutivelmente, um aliado poderoso e sério. Porque em face da revolução se levanta lá, como é sabido, um adversário tal como o imperialismo estrangeiro, privado de todo crédito moral e detentor do ódio geral das massas exploradas e oprimidas da Índia," (Stálin — *Sobre os Fundamentos do Leninismo*).

Sínteses

No conceito de Mikoian, "Respeitam-se os velhos bolcheviques, não por serem velhos, mas porque não envelhecem".

•

Marx e Lênin chamam de verdade objetiva aquela que em nosso conhecimento não depende do objeto, nem do homem, nem da sociedade.

•

Não combatemos religiões, porque não seria útil, proveitoso, nem mesmo científico, visto como a religião só desaparecerá quando desaparecerem os antagonismos de classe (Marighela, deputado comunista brasileiro).

•

O padre Ventura de Raulica dizia: "a religião não é nenhum pontífice, sacerdote ou cristão, muito menos pode ser instrumento do governo".

•

A única divisão que se pode fazer no seio da sociedade é realmente de explorados e exploradores.

•

A teoria do materialismo dialético sobre o conhecimento é a teoria do reflexo segundo a qual nossas sensações, nosso pensamento, refletem a realidade.

•

A Economia Política Clássica, anterior a Marx, nasceu na Inglaterra, que era então o país capitalista mais desenvolvido.

•

Atualidades

O COMÉRCIO DOS EE.UU. E DA GRÃ-BRETANHA COM OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

I. DOBRÚCHINO.

A estrutura do comércio exterior dos países da América Latina é determinada pelo caráter agrícola destes, bem como pela sua respectiva dependência econômica dos principais países capitalistas. Os países latino-americanos exportam a produção agrícola e matérias primas e importam artigos fabricados pelas indústrias, bem como aparelhamentos para a agricultura.

Nota-se a tendência para o crescimento do papel desempenhado pelos países da América Latina no comércio mundial. Seu volume proporcional, na exportação mundial, tinha subido — de 8,5 % em 1913, para 9,9 %, no quinquênio de 1934-1938.

No período da Segunda Guerra Mundial teve o comércio exterior destes países crescimento bem apreciável. A exportação dos países da América Latina, no que se refere ao seu valor em dinheiro, ultrapassou, em 1944, em 72 % o nível registado em 1938, ao passo que a importação indicou um aumento de 24 % e o movimento conjunto — de 53 %.

O COMÉRCIO EXTERIOR DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA (1)

(Em milhões de dólares)

Exportação

	1939		1940		1943		1944	
	%		%		%		%	
Total	1.815	100	1.673	100	2.575	100	2.968	100
Incluindo:								
EE. UU.	651	35	775	46,2	1.372	53,3	1.593	53,4
Grã-Bretanha	316	17	300	17,9	432	17	460	15,5
França	70	3,8	37	1,6	—	—	—	—
Alemanha ...	117	6,4	1,7	0,1	—	—	—	—
Itália	31	1,7	27	1,6	—	—	—	—
Japão	28	1,5	43	2,5	—	—	—	—

(1) O quadro foi composto segundo os dados do *South American Journal*, setembro-outubro de 1945, e do semanário *Foreign Commerce Weekly*, outubro de 1945.

Importação

Total	1.365	100	1.405	100	1.534	100	1.853	100
Incluindo:								
EE. UU.	541	39,5	742	52,7	829	54	1.055	56,9
Grã-Bretanha	152	11,1	161	11,3	116	7,5	66	3,5
França	45	3,3	21	1,4	—	—	—	—
Alemanha	179	13,1	16	1,1	—	—	—	—
Itália	30	2,1	23	1,6	—	—	—	—
Japão	24	1,3	38	2,7	—	—	—	—

A guerra trouxe consigo importantes alterações na distribuição do comércio exterior dos países da América Latina: 1) foi intensificado o intercâmbio comercial entre as próprias Repúblicas latino-americanas; 2) ficou consideravelmente consolidada a posição dos Estados Unidos nos mercados desses países, e 3) baixou a influência da Inglaterra.

Merece atenção especial o desenvolvimento, durante a guerra, do intercâmbio comercial entre as próprias Repúblicas latino-americanas.

O COMÉRCIO ENTRE OS PAÍSES LATINO-AMERICANOS

(Em milhões de dólares) (2)

	Exportação			Importação		
	1938	1942	1944	1938	1942	1944
O total do comércio exterior dos países latino-americanos ...	1.720,2	2.055,1	2.968,0	1.486,7	1.394,9	1.853,0
O comércio entre as Repúblicas da América Latina	98,6	288,1	457,0	133,9	207,8	498,0
Relação ao comércio total (%)..	5,6	9,3	15,1	9,0	22,5	26,6

Influíram aqui não somente as condições exteriores, tais como o bloqueio e a perda dos fornecedores europeus, mas também o crescimento industrial nos próprios países latino-americanos, verificado durante a guerra, e, em parte, também, à correspondente política econômica dos respectivos governos.

(2) O quadro foi organizado segundo os dados publicados no *South American Journal*, outubro de 1945.

O Brasil, por exemplo, satisfaz, em 1943, em 21 % as necessidades dos países latino-americanos em artigos de algodão, tendo produzido em 1942 — 1.400 milhões de jardas quadradas. Em 1938, destinavam-se aos demais países da América Latina 6,2 % do total da exportação brasileira, mas, em 1943, já tinha o volume dessa parte na sua exportação subido a 18,7 %; a exportação da Argentina indicava, em comparação, 9 % e 20 %, respectivamente.

Os EE. UU. vieram a ocupar, no decurso da guerra, posição decisiva no comércio exterior dos países latino-americanos. Já no começo do século XX empreenderam os EE. UU. o afastamento da Inglaterra desses mercados; em 1910, couberam aos EE. UU. 34,55 % da exportação dos países latino-americanos e 23,5 % da sua importação. Nos anos que se seguiram após a Primeira Guerra Mundial, e até o começo da crise econômica, oscilava a importância dos EE. UU., na exportação e importação dos países da América Latina, entre os 40 % e 50 %, em relação aos respectivos totais. Mas, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, tal influência dos EE. UU. nesses mercados sofreu apreciável diminuição, em virtude da pressão exercida então pela expansão comercial da Alemanha fascista.

Em 1941, a parte dos EE. UU. na importação dos países latino-americanos chegava a 62 % e a da exportação a 56,2 %. Em algumas Repúblicas, consideradas em separado, chegou a preponderância dos EE. UU. a representar 90 % do movimento total do respectivo comércio exterior (em Cuba e no México).

No decurso da guerra, tinha aumentado muito a importação feita pelos EE. UU. de matérias primas estratégicas, originárias da América Latina. Menor foi o aumento verificado na importação do café e do açúcar. O trigo, porém, bem como a carne e certos outros produtos que representam a parte mais importante no comércio exterior de algumas Repúblicas latino-americanas, não constituem elementos de relevo na importação feita pelos EE. UU. e procedente desses países. Os elementos principais da exportação dos EE. UU. para os países da América Latina são constituídos por artigos produzidos pelos diversos ramos da indústria pesada — pelos ramos metalúrgico, químico, automobilístico, etc.

Devemos presumir que, desaparecido o factor guerra, venham os EE. UU. a perder as posições de preponderância adquiridas nesses mercados devido às condições especiais criadas pelo conflito. O Brasil, bem como Cuba, Chile e Venezuela, não mais poderão colocar nos EE. UU., em quantidades tão consideráveis, os produtos exportáveis das suas respectivas monoculturas. O princípio de "importação, em correspondência com a exportação", adquire, sem dúvida, importância sempre crescente nas relações político-comerciais entre os países capitalistas. Não podendo os EE. UU. tornar-se o mercado básico permanente para os produtos agrícolas exportáveis dos países latino-americanos, ficam, com isso, limitadas as possibilidades para a exportação dos EE. UU. para esses países.

Em virtude das condições criadas pela guerra, viu-se a Grã-Bretanha obrigada a aumentar sua importação e a restringir, ao mesmo tempo, a exportação. A importação feita pela Inglaterra aumentou, principalmente, por conta dos países componentes do Império Britânico, bem como por

conta dos EE. UU. (a importação baseada na Lei do Empréstimo e Arrendamento). Cresceu, também, por sua vez, no sentido da importação, decrescendo no da exportação, o intercâmbio comercial da Grã-Bretanha com os países da América Latina.

O COMÉRCIO EXTERIOR DA GRÃ-BRETANHA

(O ano de 1938 representando 100)

Anos	O movimento total do com. exterior		Exportação		Importação	
	Total	Países da Amér. Lat.	Total	Países da Amér. Lat.	Total	Países da Amér. Lat.
1941	108	82	77	72	124	88
1943	150	115	49	64	204	142

A participação da Inglaterra na importação dos países latino-americanos, entre os anos de 1939-1944, sofreu uma queda brusca, passando de 11,3 % para 3,5 %, ao passo que a participação dos EE. UU. se elevou de 39,5 % para 56,9 %. O comércio, porém, da Inglaterra com a Argentina — seu principal fornecedor de carne e cereais — conservou-se inalterável. Participou a Inglaterra da exportação argentina, importando, em 1943 — 36,8 % desta, tendo importado 33,3 % em 1939. Nos mesmos anos, constituiu a exportação da Inglaterra para a Argentina 20,7 % e 22,8 %, respectivamente, da importação total deste país.

Tanto os EE. UU. como a Grã-Bretanha procuram, com o incremento da exportação, solucionar os graves problemas do capitalismo — a falta de trabalho, a insuficiência dos fundos empregados nas empresas, a diminuição dos lucros, etc. Seus respectivos interesses chocar-se-ão com frequência cada vez maior nos mercados representados pelos países da América Latina. Levanta-se a questão de não apenas conservar as posições anteriores à guerra, como também de substituir, nesses mercados, a Alemanha.

A vantagem, que a Inglaterra possui nesta luta, consiste na sua capacidade de realizar enormes compras de produtos da agricultura, enquanto que a dos EE. UU. consiste na sua capacidade de exportação, em grande escala, de capitais, assim como no oferecimento de créditos.

Alguns países da América Latina (a Argentina, o Uruguai e outros) possuem nos bancos ingleses, em libras esterlinas, vultosas reservas de cambiais, congelados, o que os torna compradores forçados de mercadorias inglesas. Esforçam-se os EE. UU. para conseguir a liberação das referidas reservas, bem como se empenham na exportação de capitais para a América Latina, procurando, com tudo isso, consolidar e alargar as posições por eles obtidas durante a guerra.

(Traduzido diretamente de *Mirovóie Roziáistvo i Mirováia Politika*, n. 6, de junho de 1946.)

Questões de Economia Política

ECONOMIA NATURAL PRIMITIVA

E' o sistema de produção em que a técnica é rudimentar e os produtos se destinam ao consumo dos próprios produtores, não havendo mercado organizado para a troca.

"Por mais importante que tenha sido, através de milênios, o processo de desenvolvimento, que elevou a humanidade desde a existência semi-animal até o nível dos homens capazes tecnicamente de construir habitações e fabricar instrumentos de pedra, os homens eram, no entanto, ainda extremamente débeis na luta contra as forças da natureza, o que se exprimia, sobretudo, no seu nomadismo por força da precariedade das fontes de alimentação. Estavam sujeitos ao acaso e não havia nenhuma segurança de encontrar sempre caça e produtos vegetais. Não era possível ainda pensar em armazenar reservas. Os alimentos eram procurados diariamente e nenhuma provisão era feita para os dias futuros.

"Em tais condições, a população não se aglomerava, mas se dispersava, pois o alimento que se poderia adquirir num dado território seria insuficiente para sustentar uma população relativamente mais densa.

"Mais tarde, os homens viveram em tribus, que se compunham de clans. Estes compreendiam centenas de pessoas e englobavam grandes famílias aparentadas entre si. Não havia propriedade privada dos meios de produção. A vida econômica do clan era dirigida por todos em comum, coletivamente. Tanto a caça como a pesca, como a preparação e o consumo dos alimentos, tudo se fazia em comum. Em seu livro: *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Engels relata o exemplo dos povos das ilhas do Pacífico, entre os quais 700 pessoas e algumas vezes tribus inteiras se abrigavam sob o mesmo teto, numa economia comum.

"O regime comunista primitivo foi necessário para a sociedade humana naquela época de desenvolvimento. Numa vida isolada, dispersiva, teriam sido impossíveis a invenção e o aperfeiçoamento das armas e dos instrumentos primitivos. Graças somente à vida coletiva, os homens primitivos, puderam alcançar seus primeiros êxitos na luta contra a natureza. A união, no "clan comunista", constituiu, nessa época, sua principal força.

"Na sociedade comunista primitiva, não existia nem poderia existir a exploração do homem pelo homem. O trabalho era dividido entre homens e mulheres. No clan, conviviam membros mais fortes e membros mais fracos, mas não existia a exploração de uns pelos outros.

"Só é possível haver exploração, quando um homem pode produzir meios de existência não só para si mesmo, mas também para outros. Únicamente sob tais condições um indivíduo viverá às custas do trabalho de outro. Entre os homens da sociedade primitiva, obrigados a conseguir alimentos para o consumo pessoal de cada dia e incapazes de produzir

mais do que o estritamente necessário, não podia haver lugar para a exploração. Durante a guerra, os prisioneiros, ou eram mortos (às vezes comidos), ou, então, admitidos como membros do clan.

"O regime comunista primitivo era condicionado pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade de então. Seria um erro imaginar-se que os homens primitivos criaram esse regime conscientemente, pois ele se formou e se desenvolveu de maneira natural, *alheia à vontade e à consciência dos homens*.

"...na produção social para sua existência, os homens estabelecem entre si relações determinadas, necessárias e independentes de suas vontades. Essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais" (1).

"O posterior desenvolvimento das forças produtivas da sociedade primitiva — o aperfeiçoamento dos instrumentos existentes e a invenção de outros novos, o aparecimento do pastoreio e da agricultura, o uso de metais — provocou a mudança das relações de produção até então vigentes. O comunismo primitivo decompôs-se lentamente com o aparecimento de novas necessidades materiais — por força do estabelecimento do regime de trocas — as quais determinaram a substituição do comunismo primitivo por uma sociedade dividida em classes e o nascimento da propriedade privada (2).

ECONOMIA FUNDADA NA TROCA

Com o desenvolvimento das forças produtivas e a divisão do trabalho social, cria-se a necessidade da troca. A princípio, acidental, para depois constituir-se em sistema. Assim, constituem-se economias distintas: agrícola, pastoril, industrial, e mixtas.

"A ligação dessas economias distintas, que têm necessidade umas das outras, e constituem, entretanto, cada uma, um elemento autônomo da propriedade, não se pode realizar senão de um modo: pela troca de produtos no mercado.

"Na economia onde domina a troca, cada produtor, considerado isoladamente, fabrica produtos necessários aos homens, não para satisfazer suas próprias necessidades, mas sim para lançá-los no mercado e trocá-los por outros produtos de que tem necessidade.

"Os produtos são chamados, neste caso, *mercadorias* e a economia fundada na produção de mercadorias é *caracterizada* pela troca.

Portanto, todos os produtos criados pelo trabalho social num regime fundado na troca revestem a forma de mercadorias, isto é, de produtos destinados, não ao consumo pessoal, mas à troca.

(1) Marx — "in" prefácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

(2) Segal — "in" *Introdução às Nações Fundamentais de Economia Política*.

"A economia capitalista é uma das formas da economia fundada na troca. Deve-se, porém, ter em mente que a idéia do regime caracterizado pela troca é mais extensa que a noção de *capitalismo*. É possível um regime fundado na troca, mas não capitalista. Como veremos mais adiante, pode-se, em certo sentido, aproximar desta categoria a economia soviética. A *economia mercantil simples*, que não se deve, em caso algum, confundir com a economia capitalista, se bem que ambos os sistemas sejam fundados na troca, também se engloba na mesma categoria."

"Compreende-se que os possuidores de mercadorias, apresentando-se, no mercado, cada um na qualidade de proprietário independente, procurando os seus próprios interesses, tratem de trocar (economia mercantil simples) ou vender (economia mercantil desenvolvida e economia capitalista) o mais vantajosamente possível. Trocar vantajosamente é receber em troca de suas mercadorias o mais possível de outras mercadorias. Na economia desenvolvida, fundada na troca, quando vendidas (como veremos depois) tôdas as mercadorias são trocadas por dinheiro, trata-se de receber pela venda maior quantidade de dinheiro possível. Mas o possuidor individual de mercadorias poderá satisfazer seu desejo de vender pelo preço mais vantajoso?

"Embora êle seja, em aparência, o "senhor absoluto" das suas mercadorias, o cumprimento de seu desejo não depende dêle. O comprador é também um proprietário que dispõe do seu dinheiro à sua vontade e animado do desejo de comprar barato. Além disso, ao lado do nosso mercador, encontram-se outros que vendem as mesmas mercadorias. Os compradores são às vêzes em número insuficiente e cada um dos mercadores está arriscado a não poder esgotar o seu *stock*. Daí resulta a concorrência, que faz os possuidores de mercadorias entrarem em luta uns com os outros, disputando-se o comprador e procurando oferecer-lhe preço mais baixo que o dos concorrentes.

"Assim, o mercado torna-se teatro de uma luta constante entre compradores e vendedores, entre possuidores individuais de mercadorias."

"É somente aqui que o proprietário se convence dos estreitos limites do seu poder e da estrita dependência em que se acha sua empresa em relação a tôdas as outras, que também são, por sua vez, propriedades individuais.

"Antes de ir ao mercado, êle agia completamente às cegas. Somente o mercado pode, pelo preço que êle fixa, mostrar ao produtor individual de mercadorias o lugar que sua empresa ocupa no sistema da economia social" (3).

"...tôda sociedade baseada na produção de mercadorias caracteriza-se por perderem os produtores a direção sobre suas próprias relações sociais. Cada qual produz para si, com os meios de produção de que pode dispor e para as necessidades de seu intercâmbio individual. Ninguém sabe que quantidade de artigos seus se lançam ao mercado, nem de quantos êste necessita. Ninguém sabe se o seu produto individual corresponde a

(3) Lapidus e Ostrovitianov — *Princípios de Economia Política*, págs. 26-8, Editorial Calvino Ltda., 1944.

uma necessidade efetiva, nem sabe se poderá cobrir as despesas, nem mesmo vender o que foi produzido. Impera a anarquia da produção social. Entretanto, a produção de mercadorias tem, como qualquer outra forma de produção, suas leis características, a ela inerentes e dela inseparáveis. Estas leis abrem passagem e caminham através dela, apesar de toda a anarquia, corporificando-se na única forma de ligação social que subsiste: na troca e impondo-se aos produtores individuais com as leis imperativas da concorrência. De início, estes produtores não a conhecem e é necessário que uma grande experiência a pouco e pouco lhes vá revelando. Impõe-se, portanto, independentemente dos produtores e até mesmo contra eles, como outras tantas leis cegas da natureza, que regem esta forma de produção. O produto impera sobre o produtor" (4).

"Se, por exemplo, o preço dos calçados dá um salto, isto significa que há menos deste produto no mercado do que é necessário; se o preço baixa, significa que se produziu demais, noutros termos, que a organização do sistema fundada na troca trouxe uma repartição do trabalho entre os diversos ramos da indústria, que, por funcionar às cegas, na maior parte das vezes, não corresponde às necessidades dos homens.

"Os produtores de mercadorias tomarão nota imediatamente destas indicações do mercado. No primeiro caso, aumentarão a produção de calçado; no segundo caso, a restringirão. Assim, a economia fundada na troca é dirigida e regulada pelo movimento dos preços, e este regulador atua espontaneamente. Os preços que se estabelecem no mercado, embora sejam o resultado da ação recíproca e da luta dos proprietários-produtores de mercadorias, nem por isto são independentes da vontade de cada um deles ou da sociedade inteira, mas se impõem a todos eles com uma força tão irresistível como as leis da natureza. O preço de certas mercadorias pode ser simplesmente ruinoso para um dado produtor; mas, enquanto as condições que o determinaram continuarem a agir, nada e ninguém poderá modificá-lo, dentro da economia fundada na troca.

"A economia fundada na troca não tem necessidade do valor, regulador espontâneo, sinão por causa da sua anarquia e desorganização.

"A raiz do valor mergulha, assim, nas relações sociais específicas, tais como estas se criam na economia fundada na troca. Desaparecendo estas relações, as relações de produção dos homens entre si se submetem a uma regularização consciente e a necessidade do valor desaparece" (5).

"Na sociedade medieval, e, sobretudo, nos seus primeiros séculos, a produção destinava-se principalmente ao consumo próprio, isto é, a satisfazer as necessidades do produtor e de sua família. E, como acontecia no campo, onde havia relações pessoais de submissão, a produção contribuía também para satisfazer as necessidades do senhor feudal. Não se operava, por conseguinte, nenhuma troca, nem os produtos se revestiam do caráter de mercadorias. A família do agricultor produzia quasi todos os objetos

(4) Engels — *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* — "in" *Introdução ao Estudo do Marxismo*.

(5) Lapidus e Ostrovitianov — *Princípios de Economia Política*, págs. 28-9.

de que necessitava: arreios para os animais que lavravam a terra, roupa e víveres. Só principiou a produzir mercadorias quando conseguiu criar um excedente de produtos além do que necessitava para seu próprio consumo e para pagar tributos em espécie ao senhor feudal. Este excedente, atirado ao comércio, ao mercado, para que fôsse vendido, era um conjunto de mercadorias. Os artesãos das cidades tiveram que produzir para o mercado desde o seu primeiro instante. Eles, também, trabalhavam para si mesmos, fabricando a maior parte dos produtos de que necessitavam para o seu consumo. Tinham hortas e pequenos pedaços de terra. Enviavam seu gado às pastagens comuns que também lhes forneciam a madeira e a lenha. Suas espôsas fiavam o linho e a lã, etc. A produção para a troca, a produção de mercadorias, estava em seus primórdios. Por isso, o intercâmbio era pequeno, o mercado ínfimo, o regime de produção estável, e, também, por esse motivo, os produtores de uma região fortificavam-se contra os estrangeiros e se associavam interiormente. Esta é a razão por que imperavam nos campos, a "Marca" e, nas cidades, as corporações" (6).

(6) Engels — *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*.

● ●

O IGUALITARISMO — O igualitarismo, explica Stálin, é uma estupidez pequeno-burguesa, reacionária. Nada tem de comum com o marxismo. Este é inimigo de tal igualitarismo. Os homens não podem ter as mesmas necessidades e os mesmos gostos.

O que o marxismo entende por igualdade é a liquidação das classes. Na Rússia, existe esta igualdade porque não mais existe a exploração do homem pelo homem, porque os meios de produção, as fábricas, as máquinas, a terra, o dinheiro, não mais são propriedade privada, mas coletiva.

Não havendo tal igualitarismo, a mão de obra é remunerada, não segundo suas necessidades, mas segundo seu mérito. (Leonidas de Rezende — *Pequena História da Revolução Bolchevique*, pág. 220, Edit. Calvino Ltd., 1945).

●

CONCESSÕES TEÓRICAS — "... No *Programa de Gotha*, Marx condena categoricamente o ecletismo na enunciação de princípios. Se é preciso que haja união — escrevia Marx aos chefes do Partido — realizai acordos visando atingir os objetivos práticos do movimento, mas nada de fazer comércio de princípios, nada de fazer "concepções" teóricas. Tal era o pensamento de Marx e eis que se encontram entre nós pessoas que, em seu nome, tentam diminuir a importância da teoria." (Lénin — in "*Que fazer?*") .

O Pensamento de Marx



...“a Fôrça é a parteira de tôda velha sociedade nas dores do parto. A Fôrça é um agente econômico.” (Marx — *Gênese do capital Industrial* — “in” *A origem do capital*, pág. 89 — Ed. Guáira Ltda.)

Marx opunha-se a Lassalle, primeiro, devido a seu programa errôneo; segundo, porque seguia uma tática falsa; terceiro, porque estimulava uma organização de falsa estrutura.

Marx, a 21 de janeiro de 1871, na carta dirigida a Sigfried Mayer, diz: “O movimento ideológico que, atualmente, se verifica na Rússia demonstra que, no seio profundo das massas, há uma grande fermentação. As forças intelectuais acham-se sempre unidas por laços invisíveis ao corpo do povo...”

“Uma aranha realiza operações que se assemelham às do tecelão. Uma abelha, pela construção de suas células de cêra, confunde mais de um arquiteto. Mas o que distingue, logo à primeira vista, o pior arquiteto da abelha mais hábil, é que o primeiro constrói a célula em sua cabeça, antes de realizá-la na cêra.” (Marx — *O Capital*, pág. 133.)

“A alta e a baixa do lucro e dos salários não exprimem sinão a proporção na qual os capitalistas e os trabalhadores participam do produto de um dia de trabalho, sem influírem, na maior parte dos casos, sobre o preço do produto. Mas que “as greves seguidas de aumento de salários levem a um encarecimento geral, e mesmo a uma escassez” — são dessas idéias que não podem nascer sinão no cérebro de um poeta incompreendido.” (Marx — *Miséria da Filosofia*, pág. 149.)

“A acumulação primitiva desempenha na economia política o mesmo papel, pouco mais ou menos, que o pecado original na teologia.” (Marx — *O Segredo da Acumulação Primitiva* — “in” *A Origem do Capital* — pág. 8 — Ed. Guáira Ltda.)

Páginas de Lênin

TRÊS FONTES E TRÊS PARTES INTEGRANTES DO MARXISMO (1)

A doutrina de Marx suscita em todo o mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa (tanto a oficial como a liberal), que vê no marxismo alguma coisa assim como uma "seita nefasta". E não há por que esperar outra atitude, pois, numa sociedade erigida sobre a luta de classes, não pode existir uma ciência social "imparcial". De um modo ou de outro, *toda a ciência oficial e liberal defende a escravidão assalariada*, ao passo que o marxismo declarou guerra implacável a esta escravatura. Esperar uma ciência imparcial, na sociedade da escravatura assalariada, seria a mesma ingenuidade, um pouco néscia, de esperar que os fabricantes fossem imparciais quanto à conveniência de aumentar os salários dos obreiros, diminuindo os lucros do capital.

Ainda há mais, porém. A história da filosofia e a da ciência social ensinam, com toda clareza, que, no marxismo, não há nada que se pareça com o "sectarismo", no sentido de uma doutrina tímida, anquilosada, que surgisse à *margem* da grande estrada do desenvolvimento da civilização mundial. Pelo contrário: o gênio de Marx está precisamente em haver dado soluções aos problemas lançados diante dele pelo pensamento avançado da humanidade. Sua doutrina surge como a *continuação* direta e imediata das doutrinas dos maiores representantes da filosofia, da economia política e do socialismo.

A doutrina de Marx é onipotente porque é exata. E' completa e harmônica, dá aos homens uma concepção integral do mundo, inconciliável com toda superstição, toda reação e toda defesa da opressão burguesa. E' a legítima sucessora do que de melhor criou a humanidade no século XIX sob a forma da filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês.

Detenhamo-nos rapidamente nestas três fontes, que são, ao mesmo tempo, partes integrantes do marxismo.

I

A filosofia do marxismo é o *materialismo*. Ao longo de toda a história moderna da Europa, e especialmente em fins do século XVIII, na França, onde se travou a batalha decisiva contra toda a miúçalha me-

(1) Publicado pela primeira vez em março de 1913, na revista bolchevique legal *Prósvietchénie (Cultura)* n. 3.

dieval, contra a servidão nas instituições e nas idéias (2), o materialismo firmou-se como a única filosofia conseqüente, fiel a tôdas as teorias das ciências naturais, hostil à superstição, à beatice, etc. Por isso, os inimigos da democracia tratavam com tôdas as forças de "refutar", minar, caluniar o materialismo e defendiam diversas formas do idealismo filosófico, que se reduz sempre, de um modo ou de outro, a defender ou apoiar a religião.

Marx e Engels defenderam do modo mais resolutivo o materialismo filosófico e explicaram reiteradas vêzes quão profundamente errôneo era tudo o que se afastasse desta base. Onde aparecem expostas com maior clareza e mais pormenorizadamente suas opiniões é nas obras de Engels *Ludwig Feuerbach* e *Anti-Dühring*, que — do mesmo modo que o *Manifesto Comunista* — são livros que não devem faltar nas mãos de nenhum trabalhador consciente.

Marx, porém, não se deteve no materialismo do século XVIII, pois imprimiu novo impulso à filosofia. Enriqueceu-a com as aquisições da filosofia clássica alemã, especialmente do sistema de Hegel, que, por sua vez, conduz ao materialismo de Feuerbach. A mais importante dessas aquisições é a *dialética*, ou, seja, a teoria do desenvolvimento em sua maneira mais completa, mais profunda e mais livre de unilateralidade, a teoria da relatividade do conhecimento humano, que nos dá um reflexo da matéria em constante desenvolvimento. Os novíssimos descobrimentos das ciências naturais — o rádio, os electrônios, a transformação dos elementos — confirmaram de modo admirável o materialismo dialético de Marx contra as doutrinas dos filósofos burgueses, com seu "novo" retorno ao velho e pôdre idealismo.

Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx o levou ao fim e tornou seu conhecimento da natureza extensivo ao conhecimento da *sociedade humana*. O *materialismo histórico* de Marx é uma conquista formidável do pensamento científico. O caos e o arbítrio, que imperavam nas opiniões sobre a história e a política, cederam o posto a uma teoria científica assombrosamente completa e harmônica, que revela como de um sistema de vida social se desenvolve, ao crescerem as forças produtivas, outro mais alto, como da servidão da gleba, por exemplo, nasce o capitalismo.

Exatamente do mesmo modo que o conhecimento do homem reflete a natureza que existe independentemente dêste, quer dizer, a matéria que se desenvolve, o *conhecimento social* do homem (isto é, as diversas opiniões e doutrinas filosóficas, religiosas, políticas, etc.) reflete o *regime econômico* da sociedade. As instituições políticas são a superestrutura que se levanta sobre a base econômica. E assim vemos, por exemplo, a diversidade entre as formas políticas dos Estados europeus modernos, que servem para reforçar a dominação da burguesia sobre o proletariado.

A filosofia de Marx é o materialismo filosófico acabado, que deu à humanidade e em particular à classe operária uma formidável arma de conhecimento.

(2) Alusão à revolução burguesa na França (1789-1793).

II

Reconhecendo que o regime econômico é a base sobre a qual se ergue a superestrutura política, Marx dirigiu, antes de tudo, a atenção para o estudo deste regime econômico. A principal obra de Marx, *O Capital*, é consagrada ao estudo do regime econômico da sociedade moderna, vale dizer da sociedade capitalista.

A Economia Política clássica anterior a Marx havia se formado na Inglaterra, o país capitalista mais desenvolvido. Adam Smith e David Ricardo, investigando o regime econômico, iniciaram a *teoria do valor pelo trabalho*. Marx prosseguiu-lhe a obra. Fundamentou com toda a precisão e desenvolveu conseqüentemente esta teoria. Tornou evidente que o valor de toda mercadoria se determina pela quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário invertido em sua produção.

Onde os economistas burgueses viam uma relação entre coisas (troca de umas mercadorias por outras), Marx tornou evidente uma *relação entre pessoas*. A troca de mercadorias exprime o laço estabelecido pela mediação do mercado entre os produtores isolados. O *dinheiro* indica que essa relação se torna mais estreita, unindo inseparavelmente num todo a vida econômica dos produtores isolados. O *capital* indica que esta relação se desenvolve ainda mais: a força de trabalho do homem converte-se em mercadoria. O operário assalariado vende sua força de trabalho ao proprietário da terra, da fábrica, dos instrumentos de trabalho. O trabalhador emprega parte da jornada de trabalho em cobrir o custo do seu sustento e do de sua família (salário); durante a outra parte da jornada, trabalha gratuitamente, criando para o capitalista a *mais-valia*, fonte dos lucros e da riqueza da classe capitalista.

A teoria da mais-valia é a pedra angular da teoria econômica de Marx.

O capital, criado pelo trabalho do operário, oprime este, arruinando o pequeno patrão e criando o exército dos desempregados. Na indústria, a vitória da grande produção é coisa que salta aos olhos do observador, mas também na agricultura encontramos este mesmo fenômeno: aumenta a superioridade da grande agricultura capitalista, cresce a aplicação da maquinária, a fazenda camponesa cai sob o peso da técnica atrasada. Na agricultura, a decadência da pequena produção assume outras formas, porém constitui um facto indiscutível.

Esmagando a pequena produção, o capital conduz ao aumento da produtividade do trabalho e à criação de uma situação de monopólio para os consórcios dos grandes capitalistas. A própria produção vai se tornando cada vez mais social — centenas de milhares e milhões de operários são articulados num organismo econômico obedecendo a um plano —, porém do produto do trabalho social se apropria um punhado de capitalistas. Crescem a anarquia da produção, as crises, uma caça furiosa em torno dos mercados, a insegurança da existência para as massas populares.

Aumentando a relação de dependência dos operários em relação ao capital, o regime capitalista cria a grande potência do trabalho associado.

Desde os primeiros germes da economia mercantil, desde a simples troca, Marx vai acompanhando o desenvolvimento do capitalismo até suas modalidades mais altas, até a grande produção.

E a experiência de todos os países capitalistas, tanto dos antigos como dos novos, revela palpavelmente, cada ano que se passa, a um número cada vez maior de trabalhadores, a exatidão desta doutrina de Marx.

O capitalismo venceu no mundo inteiro, mas esta vitória nada mais é do que o prelúdio da vitória do trabalho sobre o capital.

III

Quando foi derrocada a servidão da gleba e veio à luz do mundo a "livre" sociedade capitalista, logo se tornou evidente que esta liberdade representava um novo sistema de opressão e exploração dos trabalhadores. Como reflexo desta opressão e do protesto contra ela, começaram imediatamente a surgir diversas doutrinas socialistas. Este socialismo rudimentar, porém, era um socialismo *utópico*. Criticava a sociedade capitalista, condenava-a, maldizia-a, sonhava com sua destruição, fantasiava acerca de um regime melhor, queria convencer os ricos quanto a imoralidade da exploração.

O socialismo utópico não podia, entretanto, indicar uma saída real. Não sabia explicar a essência da escravatura assalariada sob o capitalismo, nem descobrir as leis de seu desenvolvimento, nem encontrar aquela *força social* capaz de se converter na criadora de uma nova sociedade.

As revoluções violentas, que se processaram em toda a Europa e especialmente na França, ao caírem o feudalismo e a servidão da gleba, salientavam, contudo, cada vez mais palpavelmente, como base de todo o desenvolvimento e sua força motriz, a *luta de classes*.

Nem uma só vitória da liberdade política sobre a classe dos senhores feudais foi arrancada sem uma resistência desesperada. Nenhum país capitalista se formou, sobre base mais ou menos livre, mais ou menos democrática, sem uma luta de morte entre as diversas classes da sociedade capitalista.

O gênio de Marx consiste em haver sabido, antes de qualquer outro, deduzir disto e aplicar conseqüentemente a conclusão implícita na história do mundo inteiro. Esta conclusão é a teoria da *luta de classes*.

Em política, os homens têm sido sempre e continuarão sendo vítimas néscias dos seus enganos e dos alheios, enquanto não aprenderem a descobrir atrás de todas as frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os *interesses* de tais ou quais classes. Os partidários de reformas e melhoras ver-se-ão sempre enganados pelos defensores do que é antigo, enquanto não compreenderem que toda instituição velha, por mais bárbara e apodrecida que pareça, se mantém pela força destas ou daquelas classes dominantes. E, para vencer a resistência dessas classes, *só* existe um meio: encontrar na mesma sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, as forças que *podem* — e, por sua situação social, *devem* — formar a força capaz de varrer o que é velho e criar o que é novo.

Só o materialismo filosófico de Marx apontou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que têm vegetado até hoje todas as classes

oprimidas. Só a teoria econômica de Marx explicou a situação real do proletariado sob o regime geral do capitalismo.

No mundo inteiro, desde a América até o Japão e da Suécia à África do Sul, multiplicam-se as organizações independentes do proletariado. Este se educa e se instrui, desencadeia sua luta de classes, subtrai-se aos preconceitos da sociedade burguesa, estreita cada vez mais sua coesão, aprende a medir o alcance de seus êxitos, retempera suas forças e cresce irresistivelmente.

● ●

E O EXÉRCITO DA BORRACHA ? — “Muito ao contrário, através da trágica narrativa dos que voltam, com suas próprias forças, maltrapilhos, e, através das informações prestadas pelas diferentes pessoas providas da Amazônia, o que sabemos é que, em grande parte, o “exército da borracha”, zurrado, mistificado, abandonado, espoliado, se arrasta pelas ruas de Manaus e Belém, implorando a caridade pública, a fim de não roubar, esquelético, faminto, sombra do que foi; ou, então, vagueia, ao léu da sorte, no ventre da selva tentacular. Pior; a morte ceifou a vida a inúmeros daqueles campatrícios, sendo-nos lícito afirmar, como lembrou um dos nossos cronistas, que morreram mais brasileiros nessa odisséia do que nas montanhas da Itália”.

E’ o que diz o memorial do Instituto do Nordeste.

(Continuando) Sr. Presidente, alega-se que estão radicados na região, trabalhando nos seringais. E’ preciso que se conheçam dados concretos. Só dizer que estão vivos não nos convence, porque temos as declarações dos nossos contrerrâneos. E as famílias desses milhares de obreiros da economia nordestina continuam sem ter notícias de seus chefes, cujo paradeiro elas ignoram. (Egberto Rodrigues — *Diário da Assembléia*, 4-7-946).

●

O ACÔRDO DE YALTA DIZIA: — “Um mundo inteiro separa as aspirações e esperanças da Inglaterra aqui representada por Winston Churchill, e as da Rússia, representada por Stálin. Procuraremos, agora, harmonizar e unir êsses dois extremos sob uma comissão tri-partite. Os membros do governo americano, em função na Grécia, cuidarão de que nada semelhante à guerra dos ingleses contra os ELAS se repita, e, na Polônia, a influência americana acomodará as duas facções hostis. Assim, de algum modo, com boa vontade e cooperação, poderá reinar a paz.”

●

COOPERAR, SIM... — Hoje, em verdade, as massas trabalhadoras dos países atrasados, em luta contra o capitalismo imperialista, que pretende o monopólio único, podem e devem cooperar com seus capitalistas nacionais, mas nunca esquecerem ou subordinarem suas reivindicações permanentes sinão à oportunidade de apresentá-las e impô-las.

O Pensamento de Stálin



“O imperialismo conduz a classe operária à revolução” (Stálin — *Sobre os fundamentos do leninismo*, pág. 12 — Edit. Calvino Ltda.)

“Os quadros tudo decidem” (Stálin — *Discurso aos alunos da Academia do Exército Vermelho*, 4 de maio de 1935).

...“a guerra é inevitável no sistema imperialista e inevitável a coalisão da revolução proletária da Europa com a revolução colonial do Oriente numa só frente mundial revolucionária contra a frente mundial do imperialismo.” (Stálin — *Sobre os fundamentos do leninismo*, pág. 38 — Edit. Calvino Ltda. — 1945.)

“A força e a vitalidade do marxismo-leninismo devem-se ao facto dêle apoiar-se numa teoria de vanguarda que corresponde, exatamente, às exigências do progresso da vida material da sociedade, bem como ao facto dêle dar a essa teoria a importância que lhe cabe, considerando como seu dever utilizar toda a capacidade de mobilização, organização e transformação que a mesma comporta.” (Stálin — *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico* — “in” *Sobre os fundamentos do leninismo*, págs. 284-5 — Edit. Calvino Ltda. — 1945.)

“Instrumentos de produção, por meio dos quais se produzem os bens materiais; e homens que manejam êsses instrumentos e produzem êsses bens materiais, em virtude de uma certa experiência produtiva e de seus hábitos de trabalho; tais são os elementos que, em conjunto, constituem as forças produtivas da sociedade.” (Stálin — *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico* — “in” *Sobre os fundamentos do leninismo*, págs. 288-9 — Edit. Calvino Ltda. — 1945.)

BIOLOGIA E MARXISMO

por Marcel Renant

CAPÍTULO TERCEIRO

As origens da sociedade humana

Podem-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, pelo que se quiser. Eles próprios começam a distinguir-se dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência. (K. Marx — *Deutsche Ideologie*, pág. 237.)

As sociedades animais

Pode-se dizer que, hoje, são caducas as “robinsonadas”, como diz Marx, isto é, as concepções segundo as quais homens isolados se teriam agrupado, um dia, conscientemente, para tirar proveito da respectiva associação. Cientificamente, não se pode duvidar de que a sociedade haja preexistido ao homem, sob a forma de uma sociedade animal de antropóides, e se tenha caracterizado como sociedade humana pela aquisição de uma técnica.

Existem muitos tipos de sociedades animais. Todas têm um traço comum: os animais que compõem cada uma delas experimentam uns pelos outros atração mútua, ao passo que os animais solitários se fogem ou se repelem reciprocamente, ou, pelo menos, são indiferentes uns aos outros. Espécies muito próximas podem comportar-se a este respeito de modo contrário. Mais ainda, em certas espécies, o mesmo indivíduo pode ser, conforme os períodos de sua existência, ora social e ora solitário: tais são as andorinhas, que se tornam sociais quando emigram e se isolam aos casais quando fazem ninho. Atração e repulsão são de origem material, se incitam pelos diversos sentidos e não diferem, indubitavelmente, sinão por graus, da atração exercida por uma luz sobre insetos.

A sociedade animal, realizada de maneira temporária ou durável, pode ter graus de desenvolvimento e de complexidade muito diversos, dos quais se darão, aqui, alguns exemplos.

No caso mais simples, o de muitos insetos, aves, morcegos, etc., o agrupamento dos indivíduos não modifica de forma sensível o comportamento de cada um deles: num bando de pardais, por exemplo, cada um saltita ou bica por sua própria conta, embora todos permaneçam agrupa-

dos em circunstâncias diversas. A estabilidade do agrupamento permite distinguir essas sociedades inferiores dos simples ajuntamentos de animais, que se podem encontrar aglomeradas acidentalmente, sob uma mesma influência, como estão, por exemplo, mosquitos em redor de uma lâmpada, mas que se dispersam assim que essa influência cessa.

Um segundo estágio é aquele em que os indivíduos agrupados agem de maneira coordenada, sem que haja, no entanto, nem trabalho comum, nem subordinação visível a um chefe ou sequer a um guia. É o caso de muitas aves migradoras, como as andorinhas ou os codornizes. Em tais grupos, o sincronismo dos movimentos é, muitas vezes, surpreendente: por exemplo, nos enormes bandos de gafanhotos que levantam vôo ou se abatem de um só golpe, e nas calhandras que, nas praias, andam e bicam em ordem, mudam de direção ao mesmo tempo e alçam vôo simultaneamente.

As sociedades propriamente ditas são os agrupamentos animais em que se manifesta uma organização, quer o agrupamento execute trabalho coletivo, quer pareça subordinado a espécies de chefes. Esses agrupamentos têm também existência mais durável fundem-se facilmente uns com os outros, se se encontram, ou até não se fundem absolutamente, a tal ponto que um indivíduo extraviado se incorpora raramente à nova sociedade.

Há trabalho coletivo, por exemplo, nas sociedades de castores, que constroem cabanas lado a lado nos cursos d'água, mas que, principalmente, erguem em comum, para baixo dessa espécie de aldeia, um dique que eleva o plano d'água a nível conveniente e, particularmente, submerge a entrada das cabanas. Há trabalho coletivo também entre os pássaros do grupo dos "tecelões", que constroem lado a lado ninhos individuais muito apertados, mas certas espécies do qual edificam, além disso, um teto de colmo comum e como que corredores coletivos.

Isolado da sua sociedade, um "tecelão" ou um castor pode ainda subsistir. Os raros castores sobreviventes em Camargue, os quais perderam, aliás, a arte de construir, vivem solitários. Não se dá o mesmo em relação ao conjunto social: termitas, formigas, abelhas, até besouros e vespas só têm existência durável possível em sociedades. Estas têm sido objeto de muitas descrições mais ou menos romanceadas, nas quais as comparam à sociedade humana o que tem dificultado o seu estudo objetivo. Para tanto contribuindo a giria dos apicultores, falou-se de rainhas e de operárias em geral, de reis e de soldados entre os termitas, de escravas entre as formigas, encontraram-se pretensos equivalentes da agricultura, da criação, da guerra, até de vícios humanos, como a embriaguez, pronunciou-se a palavra "comunismo". Na contemplação dessas sociedades, procurou-se até uma moral a aplicar à sociedade humana, quer admirando a ordem que nelas parece reinar, quer reprovando a tirania social que parece nelas pesar sobre os indivíduos.

Tudo isto deve ser posto no seu lugar. As construções dessas sociedades (colmeias, formigueiros, termiteiros) parecem admiráveis em virtude de suas grandes dimensões, mas, tomadas nas minúcias respectivas, não o são nem mais nem menos que as de certos insetos solitários. As atividades sociais, nas diversas espécies, não são mais extraordinárias

que os instintos de muitos insetos não-sociais e são da mesma ordem. As supostas rainhas são, apenas, fêmeas poedeiras, sem autoridade especial alguma. Os termos de operários e de soldados não têm valor real, pois que, em muitos casos, os operários combatem e os supostos soldados não. O que se deve distinguir, objetivamente, são indivíduos sexuados, machos e fêmeas, e, de outro lado, indivíduos assexuados, que, entre os termítas, podem ser machos ou fêmeas, de órgãos genitais atrofiados, e que, noutras espécies, são sempre fêmeas estéreis; êsses indivíduos assexuados são mais ou menos diferentes dos sexuados e, por sua vez, podem repartir-se em duas ou várias categorias mais ou menos nítidas, de formas diversas. Tem-se, assim, formação de castas (1) numa mesma espécie e cada uma dessas castas tem seus instintos próprios, de onde resultam para ela, na sociedade, funções especiais ou, pelo menos, sucessões de funções: uma operária de abelha, por exemplo, começa por alimentar as larvas; depois, no fim de alguns dias, constrói os bolos de cera e, afinal, se torna saqueadora; isso, porém, não difere em nada do que uma abelha de espécie não-social pode fazer.

Tem-se atribuído, comumente, a atividade dos diversos indivíduos numa colmeia ou num formigueiro a uma divisão do trabalho. Pode-se adotar o termo, com a condição de não ver nele analogia alguma com a divisão do trabalho na sociedade humana. Uma casta animal, cujos indivíduos têm forma especial, nada tem a ver com uma classe, que é definida pela posse ou não-posse dos meios de produção. E, mesmo quando uma operária de abelha tem na colmeia atividades sucessivas diferentes, isso não altera em nada sua situação social; é, puramente, questão de instinto.

Uma sociedade de insetos, fundada, essencialmente, no instinto, é muito mais rígida do que uma sociedade humana. Pelo facto de que funciona, deve-nos dar, pois, a impressão de um conjunto mais perfeitamente regulado. Por outro lado, os indivíduos nela dependem mais estritamente uns dos outros, dado que, freqüentemente, quer por sua estrutura física, quer por seu instinto social, são incapazes até de se alimentarem individualmente. Como mecanismo social, digamos, uma colmeia é mais perfeita do que a sociedade humana, mas propor a esta o ideal da colmeia é tão pueril e absurdo quanto propor ao homem como ideal a imitação de uma máquina. Por outro lado, falar de tirania social numa sociedade de insetos, cujos membros não têm consciência da individualidade respectiva, é também observação vazia de sentido.

Numa sociedade de insetos, por admiravelmente organizada que pareça, seja qual for a perfeição do seu trabalho social, nada permite supor que haja chefes. Nas tribos de mamíferos, pelo contrário, encontram-se factos que evocam subordinação interna. Essas sociedades, muitas vezes compreendem, apenas fêmeas e jovens; os machos vivem à parte e só se aproximam do rebanho na época da reprodução; ou, então, elas têm vários machos adultos ou um macho toma o predomínio e expulsa os

(1) Trata-se, aqui, de castas no sentido biológico do vocábulo, não no sentido social em que o termo é tomado na sociedade humana.

outros. Ora a tribo possui famílias distintas, polígamas ou não; ora como se dá entre os elefantes e muitos macacos, machos e fêmeas vivem misturados. Em caso algum, porém, se pode considerar a tribo derivada da família, do mesmo modo que não se pode considerar o instinto social como ligado ao instinto sexual; os dois instintos conciliam-se como podem e de modos muito diferentes nas diversas espécies; muitas vezes são até antagônicos, em certa medida.

As tribos de mamíferos não têm, em geral, indústria comum e não criam obras coletivas, mas o caráter social da atividade manifesta-se muito amiúde em caso de perigo. Veem-se, por exemplo, os garanhões selvagens, quando se aproximam lobos, formarem círculo em volta das éguas e dos potros; ou os touros e as vacas idosas protegerem do mesmo modo, agrupados no centro do rebanho, os bezerros e as fêmeas novas.

E' de tais tribos e, mais especialmente, das tribos de macacos, que deve ter derivado a sociedade humana. Em certos macacos, como os cíncefalos, parece haver, com efeito, colaboração social a um ponto particularmente adiantado e consciente. Enquanto os cíncefalos se alimentam, há sentinelas que assinalam ao bando, por meio de gritos, a aproximação do perigo. Têm-se visto macacos reunirem-se uns aos outros para levantar uma grande pedra e procurar insetos em baixo dela. Batem-se em comum contra os carnívoros e protegem, especialmente, os indivíduos mais fracos da tribo. Atiram pedras e seus bandos podem ser perigosos até para o homem.

As origens do trabalho humano

Marx insistiu, por diversas vezes, na idéia de que o homem é caracterizado por sua técnica.

O emprêgo e a criação de meios de trabalho, diz êle, *embora já se encontrando em germe em certas espécies animais, caracterizam o processo de trabalho especificamente humano. Por isto, Franklin definiu o homem: animal que fabrica ferramentas* (2).

E mais:

A primeira condição de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro acto histórico desses indivíduos, pelo qual eles se distinguem dos animais, não é o pensamento, mas o facto de começarem a produzir seus meios de existência. O primeiro facto a verificar é, por consequente, a organização física desses indivíduos e a relação que ela implica com o resto da natureza... Essas relações não condicionam, apenas, a organização primitiva, natural dos homens, especialmente as distinções raciais, mas todo o seu desenvolvimento ou toda a sua estagnação até hoje. Toda investigação histórica deve partir desses fundamentos naturais e das transformações que, no curso da história, a acção dos homens lhes faz sofrer (3).

(2) *O Capital*, t. 1, p. 7.

(3) *Deutsche Ideologie*, p. 237 (Ed. alemã).

Estas duas citações dão, em primeiro lugar, o próprio princípio do materialismo histórico: a história é feita, antes de tudo, da evolução da técnica humana diante da natureza; todo o resto, inclusive a história do pensamento, deriva daí, diretamente ou não, posto que o pensamento, por sua vez, influe sobre o desenvolvimento técnico.

Dão, em seguida, a chave das origens da sociedade humana: esta provém de uma sociedade animal, quando começa a adquirir a técnica e a ferramenta. Esta afirmação é, evidentemente, a base do materialismo histórico e, como está ligada à biologia, importa examiná-la, aqui, mais de perto.

E' difícil precisar o começo prehistórico da ferramenta humana. As ferramentas de pedra, cujo corte grosseiro, mas decerto intencional, caracteriza o tipo de indústria chamado precheliano, aparecem em fins do período quaternário inferior. Ora, desde meados da era terciária, têm-se encontrado sílex partidos, sobre os quais muito se discutiu. Relativamente à maior parte desses "eolitos", como os denominam, o despedaçamento deve-se ter produzido por choques naturais ou por mudanças repentinas de temperatura. Alguns talvez hajam sido, entretanto, cortados intencionalmente: assim, os sílex em forma de bico de águia que datam da era terciária. Jamais se acharam restos esqueléticos humanos com os eolitos.

Essas dificuldades relacionam-se com o facto de que as primeiras ferramentas foram, sem dúvida, como entre alguns macacos, pedaços de pau ou pedras apanhadas, impossíveis de reconhecer. A quebra accidental de um sílex foi, talvez, o que ocasionou a verificação de que, assim, êle era mais manejável. Sua imitação talvez haja sido a origem do corte voluntário da pedra. Temos de ficar em hipóteses, enquanto se não aprofundar o estudo pelo menos da ferramenta precheliana.

A partir desta última, podem-se reconstituir as grandes etapas da técnica, mas não se deve ver no seu desenvolvimento um fenómeno uniforme, sempre de acordo com o esquema clássico: paleolítica ou técnica da pedra talhada, com suas fases sucessivas (precheliana, cheliana, aqueuliana, musteriana, aurignaciana, solutriana, madaleniana); depois, mesolítica ou técnica de transição; por fim, neolítica ou técnica da pedra polida, com as técnicas do cobre, do bronze e, finalmente, do ferro, que a prolongam e chegam à aurora dos tempos históricos.

Abstração feita da forma mais ou menos desenvolvida da produção social, a produtividade do trabalho permanece ligada a condições naturais que podem todas relacionar-se quer com a própria natureza do homem, com a raça, quer com a natureza que o cerca (4).

Dessas condições resulta, muitas vezes, com orientação diferente, velocidade desigual do progresso técnico: nos primórdios dos tempos históricos, o Egito era muito mais adiantado do que a Gália; no momento atual ainda, certas tribus australianas possuem técnica paleolítica.

Assim, não nos devemos esquecer de que as indústrias da pedra talhada são devidas não só a raças distintas, mas até a espécies humanas diferentes. Cumpre lembrarmo-nos também de que as diversas regiões

(4) *O Capital*, tomo III, p. 201, Ed. Costes.

ofereciam condições naturais muito diversas e, em muitas delas, essas condições variaram enormemente, pois a era quaternária apresentou muitas variedades de clima.

De facto, no período quaternário inferior ou postplioceno e no quaternário médio ou pleistoceno, reconhecem-se os vestígios de períodos frios, assinalados por enormes extensões das geleiras. Nesses períodos, as do norte puderam estender-se até as regiões do Báltico e do sul da Inglaterra, ao passo que as dos Alpes atingiam as faldas das montanhas e cobriam a estas quasi inteiramente. As terras vizinhas eram, naturalmente, submetidas a clima análogo ao das nossas regiões boreais, clima a que correspondiam sua fauna e sua flora. As diversas glaciações eram separadas por fases mais quentes, interglaciárias, durante as quais os gelos recuavam e a flora e a fauna mudavam. Mesmo depois da última glaciação, o período postglaciário, no qual nos encontramos ainda, tem apresentado diversas oscilações mais ou menos marcadas da temperatura, com ligeiras variações na extensão dos gelos.

As primeiras glaciações colocam-se no período postplioceno médio, sucedendo a um período quente que prolongava a era terciária. Não nos interessam aqui, pois são anteriores a qualquer resto certo de ferramenta, assim como a qualquer fóssil humano.

E' do penúltimo período interglaciário, isto é, do fim do postplioceno, que data o pitecantropo. Vivía no clima quente e úmido de Java.

Da mesma época se conhecem, na Índia, sílex cortados prechelianos que nenhum resto humano acompanha. Na África do Sul, porém, sílex cortados da mesma idade já são mais perfeitos e de aspecto cheliano.

O sinantropo corresponde à penúltima glaciação, ao início do pleistoceno, mas cumpre notar que essa glaciação talvez não tivesse efeitos muito marcados nas cercanias de Pequim.

Em vastas extensões, na China do Norte e na Mongólia, encontraram-se, ao mesmo nível, numerosas ferramentas isoladas ou agrupadas, tais como raspadores de quartzo, os lugares que serviram para os fabricar e também restos de brazeiros.

O eocantropo, o homem de Heidelberg e também o homem de Ehringsdorf, quer dizer, o mais antigo que se conhece dos homens de Neanderthal, correspondem ao último período interglaciário, época quente, em que o hipopótamo vivia na Europa, com cavalos e veados. Nas suas jazidas, as ferramentas são sempre do tipo cheliano ou aqueuliano. Esse tipo, conhecido na África do Sul desde o penúltimo período interglaciário, também o é no último, na Austrália e na maior parte da Ásia e da África, em regiões em que ainda não se conhecem restos esqueléticos humanos. Essas ferramentas muito simples, formadas por sílex grosseiramente talhados e também, em Piltown, por ossos talhados, correspondiam a necessidades muito imediatas. Compreende-se, pois, que a identidade de necessidades haja levado, em meios diferentes, porém comparáveis, três espécies humanas diferentes, pelo menos, a terem quasi as mesmas ferramentas.

Os homens de Neanderthal, em sua maior parte, foram contemporâneos da última glaciação e de uma fauna fria que compreendia o mamute, o rangifer, o bisão. E' por isto que se encontram, geralmente, seus restos agrupados em grutas que lhes serviam de abrigo, ao passo

que os de seus predecessores, mais esparsos, provêm de lugares descobertos. Utilizavam o fogo e tinham aperfeiçoado a técnica da caça, pois possuíam machados, lanças, azagaias. Os materiais dessas armas são, por vezes, pedaços de ossos, porém quasi sempre os sílex talhados do tipo musteriano, muito diferentes dos sílex chelianos ou aqueulianos. Ao passo que estes últimos eram talhados no próprio bloco de sílex natural e nas duas faces, as ferramentas musterianas, menores e mais cortantes, eram obtidas a partir de grandes pedaços, retocados, depois, só numa face. De acôrdo com as incisões observadas nos ossos, sabe-se que as facas de sílex serviam para despojar e descarnar os animais abatidos. As ferramentas musterianas parecem corresponder, exatamente, aos homens de Neanderthal, porque não as conhecemos, tanto quanto eles, sinão as da Europa média e meridional, das regiões mediterrâneas e da África.

Os tipos técnicos que se seguem correspondem, ao contrário, a raças diversas de *Homo sapiens* e são todos posteriores à última glaciação. Como o seu grau de evolução é bastante adiantado, as ferramentas aplicam-se a necessidades mais precisas. É, assim, a partir daí, que se vão assinalar diferenças locais na evolução técnica. Ao passo, por exemplo, que, em nossos países, onde se fazem sentir variações de clima, se sucedem, nitidamente, diversas técnicas, aurignaciana, solutriana, madaleniana, depois mesolítica, mais ao sul em volta do Mediterrâneo, a civilização aurignaciana se modificava muito mais progressivamente, dando o que se chamou o capsiano.

O aurignaciano correspondia a um período quente, que se resfriou, pouco a pouco, entre nós no solutriano e, principalmente, no madaleniano: este último corresponde à primeira das oscilações frias post-glaciárias. Nem nos períodos quentes os abrigos debaixo dos rochedos, utilizados, no musteriano, sob a pressão da necessidade, foram abandonados. Muitas vezes até, os restos das civilizações musteriana, aurignaciana, solutriana e madaleniana, superpostos numa mesma gruta, indicam ocupação contínua desta através de todo o período paleolítico superior.

Os homens dessa época eram ainda caçadores, que encontravam para caçar, sobretudo, o cavalo no aurignaciano e no solutriano, o rangifer, depois o mamute, no madaleniano. A abundância do rangifer e o papel essencial que desempenhou na vida humana fazem com que se dê, muitas vezes, o seu nome a todo o período.

Desde o aurignaciano, os homens sabiam confeccionar, em sílex, lâminas aperfeiçoadas, de gume achatado e de duplo entalhe, furadores, burís, raspadores. No solutriano, o corte de sílex atingiu remate absolutamente característico, com lâminas e pontas de flechas, ou azagaias de espessura extremamente reduzida. No madaleniano, pelo contrário, ele regrediu um pouco. E' que, como matéria prima, o osso substituiu o sílex talhado. Os homens aurignacianos já sabiam fazer com ele varetas, agulhetas, pontas de base partida. Os solutrianos tinham inventado as agulhas com fundo para coser as peles e trabalhavam o marfim. Mas, no madaleniano, tiravam-se das galheiras do rangifer arpões farpados, pontas de azagaias, propulsores para azagaias e muitos outros objetos. A pedra era utilizada também para fabricar recipientes como morteiros e lâmpadas.

O período mesolítico é assinalado, em nossos países, por clima menos frio que o clima madaleniano, porém úmido, com predomínio do veado, já não mais do rangifer. A galheira do veado substitui, pois, a galheira do rangifer na indústria. Nesse período, do qual parecem provir as civilizações, umas do madaleniano, outras do capsiano, transformados, aparecem os primeiros indícios do polimento da pedra.

O polimento da pedra, todavia, não obstante tudo quanto se haja pensado por muito tempo, não é o facto característico da indústria neolítica. Na medida em que é empregada, a pedra, amiúde, é ainda talhada e certos prehistoriadores supõem até que os objetos polidos nunca foram usuais, mas sim objetos de culto.

O neolítico é, de preferência, assinalado por outras variações capitais: a criação, a agricultura e a navegação são nêle criados ou, pelo menos, prodigiosamente desenvolvidos. Pretenderam-se ter, desde o musteriano, vagos indícios de domesticação para o cão e até para o cavalo, mas é no mesolítico superior da Escandinávia, apenas, que a domesticação do cão não deixa mais dúvidas. O porco, a cabra, o carneiro, o boi são domesticados no neolítico, no Egito e na Suíça. Vem, enfim, o cavalo, cuja domesticação é mais tardia. Mais segura do que a caça, a criação permitiu o desenvolvimento das aglomerações humanas.

Mas a agricultura também era aperfeiçoada a essa época, em muitas regiões. No Egito, serviam-se de picaretas e de foices de sílex, de charruas de relha de sílex. Cultivavam-se cereais, trituravam-se grãos e fabricava-se com eles um pão grosseiro, cujos fragmentos foram encontrados. As pesquisas recentes de Vavilof e de seus colaboradores soviéticos mostraram que, além do Egito e das margens do Mediterrâneo, se deviam contar seis outros centros em que a agricultura se desenvolveva independentemente, correspondendo a necessidades semelhantes, porém caracterizada por plantas cultivadas especiais e por ferramentas particulares: China, Índia, Ásia Menor, Etiópia, México e Peru. As mesmas pesquisas fizeram ver que, hoje ainda, o número das espécies selvagens utilizáveis e cultiváveis é notadamente elevado nesses centros. A descoberta delas é que deve ter levado os homens à criação da cultura.

Esta aumentava ainda o desenvolvimento das aglomerações humanas e, ao mesmo tempo, impunha-lhes a vida sedentária. Por isto, o homem agricultor teve de abandonar as grutas, demasiado pequenas e mal situadas, e construir, nas proximidades de seus campos, habitações agrupadas em aldeias, quer nos vales, quer em estacarias, à beira dos lagos.

As ferramentas neolíticas são cada vez mais abundantes e variadas. A pedra, talhada ou polida, continua a desempenhar grande papel, com muitos pormenores técnicos recentemente inventados: machados-martelos, martelos duplos, encabamento das ferramentas com perfuração e, às vezes, até com bainha. O uso do arco e das flechas, conhecido na Espanha desde o paleolítico recente, espalha-se largamente. Mas encontram-se também, realizados em madeira, em chifre ou em osso, colhéres, gamelas, malhos, pentes e muitos outros instrumentos. Devem-se notar, principalmente, duas invenções importantes. A cerâmica, da qual só se conhece, até aí, um fragmento solutriano, torna-se de uso corrente. E' modelada à mão,

cozida ao ar livre e, muitas vezes, ornada. Por outro lado, o linho e o cânhamo servem de plantas têxteis porque se encontraram fragmentos de tecidos, cordoalha e rêdes de pescar. Em fins do neolítico, a descoberta do cobre, depois a do bronze e, finalmente, a do ferro, acarretará a regressão do uso da pedra.

A navegação é, provavelmente, anterior ao neolítico. Desde o paleolítico superior, conhecem-se, na América, restos humanos, quando qualquer vestígio anterior de homens e mesmo de antropóides é aí desconhecido. Os homens vieram, sem dúvida, pois, nessa época, do velho continente. Mas só no neolítico surge, nos rios e ao longo das costas, navegação comercial regular.

Fizera-se, antes, certo tráfico, por vezes a grande distância: encontrou-se, numa estação aurignaciana dos Pirineus, uma concha necessariamente trazida do Mar Vermelho. Existiam também, desde o paleolítico, verdadeiros achados em certos pontos, mas essas oficinas tinham importância apenas local. No neolítico, pelo contrário, indústria e comércio se generalizam. Existia, por exemplo, na Turena, no Grand-Pressigny, uma oficina de fabricação de machados, cuja matéria prima e cuja feitura são muito fáceis de reconhecer. A distribuição desses machados, em toda a região do Baixo-Loire e até na costa bretã, indica que os transportavam por água e existiam até pequenos portos fixos. O âmbar da Frísia e do Báltico era trazido do mesmo modo ao Mediterrâneo pelo vale do Elba. Todas as grandes vias, como o Reno, o Ródano, o Danúbio, o Vístula, o Dniéster, eram utilizadas por terra ou, de preferência, por pirogas, ao passo que uma navegação costeira se estabelecia e atravessava o estreito de Gibraltar.

Subsistem, naturalmente, populações neolíticas de pobres caçadores, de pescadores, ou, até, no litoral, agrupamentos que se alimentam, essencialmente, de mariscos. No conjunto, contudo, a agricultura, a criação, o comércio, a indústria fornecem recursos novos, muito superiores aos do madaleniano. As populações são muito mais agrupadas e muito mais numerosas: os restos humanos conhecidos são abundantes, quando eram, até aí, insignes raridades. O nível técnico anuncia o início dos tempos históricos. Desde a época precheliana, todavia, o motor do progresso foi sempre a necessidade sem cessar satisfeita e sem cessar aumentada:

A primeira necessidade satisfeita — a própria satisfação e o instrumento já adquirido da satisfação — leva a novas necessidades (5).

As origens das formas sociais humanas (6)

No que precede, fez-se alusão o menos possível às migrações que se puderam produzir nas populações humanas. E' que a questão das

(5) *Deutsche Ideologie*.

(6) Este parágrafo não tem por objeto discutir a questão, mas, apenas, situa-la no quadro do marxismo. Foi por isto que nele não se encararam os trabalhos dos sociólogos modernos.

migrações não parece fixada. Engels admitia migrações pré-históricas (7), mas os etnógrafos soviéticos tendem a negá-las. Parece que essa denegação é por demais absoluta. As migrações de espécies animais são bem conhecidas. Dá-se o mesmo com as das populações humanas, desde a aurora dos tempos históricos. Não se veem razões para negá-las *a priori* nos homens primitivos. Acrescentemos que é, absolutamente, necessário admitir migrações humanas para explicar o povoamento da América, no paleolítico superior, e o das regiões sententrionais, como a Escandinávia, depois da retirada dos géllos. Enfim, certas migrações pré-históricas parecem ter sido, realmente, provadas.

A ciência soviética, entretanto, tem razão, sem dúvida, de protestar contra o abuso das migrações praticado pelos prehistoriadores. Estes últimos, quando viam, num mesmo país ou numa mesma gruta, um tipo de ferramenta suceder a outro, não podiam, muitas vezes, conceber, por falta de espírito dialético, que pudesse haver evolução técnica *in loco*. Era-lhes mister fazer provir a segunda ferramenta de uma migração, sem se incomodarem em lhe relegar a origem para segundo plano. Essa explicação superficial tende a negar toda invenção, todo desenvolvimento da sociedade humana. Levada ao absurdo, ter-se-ia de admitir que a máquina a vapor e o regime capitalista estavam prontinhos, desde o cheliano, num canto desconhecido. Compreende-se que os etnógrafos soviéticos se tenham contra ela levantado, embora de maneira um pouco rígida demais. Nada impede, em todo caso, que se desprezem as migrações numa exposição muito geral sobre a evolução das formas sociais.

Engels deu dessa evolução, de acordo com Lewis Morgan, um esquema que, em duas grandes linhas, ainda é adotado pelos sábios soviéticos, mas que as descobertas recentes modificaram em pormenores. Num primeiro estágio, hipotético, o homem, ainda mal desembarçado da animalidade, comedor de frutas, de sementes, de raízes, de pequenos animais, quasi sem ferramentas, devia viver em pequenos grupos inorganizados, em hordas semelhantes às dos antropoides.

A invenção do fogo é extremamente antiga, pois que o sinantropo já o conhecia. Não há jazida pré-histórica em que, procurando com cuidado os pedaços mais finos de carvão, não os tenham encontrado os pesquisadores. O fogo permitiu torrar sementes e cozer a carne e o peixe, quando as primeiras armas, permitindo a pesca e a caça, acarretaram a extensão das populações humanas ao longo dos cursos d'água. Nesse estágio, encontram-se ainda algumas populações australianas e polinésias e era esse, indubitavelmente, o estado dos paleolíticos até o musteriano, no mínimo. Em tal sociedade, a divisão do trabalho, espontânea, só existe entre os dois sexos, de modo que não há ainda classes fundadas unicamente em privilégios econômicos; em compensação, pode haver subdivisão em clans.

A sociedade conserva essa forma, mesmo num estágio superior da técnica, caracterizado pelo arco e pela flecha, graças aos quais a caça

(7) *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, p. 2 e 3. (Ed. Costes).

passa a ser ramo normal do trabalho. E' o estado de muitas tribus atuais, assim como dos homens mesolíticos e, em parte, dos da idade do rangifer. De facto, em todo o período que vai do musteriano ao mesolítico, têm-se já sinais de organização social: instrumentos e côres que servem para a tatuagem desde o aurignaciano; culto dos mortos, atestado, desde o musteriano, pela sepultura voluntária de certos cadáveres e, no paleolítico superior, pelo descarnamento dos corpos e pela pintura do esqueleto antes do enterramento. A partir do aurignaciano e, principalmente, no madaleniano, manifestam-se gostos estéticos: ornamentos tais com colares, pulseiras, rêdes de cabelos, feitos de conchas ou de dentes enfiados; mas, acima de tudo, esculturas em marfim, em galheiras de rangifer ou em rocha, argilas modeladas, gravuras em osso, em chifre ou em pedra e pinturas murais nas paredes das grutas. Em tôdas essas obras, a representação humana é muito defeituosa, mas a dos animais caçados ou pescados é de arte perfeita. Supõe-se, geralmente, que se trata de representações mágicas. Em todo caso, tendências artísticas e práticas religiosas mostram que, no paleolítico superior, a sociedade já havia ultrapassado a produção pura e simples de meios de existência imediatos.

A subversão econômica, que se realizou no curso do neolítico, pelo desenvolvimento da criação, da cultura e da indústria comercial, foi correlativa da primeira grande divisão social do trabalho e, daí, de verdadeira revolução social. Tornou-se economicamente útil ter escravos. Foi assim que apareceu a primeira divisão em duas classes, a dos senhores e a dos escravos, as que conhecemos no início dos tempos históricos. Isso, porém, acarretava a decomposição da sociedade de clans e foi assim que a ela se substituiu a sociedade antiga.

Em relação, talvez, com a subversão social, nota-se, no neolítico, o desaparecimento quasi total das tendências artísticas, tão desenvolvidas na sociedade madaleniana. Se, aliás, as representações de animais faltam nessa época, é que, talvez, uma magia perde, a êste respeito, a sua razão de ser.

Tôda mitologia doma, domina e modela as forças da natureza na imaginação e pela imaginação; e desaparece, portanto, quando essas forças são, realmente, dominadas (8).

Ora, a caça e a pesca não têm mais interêsse essencial. A coletividade neolítica, relativamente forte, não mais teme os animais selvagens. Quanto aos animais domésticos, não oferecem alimento à magia. Em compensação, o culto dos mortos continua: os monumentos megalíticos, como os menhirs, depois de terem sido interpretados como manifestações de um culto solar, o são, hoje, como as de um culto das almas a reincarnar. No culto dos mortos, aparece, aliás, uma diferença de classes porque as sepulturas dolmênicas são reservadas a privilegiados.

Tal é o bosquejo que, através da prehistória, se pode fazer da horda e do seu comunismo primitivo, e, depois, da sociedade de clans e da sua desintegração com aparecimento das classes. Ele pode ser ainda, em parte,

(8) Karl Marx: *Trechos escolhidos*, p. 131. Gallimard, Paris, 1934.

hipotético. Talvez não se tenha também, absolutamente, certeza de que os estádios de evolução hajam sido, em toda parte, os mesmos. O essencial, porém, é que, desde o seu início até ao momento atual, a sociedade humana evolue sob a influência premanente e primordial das relações materiais entre ela e a natureza. E' o princípio mesmo do materialismo histórico marxista.

(No próximo número: Capítulo Quarto — *Relações atuais entre o homem e o mundo vivo*).

INFORMAÇÕES SÔBRE ALGUNS TERMOS CIENTÍFICOS

AQUEULIANO — Período do paleolítico superior, compreendido entre o queliano e o musteriano.

ÁPTERO — Desprovido de asas.

CINOCEFALO — Gênero de macacos que habitam os desertos da África e da Arábia.

MEGALÍTICO — Diz-se dos monumentos (dolmens, menhirs) feitos de pedras enormes, em período adiantado da 'prehistória.

MUSTERIANO — 'Este termo designa o período da prehistória que se segue ao aqueuliano e precede o aurignaciano.



MARSELHESA DOS OPERÁRIOS, DE SHELLEY — "Homem da Inglaterra, por que trabalhar para os homens que vos espesinham? Por que tecer com cuidado e sacrifício as ricas roupas que vossos tiranos vestem? Por que nutrir, vestir, sustentar, do berço ao túmulo, êsses ingratos que querem esgotar o vosso suor e beber o vosso sangue? Por que, trabalhadores da Inglaterra, fazer tantas armas, cadeias e chicotes para que êsses zangões possam roubar o produto de vosso trabalho? Tendes descanso, comodidade, abrigo, alimento? Tendes o doce bálsamo do amor? Que é, pois, que comprais tão caro com os vossos sofrimentos e com as vossas penas? O grão, que semeais, é por outros colhido; a riqueza, que produzis, é por outros recolhida; os trajes, que fazeis, são por outros vestidos; as armas, que forjais, são por outros manejadas. Semeai o grão, mas que nenhum tirano o colha! Descobrí tesouros, mas que nenhum impostor os tome! Teci panos, mas que nenhum preguiçoso os vista! Fazei armas, mas usai-as para vossa defesa". (Max Beer — *História do Socialismo e das Lutas Sociais*, pág. 552, Edit. Calvino, 1944).

A Filosofia ao Alcance de Todos por Cécile Augrand

QUARTA LIÇÃO

QUE É MATERIALISMO?

Já ouvistes, talvez, dizer que a filosofia materialista é uma velha filosofia, uma doutrina antiga que não mudou desde há séculos. Nada mais falso. A história do materialismo mostra-nos essa filosofia como um pensamento inteiramente vivo e sempre em movimento.

E' necessário que assim seja: com efeito, o materialismo é a explicação científica do universo, a explicação científica do homem, das sociedades e dos trabalhos humanos. O materialismo evoluiu e progrediu ao mesmo tempo que as ciências, das quais inteiramente depende. Uma história completa do materialismo (que ultrapassaria de muito o tempo que consagramos à filosofia) seria necessariamente uma história das ciências e da sua evolução.

Hoje, o que vamos fazer é definir as bases do materialismo, as posições comuns a todos os aspectos do materialismo por mais diferentes que tenham sido através da história. Se insistimos, hoje, sobre as primeiras formas ocidentais do materialismo, é porque trataremos, noutras lições, do materialismo francês dos séculos XVII e XVIII, e, depois, longamente, do materialismo dialético de Marx e Engels.

Sabeis como apresentamos a questão fundamental da filosofia: quais são as relações do ser e do pensamento? Os materialistas afirmam que o ser, a matéria, é o elemento primordial, a coisa primeira, e que o espírito é coisa posterior, secundária, dependente da matéria.

Portanto,

1. Para os materialistas, não foi Deus ou o espírito quem criou o universo; foi a matéria, a natureza (podeis empregar essa palavra como sinónimo de matéria, mas despoçando-a de toda espécie de espiritualismo, de força misteriosa, de inspiração) que criou o espírito. Segundo a fórmula de Engels, em seu *Feuerbach*, que já citei várias vezes: "o próprio espírito não é mais do que o produto superior da matéria".

2. Para os materialistas, não pode existir pensamento, ou espírito, sem matéria ou sem corpo; não pode haver espírito puro. No século XIX, um filósofo materialista, Engels, assim se exprime:

"Nossa consciência, nosso pensamento, por mais transcendentais que pareçam, não são mais do que produtos de um órgão material, corporal: o cérebro."

Não pode, portanto, haver uma alma eterna, não pode haver uma alma independente do corpo. Enquanto que, ao contrário, a matéria pode muito bem existir, existiu e existe independente do espírito.

3. Para os materialistas, há uma identidade progressiva do pensamento e do ser, nossas idéias são construídas a partir da experiência, não há idéias inatas ou *a priori*. As idéias que fazemos do mundo são, portanto, exatas; elas o são cada vez mais à medida que aprofundamos nossa experiência, à medida que avançamos na investigação do universo, que força a matéria a revelar-se-nos.

Na última lição, tivemos tempo de insistir no caráter "agnóstico" do idealismo, que se encontra quasi sempre nêle; "agnóstico" significa: que afirma a impossibilidade de um conhecimento adequado ou perfeito do ser. Exemplo: na filosofia de Bergson, a inteligência não pode compreender a vida, não pode penetrar na natureza; compreende bem a matéria inerte, a qual se serve para fabricar os instrumentos, porque a inteligência é essencialmente fabricante ou fabricadora, sua função é criar instrumentos. (Notai que há aí alguma coisa muito interessante e justa, que as pesquisas científicas confirmam todos os dias: a inteligência é uma função técnica, uma utilização dos instrumentos). Mas Bergson, que é apenas um hábil retórico, Bergson tira desse argumento justo uma conclusão falsa. Do facto de que a inteligência humana é apta a fabricar instrumentos, êle conclui que, fascinada pelo espetáculo da matéria inerte, ela não pode compreender absolutamente a vida, ela considera-a inerte, julga-a imobilizada, fixa. E Bergson esconde o vício de seu raciocínio sob imagens que satisfazem aos espíritos preguiçosos; compara a realidade da vida, pensada pela inteligência, com águas cascateantes que caíssem geladas no solo.

Sua conclusão é que às ciências, que são também obra da inteligência, falta a verdadeira realidade da vida e que é preciso procurar fora, numa intuição, na pesquisa direta de um pensamento virgem, a posse dessa realidade. Intuição? Experiência misteriosa, pessoal e, em última análise, religiosa.

A partir do momento em que se admite isso, entra-se no domínio do obscuro, do irracional: é exatamente o mesmo caminho que leva os homens da espécie de Rosenberg, o teórico do nazismo, a inventar o mito do sangue, os mistérios do sangue. A partir do momento em que se admite uma forma de conhecimento que não a ciência, e mais verdadeiro que a ciência, está aberta a porta a todas as ideologias, por mais fantásticas que sejam, ideologias que podem servir às potências ou às classes dominantes.

* * *

Decerto que não podemos ser hoje materialistas como os discípulos de Lucrécio, mas um materialista atual está de acordo com Lucrécio e com Epicuro sobre muitos princípios fundamentais.

E' preciso distinguir entre dois problemas:

1. Que representa a matéria e quais são suas relações com o espírito?

2. Qual a constituição da matéria?

E' evidente que as respostas antigas a êsse segundo problema estão hoje ultrapassadas, abandonadas.

Como nasceu o pensamento materialista no ocidente?

E' em Epicuro (discípulo de Demócrito) que encontramos pela primeira vez um pensamento materialista coerente na antiguidade. Eliminai a idéia falsa que se dá ao "epicurismo" como um gozador (e Epicuro era um asceta), como um homem rico que goza os bens da fortuna (e Epicuro era um homem pobre, ocupado nos seus estudos e só encontrando prazer na amizade).

Epicuro ensinava filosofia, em Atenas, no ano 306 antes de nossa era. Era um momento de miséria da história de Atenas, miséria econômica e miséria política: o desemprego instalara-se em Atenas, os homens livres viam-se substituídos no trabalho por escravos públicos e privados; êsses desempregados eram jogados em grande escala no exílio, constituindo bandos de mercenários. Durante êsse tempo, os novos-ricos ostentavam sua fortuna, e a classe dos artesãos e dos mercadores desaparecia. Politicamente, Atenas via desaparecerem pouco a pouco as liberdades que possuía, as classes possuidoras detinham o poder e os cidadãos que não tivessem abstante dinheiro perdiam seus direitos políticos.

Em meio a êsse descalabro, os filósofos, como Epicuro, elevavam suas vozes e convidavam os homens sábios a sair da cidade, a sair da sociedade, para salvar sua felicidade e assegurar uma saúde moral.

(E' divertido ver os primeiros materialistas convidarem os homens a se retirar da vida cívica, a afastar-se da política, — materialismo de uma época em que as ciências mal começavam a nascer e em que os homens eram ainda muito ignorantes.)

Conheceis a imagem de Lucrécio: O sábio, no alto de uma montanha contempla a tempestade que agita as ondas: as ondas agitadas representam a condição do vulgo, a condição dos homens que vivem entre a agitação, as paixões da vida social: a montanha é o símbolo da solidão do filósofo, isolado da vida política. Mas de nada valia fugir às angústias da vida social, se, na solidão, os homens encontravam as angústias da morte, o terror dos deuses. Só uma concepção naturalista, uma concepção materialista do universo, pode dar aos homens serenidade e felicidade. É-lhes necessário um universo sem poderes espirituais, sem poderes sobrenaturais. Ora, já existia, desde o século V, uma física naturalista, a de Demócrito, que explicava as coisas pelos átomos, corpúsculos invisíveis, indivisíveis, indestrutíveis, dotados de uma forma, de uma posição, de uma dimensão. Essa representação geométrica do universo, eis o que convém a Epicuro para salvar o indivíduo nessa sociedade que se perde. Ele retoma, renovando-a, a concepção de Demócrito: imagina os átomos, corpúsculos indivisíveis, dotados de peso, que são em número limitado, e de dimensões e força diferentes, mas incapazes de mudança, essencialmente cheios. Êsses átomos caem no vazio, arrastados por seu próprio peso. Num momento indeterminado, êles se afastam um pouco da vertical, segundo a "declinação", de onde se segue que êles se chocam, saltam, depois se associam e constituem compostos.

Assim Epicuro descrevia um mundo sem finalidade, sem fim, sem deuses, no qual só agem as causas mecânicas. Nêsse universo, a própria alma do homem é material, é composta de átomos extremamente sutis, análogos aos do sopro e do calor, e de átomos mais sutis ainda. Com a desagregação do corpo, a alma dissolve-se também e morre, de tal ma-

neira que não temos mais de temer julgamentos terríveis, nem castigos do inferno.

Não há também que temer os deuses. Eles existem, concede Epicuro, mas semelhantes aos homens sem o ser; não têm corpo, mas um quasi-corpo, não têm sangue, mas um quasi-sangue, e, congelados numa calma venturosa, não atendem a nenhuma oração, não se preocupa abso-lutamente com o mundo nem com os homens.

Como disse admiravelmente Marx, esses deuses não são invenção de Epicuro:

"São os deuses plásticos da arte grega... A calma heróica é um elemento capital do caráter das divindades gregas".

O pensamento de Epicuro foi retomado no primeiro século de nossa era por um filósofo latino, Lucrécio: numa época tão cheia de lutas e tão miserável como o tempo em que viveu Epicuro: o século I de nossa era foi todo tomado por uma dupla luta entre os escravos e seus senhores, entre os nobres e os cavaleiros. Nesse período agitado, Epicuro afigura-se a Lucrécio um homem divino, um homem capaz de dar aos outros a paz e a felicidade. Ao mesmo tempo, Lucrécio via-se atraído pelo pensamento de Epicuro, por aquilo que ele contém de explicação racional do mundo, porque nesse primeiro século desenha-se um grande movimento nas ciências naturais, um grande movimento a favor da experiência e das descobertas técnicas; cultiva-se a agrimensura, a arquitetura, a hidráulica, a medicina; descobre-se a lei dos vasos comunicantes; investiga-se a origem das marés. E Lucrécio, apaixonado pelas explicações científicas, curioso de detalhes, empreende uma exposição coerente, completa, do pensamento materialista: *De Natura Rerum*. Não há nenhum lugar no *De Natura Rerum* para uma existência exterior ao mundo, não há nenhuma causa do mundo. Num espaço infinito, por um tempo infinito, tudo nasce, vive e morre conforme as leis do perpétuo movimento. Esse mundo material é independente da consciência que o homem tem dele; a realidade é estabelecida apenas pelo movimento dos átomos. Enfim, o conhecimento é uma ação do mundo sobre o homem, e todas as idéias têm sua origem na sensação.

A física dos antigos é, certamente, muito primitiva: há uma separação considerável entre a teoria e o mundo. A teoria é, além disso, muitas vezes, levantada *a priori*, antes de qualquer experiência: essa separação entre a teoria e o mundo subsistirá até o despertar da ciência moderna. E isto facilmente se explica por:

1. Ausência dos instrumentos de investigação que permitissem penetrar as aparências e atingir a realidade das coisas (é a rádio-atividade, que só ela permitiu quebrar o átomo e penetrar-lhe a estrutura).

2. Ausência de um método experimental que permitisse proceder de maneira sistemática ao estabelecimento dos factos.

3. Insuficiência dos meios matemáticos.

Por todas essas razões, os materialistas antigos cometeram graves erros.

Sabemos hoje que aqueles átomos duros e indivisíveis não correspondem a nada na natureza. Assim também nada, no antigo atomismo,

permite explicar a evolução das coisas e dos seres, pois que todo fenômeno é o aumento ou a diminuição da matéria; não se compreende a evolução qualitativa.

Da mesma maneira, aquêlê *clinamen*, aquela "declinação" dos átomos que não corresponde a nenhuma experiência e só existia para explicar a liberdade, representam uma espécie de princípio espiritual, que deixa uma passagem livre para o idealismo.

Sobre o problema: qual é a constituição da matéria? os materialistas antigos se enganaram.

Sabemos hoje (Perrin: os átomos) que o átomo é um centro em torno do qual gravita uma espécie de pequeno sistema de planetas, emitindo descargas elétricas. O centro ou núcleo do átomo é, êle próprio, complexo e de estrutura muito variada e, se se penetra nesse universo intra-atômico, descobre-se que é necessário, para interpretar os fenômenos, uma mecânica diferente da mecânica clássica e um recurso matemático novo.

A matéria não representa mais para nós o duro, o indivisível, ou o que Descartes chamava a dimensão, e que êle pensava ser alguma coisa de simples: a matéria representa para nós êsses átomos, cuja complexidade e mobilidade os físicos e os químicos nos revelam.

E' também verdade que os materialistas antigos, porque tinham um método de excluir as forças espirituais do mundo e descrevê-las geomêtricamente, realizaram certo número de antecipações notáveis às verdades científicas ulteriores.

Exemplos:

1. Quando os átomos se reúnem num composto, êles nem por isto deixam de conservar o movimento atômico, de tal maneira que um corpo qualquer está em estado constante de vibração interna: ora, hoje, sabemos que o repouso de um fluido em equilíbrio é apenas aparente e esconde um regime de violentas perturbações internas; sabemos que a imobilidade é uma pura aparência, que a matéria sem movimento é inconcebível.

2. A indestrutibilidade da matéria, princípio fundamental de Epicuro e de Lucrécio, representa uma como antecipação aos princípios de Lavoisier.

3. A afirmação de uma causalidade universal, isenta de toda finalidade, anuncia o princípio do determinismo de que Claude Bernard dirá, no século XIX, que é a condição de toda pesquisa científica.

4. Há no *De Natura Rerum* um esboço da evolução animal que contém em germe as hipóteses de Darwin, etc., etc.

O materialismo antigo anuncia muitas vêzes as sublimes descobertas da ciência futura e, se bem que se tenha enganado sobre o problema, que não podia resolver, da constituição da matéria, não deixou de resolver corretamente o problema das relações do pensamento e da matéria; nesse ponto todas as descobertas da ciência confirmaram seus resultados.

O que resta, hoje, do materialismo antigo é o seguinte:

1. A *objetividade do universo*

Epicuro escreveu:

"O universo compõe-se dos corpos e do espaço; a existência dos corpos nos é garantida acima de tudo pela sensação... Quanto ao espaço... à dimensão... se não existisse, os corpos não teriam onde pousar ou permanecer, nem intervalo onde se mover, e, no entanto, êsse movimento é evidente".

Lucrécio disse:

"A existência da matéria é suficientemente afirmada pelo senso comum".

Assim escrevia Lênin no *Materialismo e Empirocriticismo*:

"A noção de matéria não exprime sinão a realidade objetiva que nos é dada pela sensação".

O argumento de Berkeley da relatividade das sensações ou dos erros dos sentidos nada vale contra a objetividade do mundo. A ciência permite ultrapassar êsses erros e dominar melhor a realidade dêsse mundo, do qual a sensação é apenas um conhecimento aproximado. Compreendi bem que, se digo a objetividade do universo, quero dizer também a objetividade do espaço e do tempo. Uma forma de idealismo mais apurado que o de Berkeley, como o idealismo de Kant, afirmando a existência de uma realidade objetiva, assegura que o espaço e o tempo são quadros que pertencem ao espírito e que o espírito impõe ao ser: é ainda idealismo, e Engels escreve a êsse respeito:

"O espaço e o tempo são formas fundamentais de toda existência; a existência fora do tempo é um absurdo tão monstruoso quanto a existência fora do espaço".

Eis a definição que dá Lênin do universo:

"E' a matéria em movimento e essa matéria em movimento não pode mover-se de outro modo que não no espaço e no tempo.

2. *A independência da matéria em relação ao espírito e a dependência do pensamento em relação à matéria.*

Sem dúvida, a explicação da alma por um composto de átomos de diferentes sutilezas é grosseira, mas o desenvolvimento das ciências psicológicas prova, no entanto, com factos precisos e leis sólidamente estabelecidas, que a percepção depende dos órgãos dos sentidos, dos nervos sensitivos, dos centros especializados do cérebro, centros auditivos, visuais, olfativos, etc.

Que a memória é essencialmente material, corporal, e que ela consiste na conservação dos fenômenos bio-elétricos no cérebro.

Que a atenção e o raciocínio dependem de uma tonicidade geral do organismo, de uma tonicidade muscular e nervosa.

Todo pensamento aparece com a formação de um organismo suficientemente diferenciado e hierarquizado, todo pensamento se altera ou desaparece desde que êsse organismo é lesado, de tal maneira que um materialista de hoje não pode conceber, do mesmo modo que um materialista antigo, o pensamento puro, a alma imortal ou eterna.

Pelo contrário, um materialista, hoje, como no tempo de Epicuro, hoje muito melhor que no tempo de Epicuro, afirma a independência da matéria em relação ao espírito:

a) por um lado, os progressos das ciências fazem-nos conhecer precisamente uma quantidade de movimentos que se realizam de maneira

inteiramente mecânica, sem nenhuma espécie de pensamento; quero falar particularmente no terreno da biologia, no qual se teve tanto trabalho para subtrair do movimento o pensamento; o comportamento instintivo e o comportamento habitual dos seres vivos explicam-se como reações determinadas a *stimuli* determinados, reações que variam em função do meio.

b) por outro lado, as ciências da natureza afirmam positivamente que a terra existiu em estados tais que nem o homem nem qualquer outro ser vivo a habitaram nem podiam habitá-la. A matéria orgânica foi um fenômeno tardio, o produto de uma longa evolução (Lénin: *Materialismo e Empiocríticismo*). O homem, mesmo, apareceu muito tarde na história do mundo. Surgiu de espécies que o anunciaram, e sua inteligência forma-se e desenvolve-se ao mesmo tempo que se forma e se desenvolve sua estrutura fisiológica, tão sutilmente diferenciada (Prenant: 1. Darwin 2. *Marxisme e biologie*).

3. O que ficou do materialismo antigo, foi a impossibilidade da criação do mundo, que se tornou um mito como o dos infernos e o do Juízo Final.

A matéria existe, no espaço e num certo momento: em consequência, o universo não podia ter sido criado, porque seria necessário a Deus, para poder criar o mundo, um momento que não existiu em nenhum momento (Deus, por definição, está fora do tempo). E, desde que Deus está fora do espaço, do movimento e da matéria, seria necessário que ele criasse o átomo, o espaço e o movimento partindo do nada ou do espírito, mas nunca se verificou que o espírito tenha criado o espaço e o átomo: isso não existe.

A criação é um mito, uma fantasia dos homens ainda ignorantes, ou, então, um anelo do coração, uma aspiração que escapa ao controle científico e contradiz todos os dados das ciências. Isso leva-me à seguinte conclusão:

O que subsiste dos materialistas antigos, no materialismo contemporâneo, é a paixão do conhecimento científico, a firme vontade de decifrar o mundo, de escrever sob sua direção, de surpreendê-lo pouco a pouco em todos os seus segredos, de compreendê-lo pouco a pouco através de uma expressão matemática cada vez mais simples e precisa.

O filósofo materialista é aquele que, em todos os tempos, como os enciclopedistas, tem por missão fazer conhecidos todos os resultados das ciências, a fisionomia do universo que as ciências descobrem. Esta é a sua obra — ele é o vulgarizador das ciências — obra que não pode ser a dos sábios absorvidos pelas pesquisas de detalhe, obra magnífica para a qual Voltaire exortava os seus contemporâneos: esclarecer o povo, esclarecer a nação.



RESPONDA QUEM PUDE... — Será possível admitir-se que o “capital financeiro” deixe de ser rapace, escravizador das massas? Mas, se ele, para poder sobreviver, tem cada vez mais que expoliar as massas?

De Tudo, um Pouco...

SOCIALISMO NA PRÁTICA — Passando um vagabundo de nacionalidade cubana por uma propriedade do conde de Romanes, êste encontrou-o e disse-lhe: Sabe que estas terras são minhas, e não consinto que estranhos transitem por elas? — Pois são suas estas terras? — exclamou o vadio, zombando. — Tem graça. Entretanto, como eu não possuo terra alguma, tenho de pisar a alheia. E, a propósito, como obteve o senhor estas terras? — Herdei-as dos meus antepassados. — E êles, como as conseguiram? — Legadas pelos seus maiores. Ora, esta! — E êsses maiores, como as obtiveram? — Bateram-se para conquistá-las. — Nesse caso — acudiu o pândego, arregaçando as mangas — venha para aqui; também eu quero bater-me, para conquistá-las, como fizeram seus avós. Retirando-se, lépido, o conde recusou a proposta.

A CTAL DENUNCIARÁ — Toledano, presidente da CTAL, anunciou que a próxima reunião do CC da CTAL fará revelações sensacionais sôbre as intenções da Federação Americana do Trabalho (AFI) de corromper o movimento proletário latino-americano.

“Temos provas documentais — declarou Toledano — das tentativas realizadas pelos dirigentes da AFI e pelos agentes do alto clero reacionário, de corromper o movimento sindical mexicano”.

Toledano afirmou que a próxima reunião do CC da CTAL “seria uma das mais importantes na história do movimento proletário” e a agenda do mesmo compreenderá:

1 — Um estudo dos problemas econômicos do Continente Americano, especialmente a inflação e a desproporção entre salários e preços;

2 — O exame das diversas proposições apresentadas pelos Estados Unidos em relação com o futuro econômico e militar do Hemisfério, inclusive o “Plano Truman”.

Todas as centrais nacionais serão convidadas a enviar delegados. Ainda não está decidido qual será a sede da reunião.

ÚLTIMAS EDIÇÕES

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, por Max Beer, 2 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA, por Lapidus e Ostrovianov, 2 vols. Preço de cada vol. Cr\$25,00

LENINE, SUA VIDA E SUA OBRA, por D. S. Mirski Cr\$25,00

CARLOS MARX, SUA VIDA E SUA OBRA, por Max Beer (Com um resumo d'O CAPITAL) . . Cr\$25,00

A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTAOS SOCIAIS, por Lisandro de la Torre Cr\$25,00

TRÊS PRINCÍPIOS DO POVO, por Sun Yat Sen Cr\$25,00

A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO, por F. Engels (Como Apêndice, "O Código Soviético da Família") Cr\$25,00

ANTI-DUHRING, por Frederico Engels Cr\$30,00

CAUSAS ECONÔMICAS DA REVOLUÇÃO RUSSA, por M. N. Pokrovski (Como Apêndice, "Preço, Salário e Lucro", por Marx) Cr\$25,00

URSS, UMA NOVA CIVILIZAÇÃO, por Sidney e Beatrice Webb, 5 vols. Preço de cada volume . . . Cr\$25,00

A MEDICINA NA RUSSIA SOVIÉTICA, pelo Dr. Lelio Zeno . . Cr\$25,00

O GÊNIO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA, pelo Instituto M. E. L., de Moscou Cr\$25,00

DEMOCRACIA DE HOJE E DE AMANHÃ, por Edvard Benes . . Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX, ENGELS, LENINE E STALIN SOBRE LITERATURA E ARTE, por Jean Freville Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE FILOSOFIA, seleção de J. Duret Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE ECONOMIA POLÍTICA, seleção de P. V. Nizan . . . Cr\$25,00

O PODER SOVIÉTICO, pelo Deão de Canterbury Cr\$25,00

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Deão de Canterbury Cr\$25,00

MISSÃO EM MOSCOW, por Joseph E. Davies Cr\$25,00

MISSÃO EM TOQUIO, por Joseph C. Grew Cr\$30,00

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, por John Reed Cr\$25,00

SANTA RUSSIA, por Maurício Hindus Cr\$30,00

O SEGREDO DA RESISTÊNCIA RUSSA, por Maurício Hindus . . Cr\$25,00

A RUSSIA ESMAGARA O JAPÃO, por Maurício Hindus Cr\$25,00

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Louise Strong . . Cr\$25,00

A CHINA LUTA PELA LIBERDADE, de Anna Louise Strong . . Cr\$25,00

RIO SELVAGEM (Romance da construção socialista), de Anna Louise Strong Cr\$25,00

ENTRE DOIS MUNDOS, memórias de Anna Louise Strong . . . Cr\$30,00

ÁSIA SOVIÉTICA, por Davies & Steiger Cr\$25,00

A VERDADE SOBRE A RELIGIÃO NA RUSSIA, pelo Patriarca Sérgio e outros Cr\$25,00

STALIN, por Emil Ludwig . . Cr\$25,00

PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA, pela Dra. Ester Conus . . Cr\$25,00

A QUESTÃO AGRÁRIA, por V. I. Lenin Cr\$25,00

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO, por F. Engels, A. Taitelmer, H. Marari e L. Ségal . . . Cr\$30,00

MARX, ENGELS E MARXISMO, por Lenin, Marx e Engels, 2 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Luis Ségal, 2 vols. Cada volume . . . Cr\$25,00

A DEFESA ACUSA... — de Marcel Willard Cr\$25,00

MATERIALISMO E EMPIRO-CRITICISMO, de V. I. Lenin, 2 vols. Preço de cada volume Cr\$35,00

PRESTES E A REVOLUÇÃO SOCIAL, de Abguar Bastos Cr\$ 35,00

Editorial CALVINO Limitada

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

AVISO AOS NOSSOS LEITORES

Em face do aumento vertiginoso e incessante dos preços das utilidades, não poderemos fugir, desta vez, à contingência de termos de aumentar o preço de venda e assinaturas desta revista, a partir deste número. Com a subida dos preços tipográficos, o encarecimento do papel, a majoração dos salários, dos impostos, etc., não nos restará outra saída, senão aumentar também os preços de *Divulgação Marxista* para Cr\$ 7,00 o número da quinzena; Cr\$ 10,00 os números atrasados; Cr\$ 35,00, Cr\$ 70,00 e Cr\$ 140,00, respectivamente, as assinaturas trimestral, semestral e anual. Os amigos não devem perder de vista, outrossim, o facto de que D.M. não publica matéria paga de qualquer espécie, vivendo exclusivamente da favor dos seus leitores, através da venda avulsa e das assinaturas. Assim sendo, nossos amigos compreenderão facilmente as razões determinantes de nossa deliberação, uma vez que sempre lutamos em prol do maior e melhor texto pelo menor preço.

LIVROS DE GRANDE ATUALIDADE

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, de Max Beer — Neste livro extraordinário, a História da Humanidade não é contada como nos livros clássicos, nos quais os guerreiros são endeusados, os reis exaltados, a pompa, o luxo e as concubinas decantados. É a história do mundo vista por um ângulo diferente: o do esforço titânico das classes trabalhadoras, desde os primórdios da humanidade até os nossos dias, em busca da justiça social. Dois volumes. Preço de cada um: Nas Livrarias ou pelo Reembolso Postal Cr\$ 25,00

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Luis Segal — O autor é catedrático de Economia e Sociologia do Instituto Marx-Engels-Lénin, de Moscou. Seu trabalho é reconhecido como o mais completo e moderno tratado de economia política ora existente, porque estuda de forma profunda todos os antigos e modernos sistemas da organização política e econômica da sociedade até os tempos atuais. Dois volumes. Preço de cada volume: Nas Livrarias ou pelo Reembolso Postal Cr\$ 25,00

A ALMA DA QUINTA COLUNA É O INTEGRALISMO

Editorial CALVINO Limitada — Av. 38 de Setembro, 174
Rio de Janeiro